

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Dandara Perlin Pereira

**“CONDUZIU AS MULHERES AOS COMBATES BÉLICOS E  
ATRIBUIU AOS HOMENS HUMILHAÇÃO E ESCRAVIDÃO”: A  
BARBARIDADE DO FEMININO E A FEMINILIDADE DO BÁRBARO  
DAS AMAZONAS EM DIODORO SÍCULO (SÉCULO I A.C.)**

Santa Maria, RS  
2021

**Dandara Perlin Pereira**

**“CONDUZIU AS MULHERES AOS COMBATES BÉLICOS E ATRIBUIU AOS HOMENS HUMILHAÇÃO E ESCRAVIDÃO”: A BARBARIDADE DO FEMININO E A FEMINILIDADE DO BÁRBARO DAS AMAZONAS EM DIODORO SÍCULO (SÉCULO I A.C.)**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História, Área de concentração em História, Poder e Cultura da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em História**.

Orientadora: Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva

Santa Maria, RS  
2021

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Pereira, Dandara Perlin

"Conduziu as mulheres aos combates bélicos e atribuiu aos homens humilhação e escravidão": a barbaridade do feminino e a feminilidade do bárbaro das Amazonas em Diodoro Sículo (século I a.C.) / Dandara Perlin Pereira. 2021.

131 p.; 30 cm

Orientador: Semíramis Corsi Silva  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, RS, 2021

1. Amazonas 2. Diodoro Sículo 3. Mitologia Grega 4. Gênero 5. Identidade Cultural I. Silva, Semíramis Corsi II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

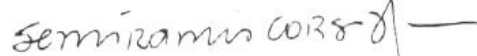
Declaro, DANDARA PERLIN PEREIRA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

**Dandara Perlin Pereira**

**“Conduziu as mulheres aos combates bélicos e atribuiu aos homens humilhação e escravidão”: a barbaridade do feminino e a feminilidade do bárbaro das Amazonas em Diodoro Sículo (século I a.C.)**

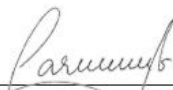
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História, Área de concentração em História, Poder e Cultura, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em História**.

**Aprovado em 18 de agosto de 2021:**



---

**Semíramis Corsi Silva, Dr. (UFSM) - Videoconferência**  
Presidente/Orientadora



---

**Carolina Kesser Barcellos Dias, Dra. (UFPEL) - Videoconferência**



---

**Carlos Eduardo da Costa Campos, Dr. (UFMS) - Videoconferência**

---

**Juliana Bastos Marques, Dra. (UNIRIO) - Videoconferência**  
Suplente

Santa Maria, RS  
2021

*Todos os homens, pela fraqueza de sua natureza, vivem uma parte insignificante de toda a eternidade e estão mortos todo o tempo subsequente e, para aqueles que não fizeram nada de notável em sua existência, junto com o fim do corpo, tudo o mais na vida também morre; mas, para os que conquistaram a glória pela virtude, são lembrados de suas ações por toda a eternidade, proclamadas pela boca divina da história.*

Diodoro Sículo, **Biblioteca Histórica**, I, 2, 3.

## AGRADECIMENTOS

Sou a segunda pessoa entre os Perlin a concluir um Mestrado, e a primeira entre os Pereira. Carregar esses sobrenomes significa ser proveniente do campo e da periferia, onde o trabalho braçal foi o único horizonte por gerações. Na Quarta Colônia de Imigração Italiana, por muito tempo, a educação foi de difícil acesso, e o Ensino Superior era um privilégio concedido apenas aos mais abastados. Meus avós maternos não concluíram o Ensino Fundamental, minha avó paterna concluiu o Ensino Médio já idosa, pelo EJA. Meus pais não tiveram acesso ao Ensino Superior na minha idade. De fato, minha mãe está concluindo a Graduação enquanto eu concluo o Mestrado.

Felizmente, a minha geração e dos(as) meus(minhas) primos(as), graças ao trabalho de nossos pais e da ampliação do acesso à educação, conseguiu concluir a Graduação. Eu e metade dos(as) meus(minhas) primos(as) tivemos a oportunidade de ter nossa formação Superior pela UFSM. Portanto, primeiramente, eu agradeço à Educação Pública e à Universidade Federal de Santa Maria pela oportunidade. Principalmente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo incentivo a pesquisa. Fui bolsista durante todo o período do Curso, o que foi fundamental para que eu conseguisse concluir a Pós-Graduação. Espero que minha pesquisa enquanto Professora-Historiadora possa contribuir para a educação no Brasil, de forma a retribuir as oportunidades que eu tive.

Reconheço, porém, que essas oportunidades não me foram dadas arbitrariamente, mas que partem do meu esforço e dedicação e, portanto, gostaria de agradecer à Prof<sup>a</sup>. Dra. Semíramis Corsi Silva, minha orientadora, por confiar e acreditar na minha capacidade e no meu trabalho desde 2016, quando passei a integrar o GEMAM (Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrâneo). Especialmente durante o Mestrado, quando o contexto da pandemia nos afetou seriamente, a Professora compreendeu as minhas dificuldades, confiou em mim e me estimulou para que eu concluísse o trabalho com sucesso. Por isso, sou muito grata e desejo que nossa parceria continue por anos ainda.

Por falar em dificuldades, é essencial que eu agradeça à minha mãe, Jucelaine Perlin, que me deu todo o apoio necessário mais uma vez, apesar de ter suas próprias responsabilidades para dar conta, cuidando tão bem de mim durante mais dois anos e meio de vida acadêmica. Graduação e Mestrado são etapas desafiadoras em nossas vidas, e ter uma à outra foi fundamental para seguirmos com determinação e concluirmos de cabeça erguida os nossos respectivos cursos. Muito obrigada, mãe, por ser a principal responsável pela mulher que eu

venho me tornando, por todo o seu cuidado, sua dedicação e seu estímulo. A conclusão dessa fase também é uma conquista sua.

Agradeço à banca examinadora deste trabalho, a Prof<sup>ª</sup>. Dra. Carolina Kesser e o Prof. Dr. Carlos Eduardo Campos por acompanharem o meu trabalho desde a qualificação em julho de 2020, pelas ricas recomendações, e pelas palavras generosas. Suas contribuições foram essenciais para as reflexões desenvolvidas nesta pesquisa me estimulando e me dando energia. Agradeço também à Prof<sup>ª</sup>. Dra. Juliana Bastos Marques, que concordou em participar desta defesa como suplente, e ao Prof. Dr. Félix Jácome, que foi suplente na banca de Qualificação e meu professor de grego durante o Mestrado. Muito obrigada a todos os quatro por acolherem a leitura de minha Dissertação.

Agradeço aos meus amigos que indiretamente participaram deste processo: Tailiny Fabris, Arthur Stieler, Henrique Pause, Luiza Rubin, Bibiana Cervi, Rodrigo Oliveira, Gabriel Reis. A companhia presencial ou virtual de vocês coloriu esses dois anos e meio de formação. Muito obrigada! Agradeço especialmente o meu companheiro, Igor Pimenta. Nos conhecemos dois dias antes de eu começar o Mestrado e ele acompanhou todo esse processo de perto, os dias de alegria e os dias de estresse. Obrigada por acreditar no meu desenvolvimento profissional e investir nele, me estimulando e me apoiando constantemente.

Agradeço ao Prof. Me. Juarez Oliveira, o Jota, pela revisão e correção das traduções dos trechos em grego da **Biblioteca Histórica** utilizados nesta Dissertação. Muito obrigada também a Prof<sup>ª</sup>. Ma. Fidah Mohamad Harb pela preparação e revisão de Português deste trabalho. A parte técnica também é fundamental em um trabalho científico. Assim, graças ao Jota e à Fidah, esperamos que este esteja adequadamente apresentável ao leitor(a).

Estando em Santa Maria e escrevendo a partir do bairro Nossa Senhora de Fátima, não posso concluir sem antes agradecer à minha Mãe do Céu, que olha por mim desde a minha infância, me cuidando o tempo todo, mesmo quando eu estava distante do caminho de Cristo. A pandemia me reaproximou da minha religiosidade, e me conectou com lado espiritual, buscando nutrir uma vida saudável mental, física e espiritualmente. Essa companhia foi fundamental para que eu me mantivesse alegre e esperançosa, mesmo com os desafios que 2020 e 2021 colocaram à minha frente. Orgulhosamente finalizo este Curso de Mestrado. Por fim, obrigada a todos que contribuíram neste processo, obrigada Santa Maria, mãe de Deus, pelo acolhimento, serenidade, coragem e sabedoria – necessários – para continuar o meu caminho.

## RESUMO

### “CONDUZIU AS MULHERES AOS COMBATES BÉLICOS E ATRIBUIU AOS HOMENS HUMILHAÇÃO E ESCRAVIDÃO”: A BARBARIDADE DO FEMININO E A FEMINILIDADE DO BÁRBARO DAS AMAZONAS EM DIODORO SÍCULO (SÉCULO I A.C.)<sup>1</sup>

AUTORA: Dandara Perlin Pereira  
ORIENTADORA: Semíramis Corsi Silva

As Amazonas são um povo mítico de mulheres guerreiras localizadas pelos gregos às margens do Mar Negro, e ao longo da Antiguidade Clássica, foram associadas às narrativas de grandes heróis gregos como Hércules, Teseu, Aquiles e Belerofonte. Não obstante, sobreviveram às eras e chegaram aos dias atuais, presente na cultura pop e na geografia brasileira. Nesta Dissertação, estudamos o mito das Amazonas a partir da obra de Diodoro Sículo, a *Biblioteca Histórica*, buscando observar como o autor se manifesta em relação ao feminino e ao bárbaro. Para isso, utilizamos conceitos como *gênero* e *identidade cultural*, estudados a partir de uma *análise interseccional* para compreender como a feminilidade e o bárbaro em Diodoro Sículo não são elementos desvinculados. Analisamos o mito das Amazonas em consonância com as narrativas que as precedem e sucedem na obra, compreendendo como a temática do governante e da mulher guerreira, principalmente, adquirem significados distintos conforme o autor narra os mitos das Amazonas e de outras mulheres e homens marcantes. A **Biblioteca Histórica** possui um forte caráter moralizante, propósito educativo, e se relaciona claramente com o período histórico turbulento no qual o autor do século I a.C., está vivendo. Nesse sentido, este trabalho busca trazer um panorama geral da obra de Diodoro, a contextualização do mito das Amazonas nela, a historiografia em torno desse mito e uma análise interseccional entre gênero e identidade cultural centrada em temáticas de destaque na narrativa.

**Palavras-chave:** Amazonas, Diodoro Sículo, Mitologia Grega, Gênero, Identidade Cultural.

---

<sup>1</sup> Trabalho vinculado à Linha de Pesquisa “Fronteira, Política e Sociedade” do PPGH UFSM e financiado por bolsa de Pós-Graduação CAPES/DS.



## ABSTRACT

### **“SHE LED FORTH THE WOMEN TO THE CONTESTS OF WAR, BUT UPON THE MEN SHE FASTENED HUMILIATION AND SLAVERY”: THE BARBARITY OF THE FEMININE AND THE FEMININITY OF THE BARBARIAN OF THE AMAZONS IN DIODORUS SICULUS (1st CENTURY BC)**

AUTHOR: Dandara Perlin Pereira  
ADVISOR: Semíramis Corsi Silva

The Amazons are a mythical people of women warriors located by the Greeks on the shores of the Black Sea, and throughout Classical Antiquity they were associated with the narratives of great Greek heroes such as Hercules, Theseus, Achilles and Bellerophon. Nevertheless, they survived the ages and reached the present day, present in pop culture and Brazilian geography. In this Dissertation, we study the myth of the Amazons based on Diodorus Siculus' work, the *Historical Library*, seeking to observe how the author manifests himself in relation to the feminine and the barbarian. For this, we use concepts such as *gender* and *cultural identity*, studied from an intersectional analysis to understand how femininity and the barbarian in Diodoro Sículo are not unrelated elements. We analyze the myth of the Amazons in consonance with the narratives that precede and succeed them in the work, understanding how the theme of the ruler and the warrior woman, mainly, acquire different meanings as the author narrates the myths of the Amazon and other outstanding women and men. The Historical Library has a strong moralizing character and educational purpose, and clearly relates to the turbulent historical period in which the 1st century BC author is living. In this sense, this Dissertation seeks to bring an overview of Diodorus' work, the contextualization of the myth of the Amazon in it, the historiography surrounding this myth and an intersectional analysis between gender and cultural identity centered on prominent themes in the narrative.

**Keywords:** Amazons, Diodorus Siculus, Greek Mythology, Gender, Cultural Identity.

## LISTA DE MAPAS

- Mapa 1: Representa aproximadamente o território conquistado pelas Amazonas de acordo com Diodoro Sículo (II, 45, 5; 46, 2) .....78
- Mapa 2: Representa aproximadamente o território percorrido pela expedição militar de Mirina de acordo com Diodoro Sículo (III, 55, 4-8) .....83

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>1 DIODORO SÍCULO NO SÉCULO I A.C. ENTRE MITO E HISTÓRIA</b> .....	31
1.1 DIODORO SÍCULO E A COMPOSIÇÃO DA BIBLIOTECA HISTÓRICA NO SÉCULO I A.C. ....	31
1.2 MITO E HISTÓRIA NA OBRA DE DIODORO SÍCULO .....	45
<b>2 AS AMAZONAS NA HISTORIOGRAFIA E NA BIBLIOTECA HISTÓRICA</b> .....	59
2.1 A HISTORIOGRAFIA SOBRE AS AMAZONAS .....	59
2.2 O MITO DAS AMAZONAS NA <b>BIBLIOTECA HISTÓRICA</b> .....	76
<b>3 INTERSECCIONALIDADE ENTRE GÊNERO E IDENTIDADE CULTURAL NAS AMAZONAS DE DIODORO SÍCULO</b> .....	93
3.1 A BARBARIDADE DO FEMININO E A FEMINILIDADE DO BÁRBARO.....	93
3.2 “SERIA TERRÍVEL SE [...] TOLERASSE ALGUM DOS POVOS GOVERNADOS POR MULHERES”: AS AMAZONAS SUBMETIDAS PELA CULTURA HELÊNICA	111
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	121
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	129
<b>Documentais</b> .....	129
<b>Bibliográficas</b> .....	129



## INTRODUÇÃO

O trabalho com o mito das Amazonas nos acompanha desde os projetos do Programa de Licenciaturas desenvolvidos durante a graduação em História, em 2017 e 2018. Em tais projetos percebemos que as alunas e os alunos do Ensino Fundamental, da turma a qual nosso trabalho foi desenvolvido, tinham como um de seus principais interesses as religiões dos povos da Antiguidade<sup>1</sup>. Da mesma forma, nosso interesse por mitologia grega também data de nossa infância. Assim, aliando os interesses das turmas e o nosso desejo de conhecimento, em consonância com os objetivos das professoras e com os conceitos trabalhados pelo Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrânico – GEMAM, desenvolvemos um material didático para o 6º ano, pensando elementos de gênero presentes nas narrativas míticas<sup>2</sup>. Nesta ocasião, então, foi selecionado para a discussão o Mito das Amazonas, mulheres guerreiras com as quais tivemos contato pela primeira vez por meio de um capítulo de Arturo Sanz, em um livro organizado pelos historiadores que compõem a banca examinadora deste trabalho, Semíramis Corsi, Carolina Kesser Barcellos Dias e Carlos Eduardo da Costa Campos. A partir daí, portanto, decidimos aprofundar a análise desse mito no Mestrado em História.

As Amazonas são um povo mítico de mulheres guerreiras que os gregos Antigos acreditavam existir para além das fronteiras da Hélade. Elas geralmente eram localizadas na região em torno do Mar Negro, como o Cáucaso, o norte da atual Turquia, o sul da Ucrânia e a Bulgária e Romênia, na antiga Trácia. Essas mulheres foram um tema comum na arte e na literatura da Grécia Antiga e persistiram ao longo do tempo, sobrevivendo na Idade Média e Moderna, gerando fascínio. Seu mito está presente no Brasil na região da Amazônia, o “país das Amazonas”, que os navegadores ibéricos acreditavam ter encontrado ao ver mulheres arqueiras e lanceiras entre a população nativa. Sua presença na Antiguidade era marcada por seu papel como oponentes de heróis como Belerofonte, Hércules, Teseu e Aquiles. Na atualidade, a influência das Amazonas persiste por meio das histórias em quadrinhos, filmes e séries que trazem a personagem Mulher-Maravilha, uma amazona. Frequentemente, Diana (a

---

<sup>1</sup> O trabalho foi realizado junto a turmas de sexto ano da Escola Estadual de Educação Básica Dom Antônio Reis em Faxinal do Soturno/RS.

<sup>2</sup> **A mulher grega mítica: ideal e realidade da mulher aristocrática (História – 6º Ano)**, vídeo didático disponível no YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=S3cn6NPRCxc>), produzido como bolsista do PROLICEN em 2017. **Mulheres Bárbaras na Mitologia Grega: Gênero e estruturação das relações sociais no Mediterrâneo a partir de documentos históricos**, cartilha de Apoio Pedagógico para professores da Educação Básica, produzido como bolsista do PROLICEN em 2018. Disponível em anexo na monografia da autora no site academia.edu: (PDF) **A mitologia grega entre a escola e a universidade**: contribuições para o ensino de história antiga e para o debate de gênero na educação básica, TCG de Dandara Perlin Pereira | Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrânico GEMAM - Academia.edu.

Mulher-Maravilha) está relacionada a Hipólita e Antíope e as Amazonas de Temiscira, todas retiradas da mitologia grega, sua herança atravessando os milênios desde o século VII a.C. até o atual século XXI.

Levando em consideração o interesse gerado pelas Amazonas ao longo da História, nossa pesquisa de Mestrado centra-se nesse povo mítico, buscando identificar, analisar e compreender elementos de gênero interseccionados a questões de identidade cultural nos mitos das Amazonas narrados por Diodoro Sículo, historiador do século I a.C., em sua obra **Biblioteca Histórica**. Objetivamos, com isso, compreender como as visões do autor sobre o feminino e o bárbaro se relacionam com seu contexto histórico e o papel da narrativa mítica em sua obra. A partir de um estudo do contexto do autor e sua inserção no mesmo, partimos do pressuposto de que a longa narrativa das Amazonas em sua obra não está isenta de intenções, conscientes ou não. Diante disso, partimos do pressuposto de que 1) o feminino é compreendido como bárbaro e o bárbaro é compreendido como feminino por Diodoro Sículo; 2) domesticar a barbaridade do feminino exige a intervenção da cultura helênica; 3) o autor, ao construir sua visão sobre o feminino e o masculino e os papéis designados a homens e mulheres, busca veicular ensinamentos voltados para os leitores de sua obra.

A **Biblioteca Histórica** é uma obra de história universal composta por quarenta livros escritos ao longo de trinta anos pelo historiador siciliano Diodoro, proveniente da cidade de Agírio, que viveu aproximadamente entre 90 e 20 a.C. Segundo Francisco Alasà (2001, p. 7), Diodoro provavelmente possuía terras que permitiram que ele não se preocupasse com condições materiais e pudesse se dedicar a viajar, pesquisar e escrever. Já conforme Charles Muntz (2017, p. 2), “enquanto quase todos os outros intelectuais gregos atestados do período estão associados a romanos proeminentes ou famílias romanas, Diodoro não tinha conexões conhecidas. Ele foi um verdadeiro estranho”<sup>3</sup>. A partir disso, Muntz (2017) sugere que Diodoro provavelmente estava tentando atrair a atenção de algum patrono romano com sua **Biblioteca**. Sabemos, por meio de sua obra, que ele esteve no Egito na 180ª Olimpíada, entre os anos 60 a 56 a.C. (ALASÀ, 2001), quando começou sua pesquisa para a escrita da obra. A última data no trabalho de Diodoro é 36 a.C., quando Otávio expulsa os habitantes do Tauromênio (Taormina) na Sicília e instala uma colônia romana no lugar.

*A Biblioteca Histórica* foi projetada para conter todos os eventos humanos em todo o mundo desde o início dos tempos até sua época. E não como um catálogo simples, mas em uma ordem e um relacionamento apertados. Diodoro era estoico e, como tal,

---

<sup>3</sup> São nossas as traduções de citações de obras cujo idioma original é o inglês ou o espanhol. Os títulos originais, de forma a identificá-las, estão presentes nas referências bibliográficas.

pensava que o devir não é algo desconectado e acidental, mas que todo o cosmos é governado e harmonizado em um relacionamento comum. É o que ele chama de “História Universal” (ALASÀ, 2001, p. 10).

Organizando um início para sua obra monumental, Diodoro fez recortes de tempo e distribuições de espaço. Desta forma, os primeiros seis livros (os livros de I a V chegaram completos aos dias atuais, o VI está em fragmentos) ficam divididos entre a história dos bárbaros e as antiguidades dos gregos. Dos livros VII ao XL, Diodoro divide ao longo do tempo a história dos gregos (destes, apenas os livros IX a XX nos chegaram inteiros). Segundo Alasà (2001, p. 12-13), do livro VII em diante, o autor utiliza o formato de anais, diferentemente dos seis primeiros livros, datando o ano com o arconte de Atenas e os cônsules de Roma, e descrevendo os acontecimentos das mais diversas regiões. De forma geral, a história de Grécia e Roma foi ordenada de acordo com a datação, e a história dos bárbaros, organizada geograficamente.

Segundo Alasà (2001), e de acordo com o que nós também podemos perceber da leitura da fonte (DIOD. SIC, I, 3), a intenção de Diodoro é construir algo novo e diferente, uma história universal mais completa do que as que vinham sendo feitas anteriormente. Diodoro não apenas resume outros autores, como faz uma síntese pessoal e original de tudo o que aconteceu no mundo antes dele e mostra de que forma os acontecimentos não são por acaso, mas relacionados à Divina Providência e à natureza.

No século XIX, com a pesquisa de fontes, a *Quellenforschung* alemã, Diodoro passa a ser desacreditado como simples compilador, sendo considerado escritor de uma obra cheia de erros, contradições, plágios e sem estilo de escrita. De meados do século XIX ao final do século XX, no entanto, novas pesquisas começaram a demonstrar a originalidade e a capacidade de Diodoro (seus erros também eram cometidos por outros autores agraciados, mas que são acentuados em Diodoro também porque sua obra é muito maior e mais difícil de ser analisada por completo). “A obra de Diodoro, antes unanimemente criticada, começou a ser controvertida, estudada a fundo e apreciada. Os últimos editores e tradutores estão lhe fazendo justiça e hoje podemos ler afirmações impensáveis anteriormente” Alasà (2001, p. 22).

Segundo Cynthia Mota (2008), a **Biblioteca Histórica** tem um propósito educativo bastante exposto, elemento que também podemos perceber ao analisar a fonte. “Suas descrições são plenas de moralismo, pois pretende influir no comportamento *individual* de seus leitores. [...] A questão é que a história diodoriana não é “neutra”: o autor toma partido em todos os momentos de sua narrativa” (MOTA, 2008, p. 14). Para Diodoro “a história é um tribunal, o historiador faz o papel de juiz e aponta seu dedo para os grandes com sentimento não somente

inquisidor, mas, sobretudo, de alguém que faz *justiça*” (MOTA, 2008, p. 16). Mota considera Diodoro um grande incompreendido e aponta que, geralmente, ele é lido como trampolim para obras do século III que se perderam e que só podem ser acessadas por meio de sua escrita.

Em nosso trabalho, analisamos os conteúdos dos livros I, II, III, IV e XVII da **Biblioteca Histórica**, pois nestes estavam as narrativas sobre as Amazonas. Utilizamos as traduções da obra para o espanhol da Biblioteca Clasica Gredos (Editorial Gredos), e para o inglês da Loeb Classical Library (Harvard University Press). A tradução para o inglês acompanha também o original em grego, e para fins de citação, extraímos os trechos da fonte do Perseus Project<sup>4</sup>. Nesta Dissertação, o leitor poderá observar que os trechos da **Biblioteca** são apresentados em Português, acompanhados do correspondente em grego em nota de rodapé. A tradução é feita a partir da leitura atenta da fonte em língua espanhola e inglesa. Quando necessário, recorreremos ao original em grego e ao dicionário Liddell-Scott-Jones (online) para buscar a melhor tradução para termos essenciais ou controversos. Assim, trata-se de uma tradução nossa. Ao longo do texto, termos em grego aparecem com certa frequência, acompanhados ao menos uma vez de sua tradução em português. São termos fundamentais para a compreensão do trabalho, optamos em não traduzi-los para que não perdessem o sentido.

Do ponto de vista metodológico, devemos primeiramente observar que nossa fonte se trata de uma obra de História. Isso nos leva a considerar os elementos de sua composição expostos anteriormente, percebendo também que a forma como Diodoro Sículo constrói a **Biblioteca Histórica** possui elementos em comum com outros historiadores anteriores aos quais temos acesso na atualidade. Assim, realizamos o estudo da fonte pensando a narrativa mítica como parte essencial do propósito educativo de Diodoro. Além disso, consideramos também, a partir de Muntz (2017), o contexto histórico no qual o autor estava inserido, assim, sua obra estava direcionada à elite do período e relacionada ao momento histórico no qual ele está vivendo.

Desta forma, combinando teoria e metodologia, lemos a **Biblioteca Histórica** em busca de temáticas que se destacam quando Diodoro narra o mito das Amazonas, como governantes, formas de governo, mulheres guerreiras, papéis sociais femininos e masculinos, e comportamento do bárbaro. Analisamos estas e outras temáticas como a deificação de governantes, em conjunto com trechos que apresentam as mesmas temáticas para contextos e

---

<sup>4</sup> Todos os trechos em grego nas notas de rodapé estão disponíveis no seguinte endereço para os livros I-V: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:2008.01.0540>; e no seguinte endereço para os livros IX-XVII: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0083>. Para fins de conferência, basta o leitor inserir a numeração da passagem citada.



personagens diferentes. Assim, buscamos compreender o lugar que as Amazonas ocupam em sua narrativa e qual provável ensinamento ele buscava transmitir ao usá-las. Ainda observamos de que forma sua narrativa se relaciona com seu contexto histórico. Desta forma, pensando a função do mito e analisando elementos de gênero e identidade cultural a partir de uma análise interseccional nas temáticas levantadas, buscamos compreender as Amazonas de Diodoro Sículo e o que sua narrativa diz sobre as concepções do autor inseridas em seu período histórico.

Em nossa perspectiva, o trabalho com o mito das Amazonas pressupõe a consideração de algumas importantes lentes teóricas. Concomitantemente, o conceito de *identidade*, compreendida em um contexto de *fronteira*, se *intersecciona* com o de *gênero*. As Amazonas, na literatura grega antiga, são localizadas para além das fronteiras do mundo grego, o que para esse povo significa a existência não apenas do diferente, do *outro*, mas também do monstruoso e do fantástico. Em nossa pesquisa, partimos do pressuposto de que a construção da identidade grega leva em consideração elementos de masculinidade, enquanto a caracterização do bárbaro, por sua vez, implica elementos de feminilidade. Com “elementos de feminilidade”, nos referimos à ligação do feminino com o excesso (ὑβρις / *hýbris*) e, nesse sentido, as Amazonas, que invertem a ordem grega e tiranizam aqueles que elas submetem, são possíveis e plausíveis porque estão para além das fronteiras das πόλεις / póleis gregas.

O conceito de fronteira é instrumentalizado na historiografia pela primeira vez por Frederick Jackson Turner em 1893, como uma forma de dar bases científicas à influência da fronteira no imaginário norte-americano. A partir daí, diversos historiadores ergueram críticas e propuseram novos modelos para suas temporalidades e objetos de estudo. Segundo Norberto Guarinello (2010), a fronteira vem sendo cada vez mais discutida devido a globalização, contexto marcado principalmente no século XXI pela relativização dos limites territoriais. No entanto, recentemente esse conceito vem sendo discutido nas Ciências Sociais “deslocando-se, de seu sentido óbvio e moderno de linha de separação entre Estados, para um campo metafórico mais amplo, que tenta dar conta de um grande número de processos sociais” (GUARINELLO, 2010, p. 120).

O autor citado acima explica que há múltiplas possibilidades quando se define o que é fronteira e que, portanto, o próprio conceito necessita de uma fronteira, no sentido de “um limite”. Assim, Guarinello (2010, p. 121) define fronteira a partir da ordem romana como processo de integração. Segundo o autor, um dos sentidos para esse conceito é compreendê-lo como um campo de negociação, pois “é no jogo de negociações ao longo dessas fronteiras que a ordem se reproduz e se altera” (GUARINELLO, 2010, p. 120).

Fronteira se relaciona também com o poder quando tratamos do contexto greco-romano da Antiguidade. De acordo com Guarinello (2010), essa relação de poder inclui fronteiras internas e externas: as internas são as que diferenciam a comunidade em relação ao gênero e a camada social, por exemplo, e as externas definem o *eu* em relação ao *outro*, o estrangeiro. “A fronteira também é, antes de tudo, um espaço de negociação de fronteiras” (GUARINELLO, 2010, p. 122). Nesse sentido, François Hartog (2004) traz contribuições interessantes: ao falar de fronteira, o autor também fala do *outro*, trazendo uma perspectiva de formação de identidades e alteridades em um espaço fronteiriço, demarcado por aqueles viajantes que, como Ulisses, percorrem o mundo tanto quanto possível e funcionam como *homens-fronteira*, tornando-se marcos de fronteira e da identidade grega (HARTOG, 2004, p. 14-16). Logo, ao não desvincular a fronteira da identidade, Hartog apresenta uma visão cultural e diferente da fronteira vista como institucional ou física, por exemplo, que nos é muito cara.

Nesse caminho, Hartog apresenta ainda duas visões acerca da relação dos gregos com os *outros*: a do historiador Arnaldo Momigliano, que considera os gregos como fortemente desinteressados e fechados para o conhecimento do outro, e a do pesquisador Cornelius Castoriadis, que considera a existência de um interesse despertado a partir da invenção da filosofia e da democracia e que, portanto, os gregos seriam abertos ao diferente. A essas duas opções, Hartog propõe um meio termo: “a fronteira se encontra no próprio movimento de fechamento e abertura, espaço entre dois, em que os viajantes-tradutores podem agir, para melhor ou pior” (HARTOG, 2004, p. 23). Portanto, podemos ler a fronteira em Hartog como construída de forma móvel no espaço e no tempo, proporcionando contato e demarcando identidades e alteridades.

Diodoro Sículo, no século I a.C., é também um viajante, mas diferentemente de outros historiadores anteriores, não “corre o mundo para testemunhar a história de modo a registrá-la em seus escritos”, mas “peregrinava para conhecer livros, bibliotecas e arquivos” (BIAZOTTO, 2016, p. 73). Ainda assim, consideramos que ao selecionar fontes para compor uma narrativa sobre as Amazonas, o autor cumpre o papel de demarcar aquilo que é grego e aquilo que é bárbaro, contribuindo para a formação de identidades e alteridades.

Como bem trabalhado por Guarinello (2010), as fronteiras não se configuram apenas externamente, no contato com o bárbaro, mas também internamente, ao haver uma fronteira de gênero entre homem e mulher, por exemplo. Para que possamos entrar na discussão dos conceitos de *interseccionalidade* e *gênero*, o artigo da historiadora Talita Gonçalves (2018) apresenta-se como uma interessante conexão, que também traz questões caras em nosso estudo. O foco de análise da autora é a Pandora de Hesíodo e, a partir disso, ela conclui que a narrativa

mítica da criação da mulher teve influência na “exclusão” das mesmas na pólis institucionalizada que viria a se desenvolver posteriormente.

Embora a forma da mulher se assemelhe a humana, ela não pertence à humanidade. Entretanto, ela não pertence igualmente ao âmbito divino. O feminino é um ‘outro’ por natureza. Sua alteridade está ligada a ser um ardil, um engano e a sua natureza ambígua (não faz parte da humanidade e nem da esfera divina) (GONÇALVES, 2018, p. 17).

É nesse sentido que a interseccionalidade entre identidade e gênero é importante para a análise da construção que Diodoro Sículo faz das Amazonas. Adriana Piscitelli (2008) traz um panorama do surgimento e do conteúdo atribuído aos conceitos de “categorias de articulação” e “interseccionalidades”, dividindo as leituras dos conceitos em “sistêmica”, representada pela autora Kimberlé Crenshaw, que trabalha com interações entre formas de subordinação; e em “construcionista”, representada por Anne McKlinton e Avtar Brah, que trabalham com a noção de interação entre marcadores de diferença que não necessariamente implicam em subordinação. Avtar Brah (2006) trabalha com a ideia de que, a partir de marcadores de diferença como *gênero*, *raça* e *classe*, dentre outros, mulheres de ascendência africana-caribenha e sul asiática, em um contexto europeu, constituem diferenças e são constituídas por elas em suas experiências, relações sociais, subjetividades e identidades. Apesar de sua visão, caracterizada por Piscitelli como construcionista, trazer indagações que são válidas, não foi possível instrumentalizar seu conceito em nossa pesquisa, pois nosso trabalho não toca a forma como mulheres agenciam suas experiências e subjetividades na intersecção entre marcadores de diferença, mas como um homem constrói visões acerca do bárbaro a partir da narração de um mito.

É pouco provável que as Amazonas, como Diodoro Sículo as descreve, tenham existido, e por isso não é possível pensar na agência dessas mulheres bárbaras frente aos gregos. Porém, ainda assim, Avtar Brah influencia nossa pesquisa ao pensar a interseccionalidade não como interação de formas de opressão, mas de marcadores de diferença, o que se aplica facilmente aos nossos objetivos, já que tratamos aqui da construção de uma identidade grega frente ao outro, considerando que, para os gregos – ou pelo menos para Diodoro Sículo – o bárbaro é feminino, e o feminino é bárbaro.

No entanto, cumpre considerar que os estudos contemporâneos sobre interseccionalidade usam os conceitos de gênero, raça e classe. Assim, como bem colocado pela historiadora Semíramis Corsi Silva (2018, p. 160), com quem concordamos, acerca da

utilização destes conceitos para o estudo do imperador romano Heliogábalo, “os conceitos de raça e classe não cabem para o período”, tornando necessário que:

[...] tais interseccionalidades (...) [sejam] devidamente pensadas para o contexto romano e para as imagens discursivas dos imperadores. Portanto, estou incorporando reflexões teorizadas para pensar relações próprias da contemporaneidade, traduzidas para o contexto do Principado e para a análise da representação de um imperador específico (SILVA, 2018, p. 160-161).

Assim, utilizamos a proposta desenvolvida pela historiadora acima citada, que adapta teorias desenvolvidas para explicar temáticas contemporâneas em contextos da Antiguidade. Notavelmente, a utilização do termo “identidade cultural” em vez do termo “raça”, pois o primeiro é mais adequado para contextos Antigos. Portanto, a abordagem interseccional entre gênero e identidade cultural que utilizamos está diretamente relacionada e é derivada dos trabalhos de Semíramis Corsi Silva, cuja orientação aplicamos em nossa pesquisa suas concepções teóricas, analisando nosso objeto de pesquisa.

Ainda a partir da autora, compreendemos identidade cultural, conceito que para nós é diretamente relacionado ao de fronteira, como “a representação de si, ou de um grupo, enquanto pertencente a um conjunto de pessoas com valores e características culturais compartilhadas” (SILVA, 2014, p. 18). Portanto, é no espaço das fronteiras, no contato de gregos com bárbaros, do *eu* com o *outro*, que a identidade cultural é formada.

Por fim, partimos para o gênero como uma categoria de análise histórica, como é proposto por Joan Scott (1995).

Não foi suficiente para os(as) historiadores(as) das mulheres provar ou que as mulheres tiveram uma história ou que as mulheres participaram das mudanças políticas principais da civilização ocidental. No que diz respeito à história das mulheres, a reação da maioria dos(as) historiadores(as) não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres para depois descartá-la ou colocá-la em um domínio separado (SCOTT, 1995, p. 5).

Frente à essa questão, a autora levanta as seguintes perguntas: “Como é que o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como é que o gênero dá um sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? As respostas dependem do gênero como categoria de análise” (SCOTT, 1995, p. 5). Desta forma, apoiamo-nos no argumento de que a definição de papéis de gênero para homens e mulheres ao longo da história é uma parte importante das relações de poder entre esses sujeitos, e definidora de comportamentos, sejam ideais ou desviantes. É dessa forma que gênero se configura não como uma temática à parte, mas como conceito intrínseco a política e como aspecto indispensável nas relações sociais. E é

precisamente desta forma, portanto, que tendo uma dimensão política, o gênero serve, em sua intersecção com a identidade, para a própria construção do “ser grego” por meio do mito das Amazonas.

Em 2010, Joan Scott lançou um artigo levantando o questionamento: o gênero ainda é uma categoria útil de análise histórica? Ao longo da leitura, percebemos que sim, na medida em que o termo é utilizado para questionar, em vez de cristalizar e naturalizar as relações entre homens e mulheres, bem como a própria definição do que é feminino e masculino. Nesta Dissertação, percebemos a influência do trabalho de Scott nesse sentido. A partir da autora, compreendemos que é necessário pensar gênero não só como uma dicotomia entre o masculino e o feminino, uma relação hierárquica e opressiva, mas como homens e mulheres são definidos e se definem culturalmente de acordo com papéis de gênero historicamente desenvolvidos ao longo do tempo. Da mesma forma, os estudos de gênero não são sinônimo de História das Mulheres. Por isso, neste trabalho, abordamos papéis sociais masculinos e femininos aos olhos de Diodoro Sículo. Segundo Scott (2010), ainda, não é suficiente utilizar o termo gênero para definir o que é homem ou mulher ao longo do tempo, como uma enciclopédia do masculino e feminino ao longo da História. É preciso questionar e entender como esses modelos foram propostos e em que momento.

Apesar de nossas fontes não nos permitirem trabalhar nesse sentido, podemos ler nas entrelinhas de Diodoro como o gênero parecia funcionar na prática. Ou seja, veremos ao longo da Dissertação que Diodoro Sículo não possui noções engessadas de feminino e bárbaro como algo negativo em oposição ao masculino grego como algo positivo. Tudo está em torno do comportamento moderado (επιείκεια / epieíkeia)<sup>5</sup>. Apesar de haver um comportamento ideal esperado das mulheres, havia um espaço para a compreensão da existência de mulheres que fugiam a esses papéis atribuídos. Assim, compreendemos a partir da teoria de Scott que há uma diferença entre *o que podemos ler* sobre papéis femininos e masculinos ideais presentes nos documentos que chegaram para nós da Antiguidade, *e a vida cotidiana* de homens e mulheres no Mediterrâneo. Nas entrelinhas, é possível compreender que a dicotomia hierárquica e opressiva que muitas vezes está impressa ao trabalharmos com gênero não é tão extrema, tão óbvia, tão preto-no-branco. Há tons de cinza que transformam essa fronteira em uma

---

<sup>5</sup> Apesar de o termo mais comum para moderação ser σωφροσύνη / sophrosýne, em oposição à ὕβρις / hýbris, o termo utilizado centenas de vezes por Diodoro na **Biblioteca** para se referir à moderação e benevolência num único termo é επιείκεια / epieíkeia, conforme analisado por Sacks (1990, p. 43) e verificado por nós. Segundo o dicionário LSJ, επιείκεια / epieíkeia pode significar razoabilidade, justiça, equidade, clemência, bondade, virtude. Assim, entendemos como o *comportamento moderado em relação ao outro*, em vez de uma moderação no sentido de autocontrole, como expressado por σωφροσύνη / sophrosýne.

miscelânea, em um ponto de encontro e criação de novas formas de ser, em vez de definir o gênero com um rígido muro entre o que é viver sendo homem ou mulher na Antiguidade. As Amazonas, principalmente, vivendo para além da fronteira, onde os sentidos do que é ser homem e mulher grego se perdem, vêm para levantar essa reflexão.

Como suporte teórico para compreender a presença do mito na obra **Biblioteca Histórica**, utilizamos o trabalho do historiador Jean-Pierre Vernant (2009) **Entre Mito e Política**. A partir do autor, entendemos o mito como uma narrativa que dá sentido ao mundo grego e que permeia praticamente todas as relações sociais, servindo de modelo para como as pessoas devem ou não levar a vida, de valores e ética. Uma dimensão importante do mito é sua quantidade de versões, por seu caráter oral de transmissão, mesmo quando começa a ser registrado na poesia escrita e em peças de tragédia e comédia. Segundo o ponto de vista de Vernant, “não havia um único grego que pensasse que as coisas realmente aconteceram como os poetas as descrevem, mas isto não quer dizer de forma alguma que as considerassem falsas” (VERNANT, 2009, p. 200).

Ao lado destas narrativas antigas que eram ouvidas pelas crianças [...], que os penetram, que os ensinam a classificar as coisas, [...] que os põe em conformidade com a ordem social e até mesmo cósmica, desenvolve-se um tipo de atividade intelectual, um tipo de discurso que não é uma narrativa, e sim uma argumentação [...] que tem pouca relação com a preocupação com a verdade, mas que constitui um aspecto fundamental da vida grega. Seu papel é justamente a persuasão [...], a crença, mas uma crença que não é religiosa. Este [conhecimento] concorre com as antigas narrativas que os encantavam [...] porque, no final da narrativa, tinha-se a sensação de ter entendido por que Zeus é Zeus e por que os deuses são os deuses, por que os homens são infelizes e mortais, e por que existem heróis entre os homens e os deuses (VERNANT, 2009, p. 205).

Assim, conforme o historiador nos apresenta como a Sofística surge, caracterizando-se como uma forma de produção de verdades com uma racionalidade e crenças distintas daquelas as quais o mito se baseia. A Filosofia ainda é uma terceira forma de conhecimento com outra racionalidade e crença, que tem influência no desenvolvimento da lógica matemática. O mais importante: todas essas verdades coexistem. Vernant (2009) nos mostra que, segundo Platão; mesmo que tivesse oposto o μῦθος / mythos (mito) a λόγος / lógos (razão), relegando o primeiro ao campo da fantasia; acreditamos em alguns mitos, porque para regulamentar a vida humana é preciso apoiar-se em algo em que o πείθω / peítho (persuadir) desempenhe um papel.

O historiador Dominique dos Santos (2012) traz algumas questões interessantes a serem consideradas de modo a complementar os estudos de Jean-Pierre Vernant. Segundo Santos (2012), a forma como Vernant desenvolve sua argumentação em torno do conceito pressupõe o mito como uma espécie de embrião do pensamento sofisticado e filosófico, que ao longo do

tempo vai sendo colocado em contraposição e substituído pelos dois últimos. O autor busca esclarecer que “a predominância do logos não exclui o mito” (SANTOS, 2012, p. 76), e que ambos estão presentes em textos mitológicos e filosóficos. Da mesma forma, o autor observa que geralmente mito e História são colocados em polos opostos. Segundo ele, porém, “para os gregos, apesar de um conto falseado, há uma verdade, alethéia, a ser recuperada” (SANTOS, 2012, p. 82). Mais do que isso, “devemos interpretar o mito como integrante da Παιδεία o sistema de formação educacional grego, que considerava várias instâncias do saber para compor seu quadro [...] a Paidéia é fundamental na vida da sociedade grega, e o mito é um de seus componentes” (SANTOS, 2012, p. 81).

Essa relação entre μυθος / mythos, ἀλήθεια / alétheia, λόγος / lógos e παιδεία / paideía estabelecida pelo autor nos é muito cara, pois nos permite enxergar a obra de Diodoro Sículo à luz da visão de mundo no século I a.C. Podemos perceber, e o leitor também poderá ao longo dos capítulos desta Dissertação, que o mito é utilizado juntamente ao λόγος / lógos com um objetivo educacional na **Biblioteca Histórica**. Mantendo essas considerações em mente, somos capazes de compreender com maior clareza a relação entre mito e história no texto de Diodoro Sículo.

Levar em consideração a função do mito na sociedade grega e a sua coexistência com outros tipos de racionalidade ao longo dos séculos é de vital importância para a nossa pesquisa, pois olhar para o nosso objeto desta forma nos auxilia na compreensão da presença do mito das Amazonas na **Biblioteca Histórica** e do papel que ele desempenha na obra. Pois se o mito está presente na sociedade do século I a.C. a ponto de ser explorado a fundo em seis livros, narrar as proezas e derrotas das Amazonas certamente veicula algum tipo de ensinamento.

Nesse sentido, falar do mito das Amazonas também implica falar de *História, Poder e Cultura e Fronteira, Política e Sociedade*, que são, respectivamente, a área de concentração do Programa de Pós-Graduação em História da UFSM e a linha de pesquisa a qual nosso trabalho está filiado. O mito é um aspecto cultural importante para compreender o pensamento grego antigo e, conseqüentemente, estudar e escrever a história da Grécia Antiga. Considerando-o como uma narrativa com alto potencial moralizante, seu aspecto histórico e cultural também implica em relações de poder. No caso específico das Amazonas, essas relações de poder dizem respeito a questões de gênero e identidade cultural, o que torna o trabalho com este objeto apropriado para a área de concentração do PPGH UFSM.

No que tange à linha de pesquisa *Fronteira, Política e Sociedade*, se pensamos em fronteira como um ponto de encontro em que identidades são construídas e reconstruídas, concluímos que o mito das Amazonas está localizado nesse espaço fronteiro. Nesse caso, não

apenas a formação de uma identidade grega por meio da construção do outro, do bárbaro estrangeiro que não compartilha a mesma língua, cultura e educação; mas também da formação dessa identidade como masculina e que identifica o outro como feminino por excelência. Assim, enquanto mulheres bárbaras míticas, as Amazonas estão localizadas na fronteira cultural. Nesse sentido, a partir das questões de gênero e identidade cultural que apresentamos, não é possível pensar a fronteira separada da política e da sociedade, já que esses aspectos envolvem disputas pelo poder. Afinal, a afirmação de uma identidade grega e masculina frente ao bárbaro e ao feminino implica a legitimação de um tipo de poder que diz muito sobre a política e a sociedade da Grécia Antiga – levando em consideração, é claro, as diferenças temporais e espaciais dos autores em cujas obras encontramos narrativas sobre as Amazonas.

É interessante observar que nossa pesquisa aborda um tema ainda pouco explorado no Brasil, por trabalhar com as Amazonas na Antiguidade a nível de Pós-Graduação, especialmente com a obra de Diodoro Sículo. Toda a nossa bibliografia sobre elas na Antiguidade é internacional, e poucas são as que se debruçam especificamente sobre a **Biblioteca Histórica**. Mais ainda, trabalhar gênero e identidade cultural de forma interseccional também lança uma nova luz sobre esse mito na Antiguidade, abrindo caminhos para a pesquisa no Brasil, cuja bibliografia em português não é encontrada facilmente. Acreditamos, portanto, que nosso trabalho possui a capacidade de contribuir para a historiografia brasileira ao trabalhar com novos temas e novas perspectivas. Destacamos, apesar de haver uma extensa bibliografia alemã sobre o mito das Amazonas e um grande interesse por ele em países de língua inglesa, o assunto ainda carece de maiores estudos no Brasil.

Em nosso trabalho, buscamos compreender como o masculino e o feminino são construídos interseccionados com a identidade cultural e vice-versa, assim como investigar aspectos do mito na escrita de Diodoro. Acreditamos, assim, que podemos contribuir com a historiografia em torno da temática. As Amazonas atravessam as eras e sobrevivem no Brasil do século XXI, e compreendê-las pode nos ajudar a entender algo sobre nós, conforme respondemos os problemas que partem do presente. É nesse sentido que acreditamos no potencial de nossa pesquisa.

Assim, apresentamos ao leitor esta Dissertação composta por três capítulos. O primeiro, intitulado: *Diodoro Sículo no século I a.C. entre Mito e História*, é dividido em 1.1 *Diodoro Sículo e a composição da Biblioteca Histórica no século I a.C.* preparamos principalmente em torno de revisão bibliográfica, pois há autores como Kenneth Sacks (1990), Cynthia Mota (2008) e Charles Muntz (2017) que analisaram a obra extensamente e em grande detalhe. Discorreremos primeiramente acerca da biografia do autor e de sua relação com o contexto



intelectual e político da época, bem como o processo de escrita da obra. Assim, em concordância com tais estudiosos, relacionamos os aspectos destacados na obra, em nosso debate, acrescentando comentários quando necessário. No *1.2 Mito e História na obra de Diodoro Sículo*, apoiamo-nos extensamente em revisão bibliográfica, combinando com nossas análises sobre o mito na obra do autor. Observamos os objetivos gerais presentes na obra e, a partir disso, analisamos por que a narrativa mítica é tão importante para que Diodoro Sículo alcance seu propósito.

O capítulo 2, intitulado: *As Amazonas na historiografia e na **Biblioteca Histórica***, é dividido em *2.1 A historiografia sobre as Amazonas*, aqui discutimos como o mito das Amazonas foi trabalhado por outros autores e autoras ao longo dos séculos XX e XXI, trazendo algumas obras para que o leitor tenha um panorama de como a historiografia vem trabalhando com essas mulheres guerreiras, podendo o leitor conhecer o tema e lhe dando embasamento teórico para compreender o capítulo 3, no qual nosso foco recai nas temáticas analisadas, e não na obra como um todo. Em *2.2 O mito das Amazonas na **Biblioteca Histórica***, descrevemos os conteúdos dos livros II, III, IV e XVII, especialmente, os trechos em que Diodoro Sículo trata sobre as Amazonas, possibilitando compreender parte da obra do autor de forma geral e como esse mito se encaixa na narrativa como um todo.

O capítulo 3, intitulado: *Interseccionalidade entre gênero e identidade cultural nas Amazonas de Diodoro Sículo*, é dividido em *3.1 A barbaridade do feminino e a feminilidade do bárbaro* e *3.2 “Seria terrível se [...] tolerasse algum dos povos governados por mulheres”*: *as Amazonas submetidas pela cultura helênica*. Esse capítulo é o principal de nossa Dissertação, já que desenvolve a argumentação que responde os problemas e objetivos propostos na introdução. Trabalhando a partir de recortes temáticos, examinamos questões como a ginecocracia, a cauterização dos seios, a relação entre o masculino, o feminino e o bárbaro, e a derrota das Amazonas nas mãos de heróis gregos. Sobretudo, analisamos as seis narrativas sobre as Amazonas presentes na **Biblioteca Histórica** à luz das temáticas que se destacam nelas, e em relação a outros trechos da obra em que essas temáticas também estão presentes. Assim, a partir do conhecimento sobre a obra e sobre o mito em outros trabalhos, desenvolvemos nossa análise do tema a partir da interseccionalidade entre gênero e identidade cultural.



## 1 DIODORO SÍCULO NO SÉCULO I A.C. ENTRE MITO E HISTÓRIA

### 1.1 DIODORO SÍCULO E A COMPOSIÇÃO DA BIBLIOTECA HISTÓRICA NO SÉCULO I A.C.

Diodoro Sículo foi um historiador proveniente da cidade de Agírio (atual Agira) na Sicília. Não se sabe ao certo a data de seu nascimento e morte, mas estima-se que viveu entre 90 e 20 a.C. Todos os dados biográficos a respeito do autor provém de sua obra, a **Biblioteca Histórica**, elaborada ao longo de trinta anos de pesquisa e escrita, composta por quarenta livros, dos quais I a V e XI a XX chegaram inteiros aos nossos dias, e os demais em estado fragmentário. Originalmente, o nome dado por Diodoro à sua obra foi βιβλιοθήκη / bibliothéke (Biblioteca).

A partir dela, é possível saber que Diodoro esteve no Egito entre os anos de 60 e 56 a.C., realizando pesquisas sobretudo na biblioteca de Alexandria, mas também realizando análise das inscrições em monumentos históricos e adquirindo conhecimento no contato com sacerdotes egípcios e viajantes de outras regiões, como a Etiópia. Diodoro Sículo era certamente um homem de posses, o que lhe permitiu viver no Egito e em Roma sem, aparentemente, exercer algum ofício como o de tutor dos filhos das elites. Tampouco o autor parecia possuir um patrono que financiasse seu trabalho. Não parecia ser ligado à elite romana ou depender dela. É possível que tenha vivido em Roma entre os anos 50 e 20 a.C. Seus escritos no indicam que ele esteve na cidade em 45 a.C. “Diodoro diz que viveu em Roma por algum tempo por causa das excelentes fontes da cidade para pesquisa, e ele pode ter passado o resto de sua vida lá, apesar de não ser certo” (MUNTZ, 2017, p. 4).

Na época em que Diodoro chegou a Roma, os gregos instruídos há muito eram considerados professores e intelectuais. Mas, especialmente desde as Guerras Mitridáticas, à medida que Roma se tornava mais receptiva às ideias orientais, eles eram apreciados por seus escritos acadêmicos em retórica, gramática, poesia e história. *Graecia capta*, como seria chamada, virtualmente monopolizou certas profissões em Roma. Embora muitos intelectuais tenham sido trazidos para lá como escravos, outros foram atraídos para a capital por conta própria, em tempos de guerra e paz (SACKS, 1990, p. 185).

Conseguir alunos requeria conexões na sociedade, como era o caso de libertos que buscavam seus antigos senhores como patronos. “Além do apoio da classe governante, os gregos vivendo em Roma tinham uns aos outros” (SACKS, 1990, p. 187). Um historiador em Roma normalmente dependia do trabalho como Professor ou de um patrono. Não parece ter sido este o caso de Diodoro Sículo.

Segundo Cynthia Mota (2008, p. 27), Diodoro “não é um viajante (embora tenha feito viagens), no sentido herodotiano do termo, que procura confirmar aquilo de que ouviu falar. É, acima de tudo, um erudito de gabinete que viaja para conhecer livros, bibliotecas e arquivos”. O autor organiza a sua obra a partir de alguns recortes. Os Livros I a VI tratam dos eventos anteriores à Guerra de Troia, sendo que de I-III se referem às “antiguidades dos bárbaros”, e de IV-VI, aos mitos gregos. Diodoro compreende que situar os mitos historicamente é um grande desafio e, portanto, organiza-os em um conjunto próprio de livros<sup>1</sup>. Dos Livros VII a XVII, procede com a narrativa da Guerra de Troia até a vida de Alexandre, o Grande. Do Livro XVIII até o XL, segue a partir dos sucessores de Alexandre até o início da Guerra das Gálias, em 60 a.C., apesar de inicialmente ter pretendido concluir o livro no ano 46 a.C.

O historiador Kenneth Sacks (1990) afirma que a **Biblioteca Histórica** possivelmente começou a ser escrita por volta de 46 a.C. ou 45 a.C. Assim, faria sentido encerrar sua História Universal a partir da data em que os livros começaram a ser escritos e a pesquisa foi encerrada. Ainda segundo o historiador acima, Diodoro Sículo deve ter dedicado 15 anos à pesquisa, entre 60 a.C. e 45 a.C., e outros 15 anos, até 30 a.C., para a escrita e a revisão. Durante esse processo de leitura e escritura, porém, Diodoro afirma que parte de sua obra foi pirateada e colocada em circulação antes da publicação oficial. Por isso, a revisão deixou algumas lacunas e incongruências, como a intenção inicial de concluí-la no ano 46 a.C., mas escrevendo de fato somente até 60 a.C. Ambos os historiadores, Sacks (1990) e Muntz (2017) – e este último utilizando também Sacks como referência – têm teorias para os motivos que teriam levado Diodoro Sículo a mudar o curso de sua escrita, e estes estão relacionados ao contexto político efervescente da época. Logo, esta questão será debatida em breve.

Nesse interim, ao longo da escrita de Diodoro, estão presentes diversas inconsistências como a questão das datas citadas acima, que Kenneth Sacks (1990, p. 91) atribui às “dificuldades de escrever – e reescrever – um longo trabalho escrito em pergaminhos”. O trabalho do historiador é descrito por Sacks (1990) nos seguintes termos:

Às vezes, Diodoro parece ter acrescentado material, ou feito referência específica a eventos contemporâneos, ou mudado a perspectiva do relato. Assim, no manuseio do material encontrado em suas fontes, junto com a confusão frequente e muitos dublês notórios, também há indicações de cuidado e precisão (SACKS, 1990, p. 93).

Charles Muntz (2017) aponta que a organização da **Biblioteca** de Diodoro é feita em sumários e proêmios para facilitar a leitura.

---

<sup>1</sup> Esta questão será tratada no item 1.2 Mito e História na obra de Diodoro Sículo.

A referência cruzada de Diodoro é realmente mais precisa do que a de qualquer outro historiador antigo existente. Além disso, nos próprios livros individuais, Diodoro inclui um grande número de marcadores em linguagem consistente, para indicar digressões, mudanças na narrativa, inícios e finais (MUNTZ, 2017, p. 29).

O autor discute ainda a questão do encadeamento cronológico dos livros da **Biblioteca Histórica**: a partir do Livro XI, Diodoro começa a situar a narrativa pelos anos dos arcontes de Atenas, cônsules de Roma e das Olimpíadas.

Claramente Diodoro não usa nenhum esquema político ou geográfico pré-existente para organizar os primeiros três livros de sua história. A organização desses livros é dele e somente dele, o que prova a criatividade de Diodoro em matérias de arranjo e oferece um olhar para a forma como Diodoro entende a *oikoumene* [mundo habitado] na metade do primeiro século AEC (MUNTZ, 2017, p. 50).

Diodoro devota um livro inteiro ao Egito, o primeiro, trazendo história, geografia, costumes, todos os tipos de elementos que, sobre os outros povos, ele apresenta apenas alguns. Da mesma forma, nenhum dos outros povos ocupa um livro inteiro. Conforme Muntz (2017) Diodoro entende o Egito como o centro do mundo habitado. “Enquanto os Livros I-III definem as fronteiras do mundo, o efeito cumulativo de sua estrutura enfatiza o Egito sobre todas as outras nações” (MUNTZ, 2017, p. 52). Toda a organização se dá a partir do Egito nos três primeiros livros, as “antiguidades dos bárbaros”. Além disso, as regiões, descritas nos Livros I-III, são aquelas ainda não conquistadas pelos romanos quando Diodoro está escrevendo<sup>2</sup>. “Regiões que caíram sob o controle romano, como Cartago e a costa da Síria, são ignoradas nessa seção mesmo se encaixando geograficamente” (MUNTZ, 2017, p. 53). Assim, esses lugares são tratados ao longo da história romana, como parte de suas conquistas. Muntz acredita que esse destaque às áreas não conquistadas pelos romanos limitam e mostram o potencial de sua conquista.

Mas, por outro lado, na época em que Diodoro estava escrevendo, deve ter ficado claro que, pelo menos o Egito, logo estaria sob o controle romano e ele pode muito bem ter acreditado que algumas das outras áreas que descreveu se seguiriam; César estava preparando uma campanha no leste em 44 e Marco Antônio fez várias incursões nessa direção nos anos 30. Na verdade, a *Bibliothèque* pode muito bem estar mapeando as futuras conquistas romanas em potencial, indicando quais áreas no leste eram as mais prósperas e ricas em recursos naturais [...] A *Bibliothèque* não está comentando apenas sobre os limites do poder romano, mas sim sobre as oportunidades que ainda estão por vir para os romanos (MUNTZ, 2017, p. 53).

---

<sup>2</sup> O conteúdo desses livros será tratado no item 2.2 desta Dissertação.

É notável que, na época de Diodoro, um esquema de organização possível para as obras dos historiadores fosse por meio da sucessão de impérios. A cronologia que segue os assírios, os medos, os persas, os cartagineses, os macedônios e, finalmente, os romanos é aparentemente iniciada por Heródoto, adotada pelos gregos e pelos romanos. Charles Muntz (2017) apresenta autores antigos como Políbio e Dionísio de Halicarnasso, dentre outros, mostrando como a cronologia de sucessão de impérios era aceita na época de Diodoro Sículo. Apesar disso, os autores não usavam essa lógica para organizar a obra toda. Isso só acontece algumas décadas após Diodoro, como em Trogo (sobrevivendo em Justino) e Nicolau de Damasco (144 livros em fragmentos).

Essa cronologia, segundo Muntz (2017), foi tanto usada para enaltecer Roma como pelos opositores, numa literatura apocalíptica, como é possível observar no caso de Pompeio Trogo, que finaliza seus livros com a ascensão do Império Parto. Assim, o autor aponta que Diodoro, apesar de certamente conhecer essa cronologia, não a utilizou. A **Biblioteca Histórica** inicia com o Egito, passa pelos assírios e medos, fala da conquista persa dos medos e parte para a Índia. É interessante observar que ao tratar da Assíria “a parte principal e clímax do relato de Diodoro sobre [a rainha] Semíramis é seu desastroso fracasso na invasão da Índia (2. 16-19), vividamente mostrando os limites da Assíria” (MUNTZ, 2017, p. 44). Ainda, ao falar da rebelião dos medos contra os assírios, Diodoro acrescenta outros povos rebeldes, seguindo de forma descontinuada. “Está claro que Diodoro não apenas rejeita a sequência de impérios como forma de ordenar sua história; ele também a descarta como meio de entender o fluxo da história” (MUNTZ, 2017, p. 46). Os exemplos citados acima se relacionam com essa conclusão.

Na cronologia de sucessão de impérios, a partir de um ponto de vista pró-romano, Roma aparecia como o ponto culminante da sequência: “o maior, mais poderoso, e mais duradouro império” (MUNTZ, 2017, p. 54). Autores antirromanos, por outro lado, enfatizavam a inevitabilidade da queda de Roma.

Diodoro, ao rejeitar e desacreditar a sucessão de impérios, não está fazendo nada disso. Roma não está destinada ao fracasso nem ao estado final de desenvolvimento. A ênfase de Diodoro no Egito aponta para o que Roma carece: longevidade. A narrativa egípcia enfatiza constantemente o período de tempo em que o Egito foi um reino rico e estável, muito mais tempo do que Roma havia resistido. Diodoro está oferecendo a possibilidade, por meio do exemplo do Egito, de Roma alcançar esse tipo de estabilidade e riqueza de longo prazo (MUNTZ, 2017, p. 54).

No que diz respeito à produção intelectual da época, é importante entendermos qual o lugar de Diodoro Sículo enquanto historiador. Mota (2008) discute os acontecimentos dos séculos V e IV a.C., contexto em que surge o tipo de escrita chamado História Universal,

utilizado por Diodoro. Embalados pelas guerras greco-pérsicas, pela guerra do Peloponeso, a ascensão de tiranos, a dominação persa, a ascensão macedônica, a presença cartaginesa na Magna Grécia, “historiadores, filósofos, comentaristas políticos e artistas questionaram o papel das cidades gregas no contexto de um mundo que se alargava cada vez mais” (MOTA, 2008, p. 39). Nesse contexto, dois exemplos de autores de História Universal são Isócrates e Éforo.

É perceptível também na narrativa de Diodoro a questão do culto ao soberano. Segundo Mota, um “fator que contribuiu para o culto monárquico foi a doutrina evemerista que distinguia o culto dos deuses imortais (astros) dos terrestres (os do Olimpo), que, acreditava-se, eram antigos soberanos divinizados facilitando a passagem do rei para o estágio divino” (MOTA, 2008, p. 44). Da mesma forma, é durante o período helenístico que se desenvolve o evemerismo, destacando-se as figuras de Alexandre, o Grande e Ptolomeu.

A historiografia dos séculos III e II refletiu as preocupações sistematizadoras do conhecimento dos gregos em relação à compreensão do mundo [...]. A biblioteca era o centro de encontro e produção desse conhecimento; uma nova época se iniciara para a historiografia, etnografia e ciências gregas: o trabalho de gabinete em detrimento das viagens (MOTA, 2008, p. 47).

“As conquistas de Alexandre, portanto, transformaram a maneira como a *oikoumene* foi percebida pelos gregos, gerando, ainda, um novo tipo de pesquisa, que complementava as etnográficas: a do explorador viajante” (MOTA, 2008, p. 49). Enquanto Alexandre amplia o Oriente, as conquistas romanas ampliam o Ocidente. A partir desse contexto político e social, que influenciou a escrita da História no período helenístico, é possível situar Diodoro nas tendências da época. Esta questão será desenvolvida adiante neste capítulo.

Observamos também no trabalho de Diodoro Sículo uma crítica ao excesso de discursos no trabalho de um historiador, o que, para o autor, transformaria o trabalho histórico em um trabalho retórico.

Diodoro insiste que, se os escritores desejam se entregar extensivamente à produção de discursos, eles devem compor peças separadas (καθ' ἴδιαν, χωρῖς) e obter fama tanto na retórica quanto na história (ἐν ἀμφοτέαις ταῖς πραγματείαις: 1.2). Os gêneros da história e da retórica são distintos, mas se muitos discursos forem incluídos em uma obra histórica, sua integridade ficará ameaçada (SACKS, 1990, p. 97).

Sacks (1990, p. 98) considera que o comprometimento com a brevidade do discurso se encaixa no propósito de Diodoro ao escrever uma História Universal em 40 volumes, já que é necessário ser conciso em muitas descrições. O autor destaca o exemplo de Políbio, que também escreveu uma História Universal em 40 volumes, e defendia a brevidade de discursos. A

concisão é notável nas descrições de batalhas feitas na **Biblioteca Histórica** ao evitar muitos detalhes militares ou discursos longos de generais antes das guerras.

A *Bibliothèque* fornece uma perspectiva única sobre um período crítico da história antiga, mas também é a maior obra histórica grega sobrevivente de qualquer período da antiguidade e uma das fontes mais importantes disponíveis para os estudiosos. Dos quarenta livros originais, quinze sobrevivem. Os Livros 1 a 5 cobrem os antigos bárbaros e parte do período mítico grego, enquanto os Livros 11 a 20 fornecem uma narrativa contínua da história mediterrânea de 480 a 302. Os extensos fragmentos de 21 a 40, principalmente extraídos de excertos bizantinos, fornecem uma parte importante das evidências para o período helenístico, muitas vezes escassamente documentado, e para a República Romana. Estima-se que Diodoro seja realmente o mais frequentemente citado de todos os historiadores gregos antigos (MUNTZ, 2017, p. 14).

O trabalho de Diodoro, porém, foi muito criticado pela historiografia alemã do século XIX, na chamada *Quellenforschung* (estudo, crítica das fontes). “O texto de Diodoro foi examinado em busca de pistas de suas fontes ou quaisquer sinais, como erros ou contradições que pudessem mostrar onde seu uso de uma fonte terminou e começou outra” (MUNTZ, 2017, p. 16). É notável observar que fragmentos de autores como Hecateu, Timeu, Éforo e Megástenes eram retirados de quase livros inteiros de Diodoro, como se ele os tivesse copiado indistintamente, o que traz um problema para quem eventualmente possa ter realizado a sua pesquisa em cima de fragmentos que na realidade não pertencem àqueles autores.

Após a Segunda Guerra Mundial, começam a surgir estudos que mostram a originalidade da escrita de Diodoro, como os de Jonas Palm e Robert Drews. Este último, segundo Charles Muntz, atesta a originalidade de Diodoro em trechos anteriormente atribuídos a Éforo. “Entre os escritores antigos, apenas Diodoro podia ser condenado por ser um resumidor irracional e por ter a ousadia de refazer seu material” (MUNTZ, 2017, p. 18). O autor reforça que a recombinação feita por um historiador secundário poderia criar uma mensagem bastante diversa daquela do historiador original, apesar da narrativa base permanecer a mesma. Diodoro não copiou livros inteiros de outros autores e, mesmo utilizando fontes anteriores, a intenção do autor se mostra certamente diferente daquela de Diodoro em seu contexto histórico.

Como observa Philip Stadter, “a história de Diodoro também é um prisma, alterando o material que ele transmite”. Os estudiosos não podem mais simplesmente recorrer a Diodoro e tratar seu relato como uma janela pela qual eles podem ver Éforo ou Hecateu ou qualquer outra fonte que ele possa estar usando. Diodoro deve ser lido, mantendo em mente seu próprio contexto intelectual (MUNTZ, 2017, p. 19).

Segundo Muntz (2017), a nova edição de fragmentos de historiadores gregos **Brill’s New Jacoby** continua atribuindo o trabalho de Diodoro a outros autores. É preocupante observar que muitos trabalhos feitos sobre Éforo, por exemplo, podem estar utilizando



erroneamente a obra de Diodoro Sículo sem o devido conhecimento. Acreditamos que essa utilização impacta diretamente na percepção e nos estudos dos escritos de Éforo.

O trabalho de Kenneth Sacks (1990), segundo Muntz (2017), é a primeira monografia sobre Diodoro em inglês – apesar de possuir algumas questões ainda apegadas na antiga ortodoxia, como a preocupação excessiva em provar que os escritos de Diodoro são realmente dele. Desde então, há outro trabalho publicado em inglês, **Diodorus' Mythistory and the Pagan Mission: Historiography and Culture-Bringers in the First Pentad of the Bibliotheke** de Iris Sulimani (2011) sobre figuras heroicas civilizadoras. Mas há outros autores que utilizam Diodoro, mesmo não tendo escrito trabalhos inteiros focados exclusivamente nele. No entanto, o trabalho com Diodoro como fonte para historiadores helenísticos vem sendo feito com maior cautela, já que o autor recombina muito material e não copiou fielmente obras anteriores.

É interessante observar a quais autores os conteúdos dos três primeiros livros da **Biblioteca Histórica**<sup>3</sup>, analisados por Muntz (2017), são atribuídos. O próêmio do Livro I é atribuído a Políbio, Posidônio, Éforo – o último considerado o primeiro autor de História Universal e, portanto, muitas vezes visto como principal fonte de “cópia” por Diodoro –, ou a uma amálgama de fontes. “Ecos de várias filosofias helenísticas são certamente evidentes na *Bibliotheke*” (SACKS, 1990, p. 10). No entanto, apesar disso, nas últimas décadas o próêmio vem sendo considerado de autoria própria de Diodoro. Em especial, é importante observar que Diodoro, apesar de utilizar Éforo como fonte, tece críticas a esse autor, assim como a Heródoto e Timeu no que diz respeito a questões egípcias. “Porque Diodoro esteve no Egito, ao recorrer aos relatos de outras fontes, ele se sente em posição de confirmar ou contradizê-las” (SACKS, 1990, p. 115). Assim, notamos que, ao contrário do que era admitido pela *Quellenforschung*, Diodoro não foi um copista acrítico, sendo cuidadoso na seleção de suas fontes e na adaptação dos escritos para seus objetivos. Da mesma forma, submetia os autores utilizados ao seu próprio senso crítico e conhecimento.

As origens da vida trabalhadas no início do Livro I da **Biblioteca Histórica** são atribuídas a Hecateu de Abdera ou, então, a uma síntese de Diodoro das ideias de seu tempo. Os capítulos 32-41 são atribuídos a Agatárquides ou a Hecateu de Abdera. Muntz (2017) discorda veementemente.

Deve-se lembrar que Diodoro viajou pelo Egito pelo menos até o sul de Tebas (1, 46.7) e, ao contrário de estudiosos como Alan Lloyd, que alegou que “Diodoro ... não

---

<sup>3</sup> Descritos no capítulo 2 para melhor compreensão do leitor.

era o homem que mais se metia em problemas do que precisava”, é difícil acreditar que Diodoro não seguiu a longa tradição grega de conversar com os sacerdotes egípcios (MUNTZ, 2017, p. 23).

Sobre o Livro II, capítulos 1-34, a fonte é entendida como Ctesias de Cnido (autor do século IV a.C., associado a corte persa de Artaxerxes II). Diodoro de fato o cita onze vezes, cometendo o mesmo erro do autor de situar Nínive no Eufrates em vez de no Tigre. Mas Diodoro escreveu em seu estilo literário próprio, acrescentando tom moralizante, e utilizou Clitarco e um desconhecido Atenaio. O relato de Diodoro sobre a Índia (II, 35-41) é atribuído a Megástenes, apesar de Diodoro não o mencionar. Essa parte, segundo Muntz (2017), está na obra de Félix Jacoby como fragmento de Megástenes, colocando entre parênteses algumas interpolações de Diodoro. Estrabão e Arriano também utilizaram Megástenes, então onde os três autores convergem é aceito que Diodoro usou Megástenes claramente, como sobre as castas indianas.

Em outros pontos, porém, há divergências. “Diodoro está exercendo muito mais controle sobre seu material de fonte do que era comumente aceito” (MUNTZ, 2017, p. 24). Para os hiperbóreos Diodoro cita Hecateu, para a ilha do sol, Jâmbulo, mas não indica nenhuma fonte para os citas, para as amazonas e para os árabes. Outro nome que surge como fonte para Diodoro é Posidônio. Segundo Muntz (2017), há fragmentos dele em Diodoro, mas não no Livro II, que também mostra como nosso autor não copiou fielmente a fonte. “Não há evidências concretas de Posidônio, ou qualquer outro autor conhecido, como uma das fontes de Diodoro para seus relatos de citas, amazonas e árabes” (MUNTZ, 2017, p. 25).

No Livro III, sobre a Etiópia, Diodoro cita Agatárquides de Cnido e Artemidoro de Éfeso, mas é possível que alguns relatos venham de sua experiência no Egito. Sobre os povos do Mar Vermelho (15-48), nosso autor menciona Agatárquides, usando-o quase fielmente. Para as Amazonas líbias e o Dioniso líbio, Diodoro usa Dionísio Citobraquião (sic.)<sup>4</sup>, que deve ser também a fonte para os Atlantes. Em conclusão, Muntz (2017) aponta que Diodoro combina fontes sem deixar muito claro quais são elas em sua narrativa e, mesmo quando cita alguma, há ainda partes provenientes de outras. Observar a quais fontes certos trechos de Diodoro são atribuídos é interessante para refletirmos como, ao longo do século XIX, era mais importante para os historiadores entender como a **Biblioteca Histórica** foi composta em vez do significado escrito. A atribuição de fontes, na verdade, é divergente e é difícil precisar onde Diodoro de fato buscou o conteúdo que lemos em sua obra. Assim, observar a quantidade de autores com

---

<sup>4</sup> Tradução livre. Diodoro cita apenas “Dionisio”, mas outros autores contemporâneos especificam em espanhol *Dionisio Escitobraquiôn* e em inglês *Dionysius Scytobrachion*. Não encontramos tradução do nome para o português.

os quais a crítica oitocentista se preocupou em atribuir como fontes para a **Biblioteca** e as controvérsias envolvidas nisso, nos torna mais cientes que a forma como Diodoro construiu sua obra e combinou suas fontes é original e pautada por reflexão e crítica.

Como ele organiza seu material revela algo sobre ele e seu mundo. Mesmo se aceitarmos a formulação mais extrema de Diodoro como um compilador simples e mecânico, precisamos lembrar que a seleção e a sumarização são atos criativos, embora não sejam os mais glamorosos. Embora fosse muito mais fácil se pudéssemos ver o que o Diodoro optou por excluir, o que ele escolheu incluir ainda pode nos contar sobre ele e seu mundo. Um relato ou argumento de uma fonte do século IV ou III adquire um novo significado quando é apresentado e lido por um historiador para uma audiência do primeiro século, independentemente de como o historiador original possa tencioná-lo (MUNTZ, 2017, p. 26).

Assim, o trabalho de Muntz (2017) busca mostrar de que forma os escritos de Diodoro sobre a pré-história bárbara diz respeito ao contexto dos finais da República Romana. A **Biblioteca Histórica** foi escrita pensando sempre na contemporaneidade na qual o seu autor estava inserido. Nesse sentido, é importante observarmos alguns temas centrais na narrativa de Diodoro, como a moderação dos governantes, que garantia a aquisição da lealdade dos súditos, enquanto governar por meio do uso do medo traz o risco da rebelião (SACKS, 1990, p. 102). Esta situação acontece com as tirânicas Amazonas, que após serem derrotadas por Hércules, sofrem com rebeliões dos povos conquistados<sup>5</sup>. “Benfeitoria (εὐεργεσία) e benevolência (ἐπιείκεια) são contrastados com os resultados de punição e tratamento cruel (XXVII, 15.1)” (SACKS, 1990, p. 105).

Ainda, é muito forte na narrativa de Diodoro a ideia de progresso cultural. Inicialmente, a humanidade seria selvagem e inculta, e a cultura, trazida normalmente por figuras deificadas como Osíris, Ísis, Dioniso e Hércules, é o ponto de partida rumo ao desenvolvimento das sociedades humanas<sup>6</sup>.

A noção de um indivíduo realizando benfeitorias para o bem comum é central para a filosofia diodoriana [...]. Mais especificamente, limpar a terra de animais selvagens como uma pré-condição necessária para a civilização é uma crença enfatizada por Diodoro mais do que por qualquer outro escritor antigo conhecido (SACKS, 1990, p. 106).

Temas como as origens da vida e da cultura, monarquias e impérios, culto ao governante e a relação entre mito e história, – este último será discutido no tópico 1.2, a seguir –, estão presentes não somente na narrativa de Diodoro, mas em outros autores de seu contexto, o século

<sup>5</sup> Este tópico será detalhado nos capítulos 2 e 3 desta Dissertação.

<sup>6</sup> Este tópico também será detalhado nos capítulos 2 e 3 desta Dissertação.

I a.C. “Este foi um período vibrante para quase todas as áreas de estudo e atividade intelectual, e é compreensível que Diodoro quisesse fazer parte dele” (MUNTZ, 2017, p. 215). Além de vibrante, o período é politicamente delicado. Diodoro tece críticas a Roma, o que seria na visão de Sacks (1990) motivo para ostracizá-lo da classe intelectual romana, mas Muntz (2017) discorda, apontando que a relação de Diodoro com Roma era mais complexa.

Embora Sacks e Green estejam certos de que Diodoro estava escrevendo em uma época perigosa e que isso moldou fortemente a *Bibliothēke*, sua descrição de Diodoro como isolado da sociedade é problemática. No mínimo, ele deve ter feito conexões para obter acesso às grandes bibliotecas privadas (MUNTZ, 2017, p. 216).

No que diz respeito ao contexto político de Diodoro, Muntz (2017) observa que as guerras civis romanas impactaram na capacidade do autor publicar a sua obra e é possível que, apesar de tê-la concluído, ele tenha falecido antes de conseguir colocar a **Biblioteca Histórica** em circulação. De fato, o autor assume: “Meu empreendimento está concluído, mas os livros ainda não foram publicados” (ἡ μὲν ὑπόθεσις ἔχει τέλος, αἱ βίβλοι δὲ μέχρι τοῦ νῦν ἀνέκδοτοι τυαχάουσιν) (DIOD. SIC., I, 4, 6). Muntz (2017) acredita que Diodoro provavelmente fazia “recitações orais de partes da *Bibliothēke*; prefaciá-la com uma declaração de que ela não foi publicada faz sentido apenas se Diodoro a estava circulando de alguma forma, presumivelmente em reuniões privadas ou semiprivadas” (MUNTZ, 2017, p. 222). “O fato de ele não ter publicado formalmente seus livros de abertura sugere que Diodoro passou a considerá-los perigosos devido ao clima político” (MUNTZ, 2017, p. 224).

A data de início de escrita da Biblioteca normalmente é colocada por volta de 60 a.C., mas precisa-se pensar também no tempo de estudo e planejamento. O primeiro livro provavelmente foi escrito entre 46 e 42 a.C. “Diodoro estava em Roma quando estava terminando esses livros [...] e ele passou um tempo considerável lá. [...] Talvez Diodoro ainda estava no Egito durante a guerra de César com Pompeu e veio para Roma no período imediatamente após a expedição de César” (MUNTZ, 2017, p. 218). É necessário levar em consideração a possibilidade de Diodoro estar pesquisando em Alexandria quando do incêndio em 48 a.C., o que pode tê-lo levado a procurar novas fontes para pesquisa em Roma.

Segundo Muntz (2017), essa datação para o primeiro livro da **Biblioteca Histórica** se encaixa com os temas tratados por Diodoro ao longo de sua escrita, como a questão do culto ao governante, que pode indicar a controvérsia em torno da deificação de César, assim como as discussões sobre a monarquia no autor se encaixam no fato de que César “parecia estar levando Roma no caminho do governo de um homem” (MUNTZ, 2017, p. 2018). Muntz (2017) observa

ainda que alguns dos temas em Diodoro estão presentes em outros autores contemporâneos a ele.

Outros elementos, como a divisão do mito e da história vista em Varro e a importância do *metus hostilis* visto em Salústio, também se encaixam neste período geral, mas muito pouco se sabe sobre precisamente quando Varro e Salústio estavam escrevendo para dizer com certeza. Eles podem estar alguns anos mais tarde, no início dos anos 30. O debate sobre o desenvolvimento da civilização é visto em Lucrecio, cujo *De Rerum Natura* é elogiado por Cícero em uma carta de 54 (Q. Fra. 2.10.3), em Posidônio, que também ainda estava ativo no início dos anos 50, e em Vitruvius, que estava escrevendo sob Augusto, e então geralmente se fixa Diodoro neste período (MUNTZ, 2017, p. 218).

Quanto ao término da obra composta por 40 livros, Muntz (2017) e Sacks (1990) propõe aproximadamente o ano 30 a.C., “tudo isso sugere que Diodoro estava escrevendo os últimos livros em um ritmo bastante rápido nos anos 30” (MUNTZ, 2017, p. 219). Como referido anteriormente, Diodoro pretendia concluir os livros com a data de 46 a.C., o que incluiria toda a trajetória de César, mas a conclusão da narrativa se dá no ano 60 a.C. Isto indica que, provavelmente, o autor considerava a referência a César um assunto demasiado delicado. “A data de término inicial de 46 a.C. foi provavelmente também o ano em que Diodoro começou a escrever o trabalho” (SACKS, 1990, p. 171). “Diodoro provavelmente dedicou vários anos apenas à pesquisa, talvez de 60 a 46. Ele então fixou 46 como sua data final – não um ano insignificante para um contemporâneo – e passou os quinze anos seguintes compondo a história” (SACKS, 1990, 172). Quanto ao ano 46 a.C., sua justificativa recai sobre o triunfo de César pelas vitórias contra Pompeu e a paz aparente presente no Império. O assassinato de César e a instabilidade que seguiram mudaram a perspectiva. Sacks (1990) sugere que enquanto escrevia o Livro XXXII, por volta de 34 ou 33 a.C., Diodoro decidiu encurtar o tamanho da **Biblioteca**.

Diodoro, de fato, não deixa dúvidas de que a obra termina justamente antes do primeiro consulado de César. Ele diz que sua história se estenderá até o início da Guerra Gálica, que os romanos empreenderam e durante a qual, como comandante, César conquistou os celtas e invadiu a Bretanha (I. 4.7). Ele então corretamente atribui o início das hostilidades ao ano 60, indicando que ele termina sua história no ano anterior ao que César ganhou destaque (SACKS, 1990, 177).

Segundo Sacks (1990, p. 178), após o final da República, os próprios romanos passaram a identificar o ano de 60 a.C., início do Primeiro Triunvirato, “como um estágio essencial na queda da República”. Assim, terminando sua obra com aquele ano, Diodoro conseguiria eliminar a maior parte da carreira de César da narrativa, especialmente porque sua admiração pelo governante era clara. “Uma comparação com Hércules, muito honrado em Agrírio, foi o

maior elogio de Diodoro. Nenhum outro personagem histórico é tão estimado nos primeiros livros; até Alexandre, o Grande, é introduzido na narrativa para mostrar as limitações de suas conquistas” (SACKS, 1990, p. 179). No entanto, “Diodoro descobriu que, a história quase contemporânea, especialmente quando tantos participantes ou seus descendentes ainda estavam vivos, era uma proposição muito arriscada, particularmente quando se tratava de uma figura como César” (MUNTZ, 2017, p. 221).

A evidência interna das datas da *Bibliothēke* indica que pelo menos os três ou seis livros iniciais foram concluídos poucos anos após o assassinato de César. Quão viável teria sido para a Diodoro publicá-los como estavam concluídos, seja em um grupo dos três primeiros ou dos seis primeiros? Certamente, logo após a morte de César, é difícil ver como Diodoro poderia ter publicado algo como os livros de abertura da *Bibliothēke*, com seus elogios à monarquia e governantes deificados. César foi assassinado como um tirano e sua divinização era muito duvidosa (MUNTZ, 2017, p. 232).

Da mesma forma, Sacks (1990) observa que poderia não ser vantajoso para Diodoro publicar sua obra durante o período em que Otávio estava no poder, especialmente porque o autor vivia em Roma na época. Assim, ao longo dos anos 30 a.C., Sacks (1990, p. 160) acredita que Diodoro tenha reconsiderado sua ênfase em Júlio César. “Admirando abertamente o ditador, mas moderadamente hostil ao Império e especialmente a seu novo governante, Diodoro achou melhor eliminar a história contemporânea de sua obra” (SACKS, 1990, p. 160).

Nesse caminho, o que mais dificultou – e por algum tempo impediu – a publicação da **Biblioteca Histórica** nos anos 40 a.C. e 30 a.C., foi o apreço de Diodoro pelo Egito e por Dioniso, identificados com Marco Antônio, opositor de Otávio Augusto. Disponibilizar uma publicação como aquela em um momento histórico tão delicado poderia custar muito ao autor, em um caso extremo, sua própria vida. No triunvirato do qual Marco Antônio e Otávio faziam parte, o controle sobre a parte leste do Império Romano estava ao encargo do primeiro, aproximando Marco Antônio do Egito e de Cleópatra VII.

Desde muito cedo, Antônio começou a se identificar, ou se permitiu ser identificado, com o herói de Diodoro, Dioniso. [...] Durante os anos 30, Otaviano foi capaz de explorar a identificação de Antônio com Dioniso para ajudar a destruir sua credibilidade na Itália [...] Antônio poderia ser retratado como viciado em sexo e luxo oriental (MUNTZ, 2017, p. 237).

Apesar de o Egito ser visto até então como um lugar de sabedoria antiga, os esforços de Otávio em promover uma propaganda antiegípcia acabaram se revelando eficazes, especialmente nas produções do período do principado de Augusto, tendo como exemplo poemas com forte teor misógino contra Cleópatra, segundo Muntz (2017). A relação de Marco

Antônio com Cleópatra passou a ser relacionada a estereótipos de uma decadência oriental, bem como a emasculação do romano pela rainha estrangeira Muntz (2017, p. 238). A associação com uma rainha estrangeira também permitia a Otávio justificar sua guerra como um conflito com uma potência estrangeira, não uma nova guerra civil (MUNTZ, 2017, p. 239). “Esta visão negativa do Egito persistiria na cultura romana muito depois de Áccio: [...] O Egito se tornou sinônimo de depravação moral e licenciosidade” (MUNTZ, 2017, p. 242).

Ainda, segundo Muntz (2017), é possível que Diodoro tenha feito uma tentativa de começar a publicar os livros da **Biblioteca** ao longo dos anos 30 a.C. Com a progressiva tensão entre Otávio e Marco Antônio, provavelmente, ele tenha resolvido esperar mais, porém algumas cópias foram publicadas, o que, segundo o autor, explicaria a acusação de pirataria por Diodoro Sículo de alguns de seus livros. Não fica claro se Diodoro Sículo era um apoiador de Marco Antônio, mas a ênfase de sua obra no Egito e em Dioniso, ambos identificados com o romano, poderia colocá-lo ao lado dele naquela situação e tornar perigosa a sua estadia em Roma, sob os olhos de Otávio.

Talvez Diodoro se considerasse um apoiador de Antônio. Por outro lado, os livros sobreviventes não dão nenhum sinal de apoio a Antônio, e o elogio de Roma, não de Alexandria, no próêmio, sugere que Diodoro não foi seduzido pela monarquia oriental de Antônio. Talvez a aceitação de Antônio dos elementos mais licenciosos de Dioniso – a bebida, a libertinagem – juntamente com o ar geral de decadência oriental em torno de sua corte ofendeu Diodoro também. Ou talvez Diodoro não se sentisse confiante o suficiente em sua própria posição para se comprometer definitivamente com Antônio (MUNTZ, 2017, p. 244).

Muntz (2017) sugere que Diodoro pode estar esperando um momento mais oportuno para a publicação de seus livros caso Marco Antônio vencesse a guerra ou, talvez, “ele era fiel demais a seus valores e sua crença no Egito como a maior civilização e em Dioniso como o maior portador da cultura para comprometê-los mais do que deveria, mesmo que isso significasse continuar a conter a *Bibliothèque* como um todo” (MUNTZ, 2017, p. 246). “Como muitos outros, Diodoro foi pego em um período caótico e turbulento, e se a falha ou inabilidade de completar e publicar a *Bibliothèque* foi o pior que ele suportou, ele poderia se considerar afortunado” (MUNTZ, 2017, p. 247).

Intelectuais gregos nos anos 30 a.C. vivendo em Roma acabaram se vendo forçados a escolher entre dois líderes romanos. “Não era o momento para um grego teimoso estar sem patronos ou amigos influentes” (SACKS, 1990, p. 190). Assim, as críticas de Diodoro a Roma não são severas e ele, inclusive, mostra admirar alguns de seus líderes. Porém, a visão do autor e sua escrita refletem a sua origem e a forma como a Sicília é tratada pelos governantes romanos faz pender o seu posicionamento. “Fosse em Roma ou na Sicília da época, o tratamento brutal

de sua pátria e as celebrações em Roma não poderiam ter deixado o historiador bem-disposto para com Otaviano ou a cidade imperial” (SACKS, 1990, p. 194). César, por outro lado, concedera a cidadania aos sicilianos e possivelmente aliviara as taxações sobre a ilha. “Se as simpatias de Diodoro fossem afetadas pela forma como os políticos romanos contemporâneos tratavam sua terra natal, ele naturalmente seria hostil para com Otaviano” (SACKS, 1990, p. 198)

É interessante observar, ainda na perspectiva de Sacks (1990), que o poder de Otávio se apoiava na figura de César, assumindo por exemplo o título de *divi filius*. Diodoro ressalta a deificação de Júlio César, mas ignora a pretendida associação de Otávio com ele. Apesar de o autor não ser tão claro em seus escritos, podemos nos perguntar se em reuniões particulares Diodoro não colocava de forma mais inflamada esses posicionamentos que só podemos distinguir brevemente. “Mesmo que Diodoro tenha se sentido tentado a expressar sua opinião, o medo pode ter intercedido ao testemunhar as proscricções e repressões brutais de Otaviano” (SACKS, 1990, p. 194).

Diodoro tinha algum conhecimento da Sicília na década de 30; se ele tivesse voltado para lá, as pressões o seguiriam. A guerra pela Sicília terminou em 36, mas a ilha continuou sofrendo. As cidades foram destruídas e substituídas por colônias romanas. A *Bibliothèque* não é suficientemente hostil para marcar seu autor como um inimigo de Roma empenhado em escrever literatura de resistência. Mas, quanto mais perto a história chegava do presente, mais problemas ela trazia (SACKS, 1990, p. 202).

Sacks (1990) oferece a data de publicação da **Biblioteca** em torno de 30 a.C., ainda durante a vida de Diodoro, mas Muntz (2017) acredita que o autor não tenha vivido para ver sua obra publicada. Sacks (1990, p. 161) acredita na possibilidade de Diodoro ter sobrevivido à virada do século, mas não mais do que isso. Ainda, Sacks (1990, p. 164) aponta que a obra parece ter sido popular durante a vida de Diodoro e por muito tempo depois. Segundo o autor, há uma estela mortuária em Agírio carregando o nome de “Diodoro, filho de Apolônio”, mas infelizmente não é possível confirmar se pertence ao Diodoro de Agírio do qual tratamos.

Nesta seção, buscamos trazer um panorama da vida de Diodoro Sículo relacionada à escrita da **Biblioteca Histórica** e ao contexto político em que ele viveu. Observamos que o autor esteve em um período turbulento politicamente, o que refletiu fortemente na escrita de sua obra e sobre o qual ele demonstrou ter um posicionamento, mesmo que discreto. Pontuamos ainda de que forma a obra foi organizada e composta e como foi recebida pela historiografia no século XIX. Assim, acreditamos ter contemplado elementos necessários para compreender a obra e o autor. Na seção a seguir, analisaremos questões referentes aos objetivos de Diodoro Sículo e de que forma ele os relaciona com a narrativa mítica em sua obra.



## 1.2 MITO E HISTÓRIA NA OBRA DE DIODORO SÍCULO

Para tratar acerca da relação entre mito e História na obra de Diodoro Sículo, é necessário compreender como o mito se insere em seu trabalho como um todo. Destacaremos os objetivos do autor ao escrever a **Biblioteca Histórica**, a construção de temáticas importantes para ele ao longo da narrativa, e analisaremos como o mito se coloca e qual a sua função.

A primeira questão destacada é que Diodoro Sículo possui um objetivo educativo explícito ao longo de toda a sua obra. Ele pretende educar os seus leitores a partir do exemplo de figuras históricas, sobretudo governantes e deuses, com o intuito de inspirar bons comportamentos e evitar os ruins (DIOD. SIC., I, 1, 4). O comportamento moderado e a benevolência (expressados pelo termo *επιείκεια* / *epieíkeia*) e as boas ações (*ευεργεσία* / *euergeσία*) são pontos chave que caracterizam o bom governante, e que devem também inspirar e servir de exemplo para seus estudantes. Mais do que monumentos, estátuas e ritos de culto, Diodoro acredita que a História é a forma mais segura de imortalizar benfeitores. Monumentos podem ser derrubados, estátuas destruídas e cultos esquecidos, mas as palavras registradas por um historiador são capazes de tornar imortal tudo aquilo que for bom, mas também o que há de ruim (DIOD. SIC., I, 2, 2-5). Por isso, é necessário evitar os excessos e jamais praticar a crueldade, pois é possível ser conhecido pela História como um exemplo ruim a ser evitado na posteridade, além de ser malvisto pela eternidade adentro.

É nesse sentido que o mito se encaixa nos objetivos de Diodoro. Como uma narrativa com forte potencial moralizante, utilizar exemplos de heróis e deuses de um período difícil de datar e de confirmar a veracidade torna a **Biblioteca Histórica** uma obra carregada de sentidos e moral organizados de acordo com o sentimento que o autor pretendia imprimir a ela. Por mais que as visões sobre o mito entre os historiadores da Antiguidade sejam contrastantes, esse tipo de narrativa serviu muito bem à construção da obra de História Universal de nosso autor de acordo com seus objetivos. Discutiremos mais a fundo alguns assuntos importantes para Diodoro Sículo em sua **Biblioteca** e, a seguir, trabalharemos mais atentamente com a questão do mito na obra.

Segundo Sacks (1990, p. 23), “no período helenístico, a justificativa mais proeminente para escrever história era a concessão de vantagens (*ωφέλεια*) ou utilidade (*το χρήσιμον*) ao leitor”. A benfeitoria é uma das questões centrais ao longo de toda a **Biblioteca Histórica** de Diodoro Sículo. Assim como ele, Políbio, Dionísio de Halicarnasso e Tucídides acreditavam no uso da História de forma a não repetir os erros do passado e utilizar os benfeitores como

exemplos. “O historiador não pretende influenciar o comportamento futuro, mas apenas espera que o leitor encontre o conhecimento útil em sua própria vida. Diodoro, no entanto, deseja melhorar as atitudes morais de sua clientela” (SACKS, 1990, p. 24).

Sacks (1990, p. 25) categoriza o objetivo de Diodoro como “utilidade moral”, já que sua escrita parece ser voltada para qualquer público com acesso à sua obra. A **Biblioteca Histórica** não é voltada exclusivamente a generais ou governantes, mas apoiada no cultivo da virtude cívica. A benfeitoria seria uma “força ativa que Clio direciona aos seus leitores. A história, segundo Diodoro, tem a responsabilidade de atuar como persuasão moral, condenando a pior das pessoas e incentivando a melhor” (SACKS, 1990, p. 25). No que concerne aos mitos, para Diodoro não importa se as narrativas parecem ser falsas, o que basta é a utilidade moral impressa nelas pela mão do historiador.

Mota (2008), bem como Sacks (1990) apontam para a existência de elementos próprios do estoicismo em Diodoro, mas este último observa que há traços de diversas filosofias helenísticas presentes na **Biblioteca Histórica**, não sendo possível classificar Diodoro Sículo como estritamente estoico – apesar de Alasà (2001) considerá-lo como um, conforme citamos na Introdução. É possível observar também na narrativa diodoriana um consenso com as tendências do período em que o autor vivia. “A historiografia do período mostrava-se preocupada com os valores morais que permitissem ao indivíduo levar uma vida melhor e mais feliz” (MOTA, 2008, p. 57).

Mais do que relatar acontecimentos históricos ou estabelecer narrativas curiosas, seu discurso é calcado na retórica de quem pretende ser louvado não pelas teorias de explicação do mundo e da sociedade, mas pela exortação à vivência de um gênero de vida que se coadunasse com seus discursos (MOTA, 2008, p. 58).

Dentro dessa perspectiva, outra pauta importante para Diodoro era a fortuna (τύχη / týche). Avaliar o direcionamento moral e os bons comportamentos de uma personagem histórica envolvia observar como ela se comportava quando gozava de uma fortuna favorável a si. Especialmente no caso de reinos como um todo e de governantes específicos, boa fortuna deveria vir acompanhada da manutenção da moderação e das boas ações. Comportar-se de forma cruel e excessiva somente por estar desfrutando de um momento favorável, poderia se converter em um erro grave assim que a fortuna, caprichosa como era, se invertesse e uma série de ruínas acompanhasse.

“Atenas e Esparta construíram seus impérios com base na benevolência; eles então passaram a agir duramente com seus súditos e deixaram de demonstrar moderação; por causa dessa nova atitude, os estados subjulgados se rebelaram” (SACKS, 1990, p. 42). A mesma

situação ocorre no caso das Amazonas de Temiscira que, tratando duramente os povos conquistados, foram esmagadas por rebeliões quando Hércules abriu o precedente, derrotando-as pela primeira vez (DIOD. SIC., II, 46, 3-4). Por outro lado, entre as Amazonas da Líbia não é atestada a rebelião dos Atlantes conquistados, pois a rainha Mirina os tratou com gentileza e benevolência (DIOD. SIC., III, 54, 5).

A maioria de suas fontes argumentava que os Estados governantes enfraquecem à medida que o poder imperial corrompia seus valores sociais. Mas Diodoro preferiu enfatizar a relação entre governantes e súditos, explicando que ações gentis trazem lealdade, e as severas, rebeliões. O uso generalizado do esquema pode ter a intenção de ser um aviso para Roma [...] Diodoro era um provinciano, com forte fidelidade à Sicília; ele estava menos preocupado com o que ocorria na sociedade romana do que com a maneira como Roma tratava seus súditos (SACKS, 1990, p. 51-52).

É nesse sentido que a moderação se torna um elemento fundamental a se preservar em situações de boa fortuna. Da mesma forma, assim como a fortuna, o comportamento moderado é mais uma das chaves para compreender a obra de Diodoro Sículo. Da mesma forma, a noção de moderação não é tragada do vazio pelo autor, mas se encaixa na série de conceitos importantes para o período helenístico. Segundo Muntz (2017, p. 79), “é central para o modelo de Diodoro para a manutenção do Império. Os estados sujeitos permanecerão leais, ou exibirão εὐνοία, se tratados com moderação, em vez de serem governados por meio de intimidação”.

Outro aspecto a ser destacado na narrativa diodoriana é a construção de uma História da cultura, ou seja, como o ser humano surgiu, se desenvolveu e construiu suas sociedades, passando do estado “selvagem” para um estágio cultural. Nesse sentido, Diodoro reforça o papel da χρεία / chreía e da φύσις / phýsis, a necessidade que leva os homens a trabalharem juntos para sobreviver e a natureza que os pressiona de forma que eles precisem se adaptar a ela para sobreviver.

Diodoro utiliza aspectos curiosos e “maravilhosos” para mostrar a capacidade humana de se adaptar ao mundo frente a uma natureza hostil e plena de perigos com existência de feras selvagens, fenômenos estranhos, paisagens repletas de perigos e cheias de obstáculos à existência humana. A diversidade de tipos humanos e sua organização social e política na *oikouméne* mostra as diferentes respostas que o homem deu para essa hostilidade oferecida pela natureza (MOTA, 2008, p. 59-60).

Percebemos, assim, um certo determinismo geográfico: o ambiente tem muita influência no desenvolvimento do homem, que por outro lado, é capaz de se adaptar a qualquer ambiente. Segundo Muntz (2017), desde Hesíodo há uma tendência de relacionar as eras dos metais e identificar o “progresso” humano como degradação. Ao longo do tempo, essa concepção vai

mudando. Já no século V a.C. se percebe isso com Ésquilo, Sófocles, Eurípides, com uma noção de que a humanidade sai de um estado primitivo e se desenvolve.

Segundo Diodoro, o que leva a humanidade a se desenvolver é a necessidade, o que difere um pouco do que ele diz ser a visão dos egípcios no Livro I, de que uma divindade leve o povo a sair do estado primitivo. Estas aparentes contradições geraram uma série de teorias acerca da *Kulturgeschichte* (História da cultura) de Diodoro, buscando atribuí-la a Demócrito ou Protágoras. É interessante observar que no mesmo período de Diodoro, o grego Posidônio e os latinos Lucrécio e Vitrúvio estão tratando do mesmo assunto do desenvolvimento humano, mas de forma diferente. “Para Diodoro, a *Kulturgeschichte* não é uma teoria abstrata, mas sim uma compreensão do homem primitivo que é confirmada, em parte, pela autópsia de culturas primitivas ainda existentes, sejam as suas próprias ou as descrições que leu em outros autores” (MUNTZ, 2017, p. 72).

Nesse sentido, Muntz (2017, p. 84) aponta para um conceito relacionado ao de *χρεία* / *chreía*, *metus hostilis*, “que primeiro fez com que o homem primitivo cooperasse, como também tendo forçado os romanos a cooperar e competir pela vantagem e sobrevivência de seu estado”. Considerando que a obra de Diodoro é certamente calcada no contexto histórico do autor, é necessário observar um sentimento comum em sua época em relação a Roma: o fato de existir, por muito tempo, uma potência estrangeira, Cartago, que ameaçava a existência de Roma, fez com que a cidade se desenvolvesse, se expandisse e prosperasse.

Por outro lado, quando Cartago foi derrotada e destruída, permaneceu a sensação de que o Império poderia se corromper e acabar sendo destruído e substituído por uma potência mais forte no futuro, porque o medo de outro império não era mais determinante para o desenvolvimento de Roma. “Esta teoria, que a remoção do medo de Cartago levou ao declínio de Roma, estava se desenvolvendo na historiografia romana no final da República quando Diodoro estava escrevendo” (MUNTZ, 2017, p. 86). “De acordo com Salústio “após a remoção do medo púnico, o caminho estava livre para rivalidades” (*postquam remoto metu Punico similtates exercere vacuum fuit*, 1.12) e a República começou a entrar em colapso” (MUNTZ, 2017, p. 87). Assim, o autor demonstra como, mesmo quando Diodoro se refere ao surgimento da humanidade e ao desenvolvimento da cultura, está fazendo referência aos debates presentes no seu contexto histórico e tratando de temas que são importantes para compreender a sua própria contemporaneidade.

Diodoro Sículo, um autor que foi visto comumente no século XIX como um copista acrítico – quando lançamos um olhar atento sobre ele, observamos que o autor foi um homem de seu tempo, apesar de a definição parecer óbvia. Certamente Diodoro foi um historiador

consciente da realidade que o cercava, tanto no que diz respeito à Sicília, sua terra natal, como ao Egito e a Roma, lugares onde viveu. Além de ser completamente inteirado e ciente dos debates intelectuais de sua época, dialogava com eles e emitia opiniões em seus escritos sobre autores anteriores, buscando validar ou criticar aqueles estudos. Possuía também opiniões políticas e um forte senso de moralidade e compromisso em influenciar seus leitores ao bem viver, a uma vida moderada e pautada pela retidão. Nesse sentido, o uso da narrativa mítica pelo autor se torna fundamental para o alcance de seus objetivos com a **Biblioteca Histórica**.

No início do Livro IV, Diodoro Sículo discorre acerca da dificuldade ao inserir a mitologia em uma obra de História. O primeiro ponto levantado pelo autor é a antiguidade das narrativas, o que torna difícil recuperá-las e escrevê-las. Ainda, há de se levar em consideração que não é possível demarcar com precisão cronologicamente os acontecimentos. A abundância de personagens míticos, heróis, deuses e semideuses também dificulta a cobertura completa dos relatos míticos. Por fim, é preciso considerar que o ponto de maior dificuldade para Diodoro é o fato de que suas fontes, os autores anteriores, se contradizem nos relatos (DIOD. SIC., IV, 1, 1).

Assim como possuímos a compreensão atualmente de que os mitos são narrativas que partiram de uma cultura oral, é possível que Diodoro também tivesse alguma percepção nesse sentido, assim como demonstra compreender que a humanidade parte de um princípio nômade e desenvolve estruturas sociais e culturais ao longo do tempo. O fato de os mitos começarem na oralidade e não com um cânone estabelecido, faz com que eles variem, com a adição, modificação e exclusão de alguns elementos ao longo do tempo e dependendo da sociedade na qual eles circulavam. Alguns mitos gregos assumem elementos e personagens presentes na mitologia de outras sociedades, como a egípcia e as do Oriente Próximo. Da mesma forma, como a principal característica do mito nas obras literárias é a moralização e educação, cada autor reconta-o da forma como considera mais pertinente para os seus objetivos e o seu contexto histórico, especialmente no caso das tragédias.

Por se tratar de um trabalho delicado e marcado por controvérsias, alguns historiadores anteriores a Diodoro optaram por deixar o mito de fora de suas obras. O autor destaca Éforo, também autor de História Universal, que evitou tratar sobre mitologia em seus escritos (DIOD. SIC., IV, 1, 3). Para o autor, escrever uma História Universal implica abarcar o máximo possível da οἰκουμένη / oikouménē (mundo habitado), incluindo a mitologia, mesmo que seja difícil trabalhar com esse tipo de narrativa.

Segundo Mota (2008), o conceito de οἰκουμένη / oikouménē varia ao longo do tempo: Heródoto representava as terras cultivadas em oposição ao deserto; Aristóteles via o mundo

habitado incluindo as terras não-gregas; por fim, o conceito chega em um ponto que acaba por abarcar toda a terra. Diodoro descreve, inclusive, o céu e as estrelas, mas sabe que o que narra não é tudo o que há na terra, ele relata somente aquilo que conhece. Assim, dar conta de tudo o que for possível é o trabalho do historiador que pretende escrever uma História Universal. Deixar de lado propositalmente períodos ou regiões inteiras do mundo não é algo recomendado por Diodoro.

Ainda no que diz respeito ao mito, sua utilização é muito conveniente para os objetivos educativos e moralizantes do autor.

Feitos extraordinários e muito numerosos, certamente, foram realizados por heróis e semideuses e por muitos outros homens bravos, a quem a posteridade honrou por seus serviços à comunidade, alguns com cultos iguais aos que se rendem aos deuses, outros com os que se tributam aos heróis; e em todos os casos a voz da história cantou para sempre suas empresas com o devido elogio (DIOD. SIC., IV, 1, 4)<sup>7</sup>.

A perspectiva de imortalizar por meio da História os feitos de heróis e homens ilustres divinizados é uma questão importante e recorrente na narrativa de Diodoro. Muntz (2017) entende que a insistência do autor em evidenciar a importância da imortalização das ações de benfeitores por meio da História e destacar como essas figuras foram alvo de gratidão pelos povos em torno delas, se relaciona com o apreço particular de Diodoro Sículo por Júlio César. Tratar desse assunto também está inserido nos debates contemporâneos a Diodoro sobre a deificação de César.

Se pensarmos a partir de uma perspectiva contemporânea que entende o mito como algo falso, mentiroso, não seria contraditório um historiador construir parte substancial de sua obra (seis de quarenta livros) sobre a mitologia? Compreender o que os gregos entendiam por “verdade” e “mentira” pode nos ajudar a clarear e definir porque é totalmente plausível que Diodoro inclua com segurança narrativas sobre cuja veracidade ele não tem controle. A historiadora Camila Condilo (2018, p. 18) explica que

A ideia de *mythos* como contraponto ao conceito de *logos* é problemática por várias razões, sendo a principal delas o fato de que *mythos* também possui uma dimensão racional na medida em que qualquer forma de pensamento necessariamente envolve lógica, portanto, cada forma de pensar tem sua própria razão de ser.

---

<sup>7</sup>μέγιστα γὰρ καὶ πλεῖστα συνετελέσθησαν πράξεις ὑπὸ τῶν ἡρώων τε καὶ ἡμιθέων καὶ πολλῶν ἄλλων ἀνδρῶν ἀγαθῶν: ὧν διὰ τὰς κοινὰς εὐεργεσίας οἱ μεταγενέστεροι τοὺς μὲν ἰσοθέοις, τοὺς δ' ἡρωικαῖς θυσίαις ἐτίμησαν, πάντας δ' ὅ τῆς ἱστορίας λόγος τοῖς καθήκουσιν ἐπαίνοις εἰς τὸν αἰῶνα καθύμνησεν.

Considerando que por muito tempo, mesmo após o advento da Filosofia, os mitos continuaram sendo utilizados para explicar e dar sentido ao mundo grego, “se *mythos* é entendido no sentido de história não verdadeira, permanece o fato de que histórias fabulosas continuaram válidas por muito tempo como explicações relevantes para a manutenção de práticas sociais e políticas no mundo antigo” (CONDILO, 2018, p. 18). No que diz respeito à verdade (ἀλήθεια / *alétheia*), a autora nos mostra que “antes do que uma polaridade entre ‘verdade’ e ‘mentira’, ἀλήθεια expressa o sentido daquilo que não é obscurecido, desconhecido ou esquecido acerca do argumento em questão” (CONDILO, 2018, p. 19). Faz-se necessário citar a autora novamente em alguns pontos de sua definição de mito, de forma a discutirmos a questão relacionando-a a Diodoro na sequência.

Autores eram livres para colorir a história como quisessem, mas “eram sempre atrelados em alguma medida pelas tradições que determinavam o esqueleto da narrativa e os limites dentro dos quais motivos podiam variar” (BARAGWANATH; DE BAKKER 2012, p. 17). Mitos tinham um importante significado coletivo para grupos sociais na medida em que eram parte de um repertório mais amplo de histórias que poderiam, por exemplo, “formar a consciência grega acerca de sua história e da relação entre os vários grupos” (CONDILO, 2018, p. 24).

Concordamos com a síntese dos autores apresentada por Condiolo (2018), já que se observa, de fato, um padrão entre os mitos quando colocados em comparação a Diodoro e outros autores. O tom da narrativa e os detalhes, no entanto, diferem, como é o caso do rapto da amazona Antíope por Teseu no episódio do cinturão de Hipólita<sup>8</sup>. Outros autores, porém, dizem que foi Hipólita aquela raptada (DIOD. SIC., IV, 28, 1). Ainda, no que diz respeito à formação da consciência grega, é necessário destacar que, além do incentivo de comportamentos de acordo com uma moral determinada, os mitos possuem o potencial de conferir coesão a um povo.

As Amazonas, por exemplo, por muito tempo funcionaram como um inimigo lendário que estimulava a definição do que é grego e do que é bárbaro. No sentido moral, definiam as fronteiras do ser mulher<sup>9</sup>. Assim, concluímos que, de acordo com os significados múltiplos que os mitos possuíam para os gregos Antigos, estarem inseridos em uma obra de História como a de Diodoro Sículo não seria contraditório. Eles fazem parte de uma bagagem cultural que os gregos carregaram por séculos, são intrínsecos à sua história e ao desenvolvimento de sua sociedade e, portanto, a sua utilização em uma obra de História não estaria em desacordo com os propósitos do autor.

---

<sup>8</sup> Discutidos nos capítulos 2 e 3 desta Dissertação.

<sup>9</sup> Da mesma forma, essas questões serão abordadas com maior detalhe nos capítulos seguintes.

No entanto, apesar da defesa apresentada por nós, Muntz (2017, p. 101) mostra um contraponto:

Assim, Diodoro está claramente indo contra uma forte tendência de excluir o período mítico da escrita histórica grega, remontando pelo menos a Éforo. O mito foi relegado, na melhor das hipóteses, a digressões, e mesmo esse tratamento de segunda classe deixou o autor aberto a críticas, [...] mas nenhum historiador anterior tentou cobrir o mito de forma tão detalhada e ordenada como Diodoro faz.

Compreendemos esse *background*, mas seguimos reforçando que, apesar de contraditória, a utilização do mito é certamente plausível de acordo com os objetivos do autor. Assim, concordamos com Muntz (2017, p. 105), quando o autor atesta que:

O mito, apesar de seus muitos problemas para o historiador, é digno de inclusão na história porque o propósito da história, como Diodoro a entende, é preservar os grandes feitos dos homens como uma inspiração, e mesmo que os detalhes possam ser discutidos, ninguém contesta que figuras míticas como Hércules concederam grandes vantagens a toda a raça humana.

Uma vez que Diodoro Sículo inclui a mitologia grega e bárbara em sua obra, é necessário discutir de que forma ele constrói sua narrativa e como ele trata os mitos em sua escrita. A partir do século IV a.C., começam a aparecer as obras de mitografia, ou seja, compilações de mitos. Muntz (2017, p. 102), nos apresenta maiores detalhes sobre a natureza dessas obras – conforme suas palavras:

Em primeiro lugar, há obras que se dedicam a detalhar, em prosa, os mitos em várias grandes obras da literatura [...] A segunda categoria de obras mitográficas consiste em coleções de mitos individuais, geralmente organizados em torno de um determinado tema ou tópico. [...] As abordagens dos autores dessas coleções variam tanto quanto seus conteúdos. Alguns simplesmente recontam mitos unificados por um tema ou tópico específico, mas outros os envolvem de forma mais crítica.

É interessante observar que para a composição de seus livros, dificilmente Diodoro utilizou uma só obra geral sobre mitologia. Como foi citado anteriormente, as mitografias (com a exceção de Pseudo Apolodoro) não eram gerais, então, a construção do mito de Diodoro deve ter sido baseada em diversas fontes mitográficas. Assim, “o tratamento abrangente da mitologia por Diodoro precisa ser considerado inovador não apenas no contexto da historiografia grega, mas também no contexto da mitografia grega” (MUNTZ, 2017, p. 104).

Ao escrever História, Diodoro “reconhece os padrões da historiografia, mas acredita que eles devem ser relaxados ao lidar com o passado mítico” (MUNTZ, 2017, p. 105). Ou seja, não é possível tratar o mito da mesma forma que a História e, enquanto Diodoro busca a maior



precisão possível ao escrever aquilo que pode ser datado com alguma certeza, no que concerne ao passado mítico, ele é capaz de aceitar a incerteza que envolve escrever sobre o assunto.

Mas onde termina o mito e começa a História? Diodoro separa o que é o passado mítico tanto para bárbaros como para gregos de formas diferentes. No caso dos gregos, refere-se ao que é anterior à Guerra de Troia, para o caso dos bárbaros, como egípcios e assírios, apega-se ao que é possível datar a partir de escritos. Em vez de fazer uma tentativa de datar essas narrativas, ele divide-os naqueles dos povos da Ásia e África, nos Livros I a III, e os povos da Europa, nos Livros IV a VI.

O tratamento dos mitos dado por Diodoro é indicado, geralmente, por meio do discurso indireto, com especial destaque ao verbo μυθολογεῖν / mythologeîn (contar mitos), que o autor usa sem um sujeito. Ou seja, inicia certas frases com “conta-se no mito que...”, de forma a deixar claro a procedência da informação. Quando trata de informações históricas, ele usa o discurso direto. Essa alternância entre discurso indireto e direto ao tratar de informações imprecisas ou com maior grau de precisão também é verificada por Condilo (2008) em seus estudos sobre Heródoto.

Muntz (2017, p. 108) observa que há três abordagens para interpretar o mito disponíveis para os historiadores contemporâneos a Diodoro: racionalização, evemerismo e alegoria. Compreender os mitos a partir da racionalização consiste em retirar os elementos fabulosos e aparentemente impossíveis das narrativas, como monstros, e identificá-los com eventos comuns. Esse elemento aparece em Diodoro no caso das Amazonas quando ele se refere à guerra entre elas e as Górgonas (DIOD. SIC., III, 52, 4). Para o autor, as Górgonas eram um povo de mulheres guerreiras habitantes da Líbia, assim como as Amazonas. Medusa fora uma de suas rainhas, derrotada por Perseu.

A segunda abordagem, o evemerismo, é nomeado a partir de Evêmero de Messina, autor da **História Sagrada**, que se entende como fundador dessa teoria seguida por muitos autores ao longo da Antiguidade. Elementos como o vento, o fogo, o sol e a lua são entendidos como deuses pela humanidade e, assim, se explica uma categoria de deuses primordiais. Os demais deuses são vistos como reis e rainhas que foram divinizados e que, portanto, nasceram humanos. Diodoro traz diversos deuses como Osíris, Ísis, Hermes e Dioniso, todos eles a partir de uma perspectiva evemerista, na qual eles foram reis ou pessoas importantes do passado. Por sua atitude benevolente para com o povo e toda a οἰκουμένη / oikouménē, foram divinizados e cultuados por séculos após suas mortes. “Tem-se argumentado que o evemerismo passou a constituir uma justificativa para as reivindicações da adoração divina de monarcas helenísticos e imperadores romanos” (ROBERTSON, 2008, p. 19). No contexto de Evêmero, a maior

influência para a escrita da **História Sagrada** deve ter sido Alexandre, o Grande, especialmente no que diz respeito à sua divinização.

A abordagem evemerista é especialmente importante para os objetivos de Diodoro porque, ao compreender os deuses benfeitores como reis e heróis do passado, permite que seus contemporâneos consigam se espelhar em seus exemplos. O autor parece buscar atrair o seu público para a possibilidade de ser divinizado e imortalizado pela História por meio de uma vida justa, moderada e marcada pela benevolência. Acima de tudo, discutir a divinização de governantes se insere perfeitamente nos debates intelectuais da época, especialmente no que concerne a Júlio César.

A terceira abordagem é a alegoria, utilizada principalmente pelos estoicos, e consiste em compreender os deuses e mitos como uma metáfora para um elemento da natureza, para uma explicação mais racional. No caso das Amazonas, como já foi apontado anteriormente, o principal foco do mito não é explicar o funcionamento do mundo, mas definir a identidade do povo grego em oposição aquilo que é bárbaro. Assim, Diodoro Sículo não aplica uma abordagem alegórica para buscar explicar o mito, pois não é necessária. O fato de existirem mulheres guerreiras parece compreensível o suficiente, de forma que não é necessário utilizar racionalização, evemerismo ou alegorias para explicar as Amazonas, ao menos a partir do nosso entendimento e análise do mito. Mota (2008, p. 84) traz uma questão interessante para enxergarmos as Amazonas nesse contexto:

Mulheres poderosas, guerreiras e bonitas chamaram a atenção, sobretudo pela exceção notória em relação ao verdadeiro papel que a mulher exerceu na Antiguidade: relegadas ao papel de esposas submissas e mães, elas não viviam no ambiente público, mas no interior das casas e da vida doméstica.

É interessante observar que o enfoque do autor em mulheres governantes e corajosas não é algo exclusivo de Diodoro. O “reconhecimento de atos nobres por mulheres” e o interesse literário por elas “tornou-se especialmente pronunciado no mundo helenístico, após a época de Éforo” (SACKS, 1990, p. 30).

Ao longo dos seis primeiros livros da **Biblioteca Histórica**, porém, Diodoro Sículo utiliza amplamente esses três tipos de abordagem, especialmente a racionalização e o evemerismo, para explicar a maior parte dos mitos e torná-los adequados aos seus objetivos. Nesse sentido, destacamos a figura dos *culture bringers* (“trazedores de cultura” em tradução livre), como é definido por Muntz (2017). Esses reis e rainhas do passado mítico, divinizados após as suas mortes, fazem parte de mais um ponto muito importante na narrativa de Diodoro Sículo. São eles os responsáveis pela instituição da cultura, das leis, da agricultura, da escrita,

dos cultos religiosos, dentre outras aquisições importantes para o desenvolvimento das sociedades humanas. Estas figuras compartilham seu espaço com a necessidade. A necessidade teria alavancado a humanidade para diversas conquistas como o desenvolvimento da linguagem, mas essas figuras divinizadas também têm um papel decisivo e preponderante na **Biblioteca Histórica**, e é sobre elas que discutiremos agora, encerrando este capítulo.

Segundo Muntz (2017), a utilização dos *culture bringers* por Diodoro se relaciona diretamente com questões contemporâneas a ele, como o culto ao governante, especialmente no que diz respeito à deificação de Júlio César. A figura de Hércules, por exemplo, concentrando qualidades e defeitos e chegando ao ápice com seu status divino e seu culto no mundo greco-romano (especialmente na Sicília, terra de Diodoro), é análoga a de Júlio César, para Mota (2008), na **Biblioteca Histórica**. O autor nutre grande admiração por ambos. Na obra, há três principais *culture bringers*: Osíris, Dioniso e Hércules. Segundo Mota (2008, p. 90),

As pequenas biografias construídas pelo autor permitem ao leitor ver a “marca” que cada um desses personagens deixou no mundo em meio a uma vida repleta de realizações: nascimento (geralmente envolvendo situações particulares ou especiais), formação de personalidade (ou de caráter, importante para um moralista como Diodoro), o comportamento nos campos de batalha e seus feitos guerreiros, os benefícios que tais indivíduos trouxeram para a humanidade (incluindo ensinar comportamentos que a levou a sair do estágio de barbárie), as grandes construções (porque mostram o desejo da glória imortal, uma qualidade importante para Diodoro) e, finalmente, a morte, que deve se dar em circunstâncias especiais, de acordo com a vida que tais personagens levaram.

Outras três figuras podem ser equiparadas às citadas anteriormente: Sesosís, Semíramis e a rainha das Amazonas Mirina. No entanto, todos esses três são, acima de tudo, conquistadores, assim como Alexandre, o Grande, e não benfeitores de toda a οικουμένη / οίκουμένη, como é esperado por Diodoro. É curioso que o autor não veja Alexandre como digno de deificação, sendo que o culto à sua figura era uma realidade no mundo helenístico.

Essa distinção entre aqueles que se tornam deuses e aqueles que não se tornam deuses é extremamente importante para Diodoro e está ligada tanto a suas próprias teorias de historiografia quanto aos debates acirrados em seu próprio tempo sobre o culto do governante e a potencial deificação de Júlio César (MUNTZ, 2017, p. 144).

Algumas características são necessárias para a deificação na visão de Diodoro, e a conquista de territórios e construção de cidades não é o bastante para receber honras divinas. É necessário beneficiar toda a humanidade, como foi apontado anteriormente, e não um reino ou cidade somente. Segundo Muntz (2017, p. 139), “um grande líder antecipa e atende às necessidades de seu povo, e difundir a agricultura é o exemplo definitivo disso. Quaisquer que

sejam suas origens, esta é uma das crenças fundamentais de Diodoro”. Também está presente na obra um estímulo competitivo dos líderes para que sejam desenvolvidas tecnologias, o que o autor vê como reflexo da patronagem que havia na época de Diodoro.

Muntz (2017) observa ainda uma resistência grega em cultuar seus reis como divindades, sendo Alexandre uma das exceções. Algumas justificativas para o culto aos reis é que eles protegem e provém o povo com o que ele precisa, e que por isso podem ser recompensados com o culto em vida; ainda, o culto pode ser uma justificação do poder real. Em Roma, da mesma forma, em geral não se aceitava culto ao governante, mas não parece ser exatamente como se procedia em todos dos casos. De qualquer forma, Roma ainda precisava lidar com o fato de que no leste helenístico o culto ao governante vinha se tornando um tema comum após Alexandre.

No entanto, os deuses como trazedores de cultura deificados são um tema importante nos livros de abertura da *Bibliothèque*, e uma das principais razões pelas quais Diodoro justifica a mitologia deve ser porque ela o capacita a destacar e legitimar os trazedores de cultura míticos e mostrar como os mortais podem se tornar deuses (MUNTZ, 2017, p. 148).

Apesar de ser possível ser cultuado durante a vida, o principal requisito para uma divinização completa é a morte. Após a morte física, é possível atingir a imortalidade por meio de cultos, rituais nas gerações posteriores para manter viva a memória e a honra daquele rei ou herói que agora é um deus (MUNTZ, 2017, P. 156). Além de ser um benfeitor para toda a humanidade, é necessário viver uma vida moderada e virtuosa. Quando Alexandre, afortunado pelos deuses, perde isso de vista, também perde a possibilidade de atingir a imortalidade e a deificação aos olhos de Diodoro (MOTA, 2008, p. 175).

Evêmero provavelmente escreveu originalmente a História Sagrada para ajudar a justificar o culto ao governante helenístico; na vida de Diodoro, ele se transformou cada vez mais em caricatura, à medida que uma série de reis fracos como os Selêucidas, Ptolomaicos e várias dinastias menores assumiram cada vez mais títulos com conotações divinas, e até mesmo os nomes de divindades estabelecidas [...]. O tema de rejeitar indivíduos indignos da deificação aparece em obras satíricas do império e pode ter sido um motivo comum (MUNTZ, 2017, p. 166).

Nesse sentido, novamente reforçamos o fato de que Diodoro, ao utilizar Osíris, Hércules e Dioniso, estava se inserindo nos debates de seu tempo sobre a aquisição da imortalidade e divinização pelos mortais. “Não há dúvida de que um grande impulso para este debate foi a consolidação do poder absoluto por Júlio César, que estava recebendo inúmeras honras abrindo caminho para sua eventual deificação como *Divus Iulius*” (MUNTZ, 2017, p. 183). Diodoro, particularmente, não hesita em tratar Júlio César como um deus ao mesmo tempo em que rejeita

Alexandre, por exemplo. “As conquistas dos trazedores de cultura são justificadas pela disseminação da civilização<sup>10</sup> e eliminação da barbárie. Há um forte elemento disso com César e os gauleses” (MUNTZ, 2017, p. 186).

Se ele [Diodoro] tivesse escrito seu relato das campanhas de César na Gália, sem dúvida teria retratado César com uma forte missão civilizadora, enquanto minimizava as guerras como uma conquista crua. Isso coloca César muito mais alinhado com Osíris, Dioniso e Hércules do que com Sesosis, Semíramis, Mirina ou Alexandre, o Grande (MUNTZ, 2017, p. 187).

Ao conquistar a Bretanha, Júlio César é capaz mesmo de *superar* a expansão da “civilização” perpetrada por *culture bringers* anteriores. Diodoro “chama César de o maior de todos os romanos e afirma que recebeu com justiça o título de *divus* com base em suas virtudes: moderação (επιείκεια), nascimento nobre, habilidades militares e oratórias e indiferença ao dinheiro” (SACKS, 1990, p. 74).

Nesta seção, observamos alguns pontos marcantes e importantes para o desenvolvimento da narrativa de Diodoro Sículo em sua obra, a **Biblioteca Histórica**. São eles: uma história da cultura marcada pela ação da necessidade que move os humanos em direção ao desenvolvimento; e a figura de um líder cujo comportamento moderado e benevolente (επιείκεια / epieíkeia), mesmo quando goza de boa fortuna, e a concessão de benefícios (ευεργεσία / euergesía) a toda a οικουμένη / oikouméne leva a sua imortalização por meio da História e ao *status* de divindade garantido pelo povo por meio de cultos. O objetivo é educar os leitores em direção a uma boa vida, trazendo bons exemplos que os inspirem a conquistar a imortalidade por meio de grandes boas ações para com o mundo todo e, além disso, exemplos do tipo de vida que deve ser evitada.

Nesse sentido, mito e história são fundamentais para que o autor possa alcançar os seus objetivos. O mito, em especial, é indispensável, já que boa parte dos objetivos de Diodoro é lançada e fundamentada nos seis primeiros livros, que tratam quase exclusivamente de um passado mítico. Muitos exemplos de líderes e povos, a serem ou não seguidos, nos mostram com clareza o que o autor busca em sua obra (educar para o bem viver), e em quais sentimentos ele pretende envolver o leitor (inspiração). A instabilidade das narrativas míticas permite que Diodoro jogue com elas e modele-as da forma como considera mais pertinente para os seus objetivos. A ampla utilização do evemerismo como modo de interpretação dos deuses egípcios e gregos permite que ele consiga se inserir nos debates de sua época sobre o uso da narrativa

---

<sup>10</sup> Como descrito no capítulo 2, a seguir, “civilizado” (ήμερότης / hemerótes) para Diodoro é o povo que cultivava os seus campos e está submetido a algum tipo de autoridade.

mítica e sobre a questão do culto ao governante. Principalmente, permite que ele demonstre discretamente seu apoio e admiração a Júlio César.

Percebemos, na obra de Diodoro Sículo, a utilização da História com um propósito educativo. A educação (παιδεία / paideía), na tradição grega, passa na maioria das vezes – se não sempre – pelo uso da mitologia. Calcados na oralidade desde o princípio, os mitos serviram por séculos ao nobre propósito de dar sentido ao mundo e conferir identidade a um povo. A mitologia grega desenvolveu-se de forma a legitimar governos, direcionar comportamentos, estabelecer leis, organizar as relações entre as pessoas, como na família, no casamento e na guerra, estabelecer papéis sociais e mantê-los, dentre outras funções.

Não há como pensar a partir de uma perspectiva contemporânea e do senso comum no mito como história falsa. Apesar de alguns dos próprios autores gregos antigos terem suas dúvidas em relação às narrativas míticas, outros autores e, provavelmente, a população em geral viviam de acordo com os direcionamentos sociais calcados em um passado mítico e usavam-no de acordo com seus interesses para manter a ordem social ou alterá-la para algo melhor. É o caso de Diodoro Sículo, que lançava um olhar crítico sobre os mitos, mas estava inserido em um mundo extremamente marcado por eles e, portanto, sabia de sua função moralizante e de sua importância para alcançar os seus objetivos educativos.

Assim, neste capítulo como um todo pudemos compreender a figura de Diodoro inserido em seu próprio tempo, bem como a forma de estruturação de sua obra. Entender os objetivos do autor, o modo como ele compõe sua narrativa e utiliza os mitos para alcançar os seus propósitos é importante para compreendermos o lugar do mito das Amazonas em sua obra. Da mesma forma, estar ciente de quem foi o autor e como ele se relacionava com o seu período histórico e os debates intelectuais da época em que viveu, nos permite traçar um paralelo entre nosso objeto de estudo e o seu reflexo no século I a.C. Ou seja, compreender os pormenores da obra para além do mito das Amazonas nos auxilia a situar essas mulheres na narrativa de Diodoro de acordo com os objetivos educativos do autor. Além disso, é possível entender qual o significado do uso desse mito no contexto histórico no qual Diodoro viveu. Essas são questões que buscaremos responder nos capítulos a seguir.

## 2 AS AMAZONAS NA HISTORIOGRAFIA E NA BIBLIOTECA HISTÓRICA

### 2.1 A HISTORIOGRAFIA SOBRE AS AMAZONAS

O registro escrito sobrevivente mais antigo sobre as Amazonas é o poema épico **Iliada**, atribuído a Homero, com datação estimada entre o final do século VIII a.C. e o início do século VII a.C. As representações visuais mais antigas sobreviventes dessas mulheres datam do início do século VII a.C., e são pinturas na superfície de escudos votivos e relevos em bronze em faixas de couro de escudos.

Na **Iliada**, as Amazonas são mencionadas duas vezes. A primeira é no Livro III, quando Helena e Príamo observam os exércitos aqueus e o rei se recorda de quando lutou ao lado dos Frígios: “Pois eu, também, sendo seu aliado, era contado entre eles no dia em que vieram as Amazonas, pares de homens [Ἀμαζόνες ἀντιάνειραι]” (Hom., Il. III, 188-189). A segunda é no Livro VI, em um diálogo entre Glauco e Diomedes no campo de batalha, no qual o primeiro canta os feitos de seu avô Belerofonte, que matou a Quimera, derrotou os Sólimos e “matou as Amazonas, pares de homens [Ἀμαζόνας ἀντιανείρας]” (HOM., Il., VI, 186).

Segundo Josine Blok (1994), na **Iliada** os grupos de guerreiros que aparecem são pensados sempre como grupos de homens, como os Mirmidões, por exemplo. No caso das Amazonas, o termo ἀντιάνειραι / antiáneirai foi acrescentado para deixar claro à audiência aquilo que o termo Ἀμαζόνες / Amazónes sozinho não evidenciava: os guerreiros em questão são mulheres. Posteriormente, no Período Clássico, o termo feminino Ἀμαζονίδες / Amazonídes é criado, não deixando dúvidas em relação ao fato de as Amazonas serem mulheres. Já no século I a.C., na **Biblioteca Histórica** de Diodoro Sículo, percebemos a coexistência das duas tradições, considerando que o autor intercala a utilização dos termos τῶν Ἀμαζόνων / tón Amazónon (DIOD. SIC., II, 44, 2), e τῶν Ἀμαζονίδων / tón Amazonídon (DIOD. SIC., II, 44, 3), que significam “das Amazonas”.

Assim, Blok (1994, p. 132) conclui que, inicialmente, as Amazonas surgem na tradição literária como um nome, acompanhadas de um epíteto que designa sua natureza marcial, mas sem uma narrativa mítica que o acompanhasse (como é desenvolvida posteriormente). Nesse sentido, várias tentativas foram feitas já entre os gregos antigos de precisar a etimologia do nome Ἀμαζόνες / Amazónes. Dentre os significados prováveis, constam “sem seio”, indicando que elas removiam um dos seios, sendo a palavra formada por um α / a privativo, seguido de μαστός / mastós, como é explicado por autores como Helânico de Lesbos e Diodoro Sículo; a composição *a-maza*, “sem pão”, indicando que elas não cultivavam grãos, mas se alimentavam

de caça, como explica o autor bizantino Metódio; e as composições *ama-zoosai* (vivendo juntas), presente na **Eneida**, de Virgílio, e *ama-zoonais* (com cintos), por Temistágoras (BLOK, 1994, p. 21-23). Em todas essas propostas de etimologias gregas para as Amazonas, Blok defende a possibilidade de o termo não ser grego, mas ter sido adaptado de outro idioma (não é possível precisar qual), de forma a encaixar-se na poesia épica em hexâmetros da **Iliada**.

A historiadora Adrienne Mayor (2014, p. 85), observa que o tipo de arco usado pelos citas, bem como o arco usado pelos gregos e o arremesso de lança não tornariam necessário remover um dos seios. Diodoro Sículo (II, 45, 3; III, 53, 3) reforça a necessidade das Amazonas de remover apenas um ou ambos os seios para não atrapalhar na utilização do arco e da lança. Estas passagens dizem mais sobre o historiador siciliano do que sobre as mulheres guerreiras que ele descreve: o autor provavelmente nunca viu uma mulher atirando com arco ou manejando uma lança. Assim como Blok (1994), Mayor (2014) reforça que a origem do termo é incerta, provavelmente não-grega, e não tem nada a ver com seio e, inclusive, também cita a autora, concordando com ela que “a linguagem foi usada para preencher a imagem das Amazonas” (BLOK, 1994, p. 24).

Assim, a partir de evidências escritas e da cultura material grega antiga, Blok (1994) demonstra como as Amazonas se desenvolveram como um tema literário e artístico a partir de um nome e foram ganhando contornos étnicos e personagens mais específicos, como Pentesileia, amazona de origem trácia que enfrenta o herói Aquiles, narrativa presente na **Etiópida**, épico perdido do século VII a.C., atribuído a Arctino de Mileto e sumarizado por Proclo no século V d.C.

A amazona Pentesileia chega para combater ao lado dos troianos, filha de Ares, trácia de origem [γένοϛ]. Aquiles a mata quando ela está no auge de sua bravura combativa, e os troianos realizam seu funeral. Então Aquiles abate Tersites, ofendido com ele, repreendido por sua paixão declarada por Pentesileia (PROCLO, **Crestomatia**)<sup>1</sup>.

Blok (1994) apresenta um paradoxo relacionado a essa passagem: em geral, as Amazonas, especialmente Pentesileia, não são representadas mortas, pois em vida possuem o espírito (θυμός / thymós) masculino que as tornam equivalentes aos homens (pois só é possível enfrentar um inimigo que seja equivalente a si), o que confere o caráter heroico das batalhas contra elas. Por outro lado, uma vez que estão mortas, trata-se de cadáveres de mulheres, e a glória da batalha parece se perder, já que uma mulher foi assassinada. Assim, a autora mostra

---

<sup>1</sup> Tradução de Ícaro Gatti (2012, p. 139).



como os gregos buscavam não evidenciar a feminilidade das Amazonas inicialmente, tornando paradoxal o fato de que apesar de serem mulheres, era preciso evitar que o feminino fosse reforçado. No entanto, posteriormente, essa situação mudou, como veremos adiante.

Notamos a associação das Amazonas com os trácios. Segundo Blok (1994) essa relação é um elemento que se faz presente na cultura material, especialmente em figuras de vasos do século VI a.C., nas quais as Amazonas são frequentemente representadas vestindo pele de leopardo (*panther skin*). Isso leva a uma aproximação com as Mênades, seguidoras de Dioniso e habitantes da Trácia. As Amazonas, portanto, estão para Ares como as Mênades estão para Dioniso.

No que diz respeito a Ares, Florence Bennett (1912, p. 67) sugere que a associação entre as Amazonas e o deus é indireta, diferente do que acontece com as Mênades e Dioniso, e que pode ser um recurso utilizado pelos autores da Antiguidade pelo fato dessas mulheres serem guerreiras, assim como pode indicar uma tentativa de traçar uma genealogia. Isso pode ser verificado em Diodoro Sículo, cuja primeira menção a Ares indica a associação com a guerra, quando uma rainha das Amazonas se autointitula “filha de Ares” (θυγατέρα μὲν Ἄρεος) (DIOD. SIC., II, 45, 2). No capítulo seguinte, o autor menciona que a filha dessa rainha construiu templos a Ares e a Ártemis da Táurida, e que as Amazonas sacrificavam a ambos os deuses (DIOD. SIC., II, 46, 1-2). Diodoro relaciona ainda as Amazonas genealogicamente a Ares, ao afirmar que a rainha Pentesileia era filha do deus (Ἄρεος μὲν θυγατέρα) (DIOD. SIC., II, 46, 5).

Segundo Bennet (1912, p. 67), Ésquilo menciona a adoração das Amazonas a Ares quando estiveram sitiando Atenas, fato que não é mencionado em Diodoro ao tratar do mesmo episódio (DIOD. SIC., IV, 28). Apolônio de Rodes e Quinto de Esmirna apresentam as Amazonas como filhas de Ares, Pseudo-Higino menciona a rainha Hipólita como filha de Ares e da rainha Otrera, e Pseudo-Apolodoro referencia o cinto de Hipólita como um presente do deus<sup>2</sup>. Blok (1994) afirma, da mesma forma que Bennett (1912), o seguinte “apesar de Ares ter sido posteriormente considerado ancestral das Amazonas, a importância de sua paternidade na tradição amazona é minoritária” (BLOK, 1994, p. 259-260). De fato, Bennett (1912) menciona, a partir de Pausânias, a construção de um templo em Trezena na Ática a Ares por parte de Teseu em honra a vitória contra as Amazonas. Nesse sentido, Blok (1994) afirma que a partir de uma

---

<sup>2</sup> As referências são, respectivamente, Apollonius Rhodius, *Argonautica* 2. 989 ff (trans. Rieu) (Greek epic C3rd B.C.); Quintus Smyrnaeus, *Fall of Troy* 1. 618 ff (trans. Way) (Greek epic C4th A.D.); Pseudo-Hyginus, *Fabulae* 30 (trans. Grant) (Roman mythographer C2nd A.D.) e Pseudo-Apollodorus, *Bibliotheca* 2. 98 (trans. Aldrich) (Greek mythographer C2nd A.D.). Citações e trechos disponíveis em: <<https://www.theoi.com/Olympios/AresFavour.html#Amazones>>. Acesso em 7 out. 2020.

perspectiva da função do pai na Grécia Antiga relacionada ao casamento das filhas, Ares não performa essa função em relação às Amazonas, e tampouco parece estar ao lado delas nas batalhas da mesma forma como está ao lado de seus filhos homens (BLOK, 1994, p. 260).

Mencionada acima, outra deusa à qual as Amazonas são associadas é Ártemis, mas com os epítetos Efésia e Táurica. Segundo Bennett (1912), Píndaro atribui às Amazonas a construção do templo de Ártemis em Éfeso, destruído no século IV a.C. e depois reconstruído. Sobre esse templo mais antigo era dito que possuía quatro estátuas de Amazonas feitas pelos principais escultores do século V: Fídias, Policeto, Crésilas e Fradmon (BENNETT, 1912, p. 30-32). Da mesma forma, Walter Penrose Jr. (2016, p. 81) menciona, a partir de Plínio, o Velho, um concurso entre os escultores, incluindo também Cídon, para ver quem faria a melhor estátua de Amazona para o templo de Éfeso. Policeto teria ganho o concurso. É interessante observar que essa Ártemis de Éfeso é representada com uma coroa de torre e possuindo muitos seios, o que Bennett (1912) interpreta como uma forma de Cibele.

Se nos guiarmos apenas pela observação de Pausânias de que o santuário foi fundado pelo povo pré-jônico da região, ou seja, pelos leleges e lídios, entre os quais estes eram mais numerosos, deveríamos esperar encontrar a Mãe Lídia, adorada aqui. O nome Ártemis, sob o qual a deusa aparece, indica que os colonos gregos se apropriaram do culto que encontraram. A Mãe Lídia era evidentemente idêntica à Magna Mater da Frígia (BENNETT, 1912, p. 34).

Em seguida, a autora menciona o aspecto guerreiro de certas manifestações de Ártemis importado da deusa trácia Bendis. Esse aspecto aparece justamente, segundo ela, na Ártemis da Táurida cultuada pelas Amazonas (BENNETT, 1912, p. 43-44). Essas colocações nos levam a concluir algumas questões sobre a natureza das Amazonas: enquanto um povo nômade histórico constituído por homens e mulheres, ele cultuava seus próprios deuses e deusas guerreiras (os) e da fertilidade, sendo que uma de suas deusas foi assimilada pelos gregos como Ártemis. Considerando que Ares era mais cultuado na Trácia do que nas cidades gregas em geral, é possível que as Amazonas, enquanto uma interpretação grega de uma multiplicidade de povos bárbaros (dentre os quais os trácios), de fato cultuassem esse deus (assim como talvez cultuassem Bendis). As questões históricas envolvendo essas mulheres, porém, serão discutidas adiante. No momento, continuamos a discussão sobre Ártemis.

Mencionamos deusas estrangeiras que eram associadas a Ártemis pelos gregos, mas quais eram os principais aspectos dela no panteão grego? Segundo Blok (1994, p. 312), a deusa tem um importante papel como “senhora da vida”, ou seja, a vida perpetuada por meio das mulheres. Assim, Ártemis rege os ritos de iniciação das meninas na vida adulta por meio da

menarca até o casamento e a defloração. Da mesma forma como a deusa dá, ela também tira, e as mortes de mães no parto são associadas às suas flechas. “As virgens são particularmente associadas à deusa, enquanto as mulheres adultas devem se submeter à sua esfera de influência e devem se esforçar para afastar sua influência malévolos ou evocar sua proteção” (BLOK, 1994, p. 313). O poder de Ártemis é sobre o corpo feminino e, de certa forma, ela é uma deusa do sangue, especialmente do sangue sacrificial: “o animal abatido, a menina sacrificada e a mulher que morre no parto são equivalentes” (BLOK, 1994, p. 313). Segundo a autora, como as Amazonas não se casam, elas se mantêm toda a vida sob a esfera de influência de Ártemis, mesmo quando deixam de ser virgens e se tornam mães (BLOK, 1994, p. 315).

Há ainda outra deusa mencionada por Diodoro Sículo (III, 55, 8) como cultuada pelas Amazonas: a Mãe dos Deuses, ou seja, as deusas Réia ou Cibele<sup>3</sup>. É importante notar que Ártemis e Ares são associados às Amazonas que vivem junto ao rio Termodonte, na atual Turquia, enquanto Réia/Cibele é associada àquelas que vivem no extremo Ocidente, na atual Tunísia ou Argélia. Bennet (1912), ao analisar a associação das Amazonas ao culto da Grande Mãe, também menciona Diodoro Sículo.

A ideia subjacente no culto de Cibele parece ter sido a de uma deusa da terra da fertilidade no homem, no animal e no campo. Sua adoração era acompanhada pelo som de tambores e címbalos batendo, a música da flauta e as vozes de devotos frenéticos. De sua inspiração veio uma forma de loucura sagrada, que dotou o adorador com uma sensação de êxtase místico e força sobrenatural (BENNETT, 1912, p. 20).

A autora supracitada, assim, é capaz de estabelecer um paralelo entre diversas deusas e a Cibele frígia, notavelmente Réia de Creta, Hécate da Samotrácia (a ilha que as Amazonas de Diodoro Sículo consagram à Mãe dos Deuses), Lagina, Bendis da Trácia e Lemnos e Ártemis do Quersoneso Táurico (BENNETT, 1912, p. 27). Assim, a deusa venerada pelas Amazonas seria mais uma forma da Ártemis da Táurida.

Apesar das contribuições do texto de Bennett para o nosso estudo, devemos considerar que ele possui mais de cem anos, o que nos leva a apresentar algumas objeções. A conclusão geral do livro **Religious Cults Associated With The Amazons** (1912), de Bennett, é que “a tradição das amazonas preserva a memória de uma época em que as mulheres ocupavam um lugar importante no estado e na religião nas terras do Egeu, e que refletem a deusa desta civilização” (BENNETT, 1912, p. 76). Assim, fica claro que a autora é partidária da ideia de

---

<sup>3</sup> Cibele é uma deusa frígia que foi associada à Réia pelos gregos. Como é indicado por Florence Bennett (1912, p. 17-18), a chamada “Mãe dos Deuses” ou “Grande Mãe”, referida por Diodoro Sículo, é conhecida como Cibele ou Réia.

um período pré-histórico em que uma Deusa Mãe comum, que preservou seus traços em diversas deusas mediterrânicas e do Oriente Próximo, era venerada pelos povos da região. No período em que a autora escreve, estava em voga a teoria de uma Pré-História matriarcal substituída por um patriarcado em uma lógica evolucionista, ou seja, uma civilização em seu estágio mais “elevado” só é possível a partir da instituição do patriarcado<sup>4</sup>. Apesar de Bennett (1912) não defender essa tese, defende que uma Deusa Mãe traz um certo saudosismo de uma época pré-patriarcal onde as mulheres supostamente possuíam maior autonomia.

Acreditamos, a partir de nossa análise de Diodoro Sículo, que a relação das Amazonas com a Mãe dos Deuses na Samotrácia e seus sacerdotes Coribantes possa ser mais simples do que parece. É possível que o autor, depois de trazer uma série de cidades fundadas pelas Amazonas na costa leste do Egeu, como Mirina, Cime, Pítane e Priene, e a cidade de Mitilene na ilha de Lesbos, continue a narrativa com a instituição do culto à Réia/Cibebe (ou Hécate, como identificado por Florence Bennet e citado acima) na Samotrácia (DIOD. SIC., III, 55, 6-9)<sup>5</sup>, como parte de uma cadeia de mitos de fundação relacionados às Amazonas. No entanto, dentro do enfoque de nossa pesquisa, não somos capazes de precisar o porquê, enquanto um povo mítico, essas mulheres são associadas a essa deusa. Por outro lado, se pensarmos nelas como uma interpretação grega de uma série de povos bárbaros, é bem provável que alguns deles sejam responsáveis pela fundação de cidades e instituição de cultos que mais tarde foram associados às Amazonas.

No que diz respeito ao mito das Amazonas, ele continua seu desenvolvimento na arte e na literatura gregas ao longo dos séculos, favorecendo o aparecimento nos registros sobreviventes de novas personagens e narrativas. Em nosso trabalho, o foco recai sobre os registros escritos. Nestes, as Amazonas são interpretadas de diversas formas. Mas, ainda assim, a historiadora Lorna Hardwick (1990) percebe certas tendências na caracterização e representação dessas mulheres nos textos. Em Homero, Harwick (1990), assim como Blok (1994), demonstra que a ênfase nas Amazonas é pelo seu caráter guerreiro, sendo a sua feminilidade dificilmente um fator (HARDWICK, 1990, p. 17). Portanto, o realce está no fato de elas serem ἀντιάειραι / antiáneirai, possuindo qualidades como aquelas dos homens, destacando a sua reputação militar e sua apresentação como tarefa ou desafio para alguém que aspira conquistas e vitórias heroicas.

---

<sup>4</sup> Nesse sentido, destacamos a obra de J. J. Bachofen: “O Matriarcado: uma investigação sobre a ginococracia no mundo antigo segundo a sua natureza religiosa e jurídica” (tradução livre) de 1861.

<sup>5</sup> A devida contextualização destes episódios será feita a seguir, no item 2.2 “O mito das Amazonas na **Biblioteca Histórica**” desta Dissertação.

A autora supracitada reforça esse ponto de vista a partir das **Olímpicas** e as **Nemeias** de Píndaro, escritas no século V a.C. Ambos os autores, Homero e Píndaro, apresentam as Amazonas como oponentes de Belerofonte e combatentes na Guerra de Troia. Nesse sentido, a autora conclui que, sendo caracterizadas como oponentes capazes, valia a pena enfrentá-las, fazendo com que elas tivessem um papel no alcance heroico. Assim, derrotar as Amazonas fazia parte do processo de tornar-se um herói.

Segundo Tammy Eckhart (2007), no Período Clássico, nos vasos de figuras vermelhas, as Amazonas são identificadas com os persas em diversos exemplos. Tal fato, segundo a autora, pode significar os encontros culturais de atenienses com persas em virtude das Guerras Médicas. Além disso, também ocorre um crescimento significativo de cenas em que elas aparecem sozinhas, denotando, segundo a autora, o interesse dos pintores e compradores pelas Amazonas enquanto povo e não somente enquanto combatentes rivais.

O historiador Heródoto, no século V a.C., demonstra interesse geográfico e etnográfico pelas Amazonas, construindo a narrativa em torno delas como ancestrais dos povos sármatas, juntamente com os citas. As Amazonas são localizadas às margens do Termodonte, rio que deságua no Mar Negro, no Leste do atual território da Turquia e, tendo sido derrotadas pelos gregos, capturadas e transportadas em barcos, amotinam-se e matam seus captores, mas como não sabem navegar, acabam indo parar na Cítia, onde guerreiam com os citas até que estes descobrem que as invasoras são mulheres. Desse modo, os citas enviam um número de homens jovens igual das Amazonas e os dois grupos se encontram em relações sexuais.

Os Citas encontraram maior dificuldade em aprender a língua de suas companheiras, do que estas a deles; mas quando, finalmente, começaram a entender-se verbalmente, os jovens assim lhes falaram: “Temos pais, possuímos bens, levamos outra vida: reunamo-nos ao resto dos Citas e vivamos com eles. Prometemos jamais tomar outra por esposa”.

Não poderíamos – responderam as Amazonas – viver em boa harmonia com as mulheres do vosso país. Seus costumes são diferentes dos nossos: atiramos com o arco, lançamos o dardo, montamos a cavalo e não aprendemos os misteres próprios do nosso sexo. Vossas mulheres nada disso fazem e não se ocupam senão de trabalhos femininos. Não abandonam suas carretas, não vão à caça e nem se afastam do lar. Por conseguinte, nossa maneira de viver jamais se coadunaria. Se quiserdes que continuemos como vossas esposas; se quiserdes agir com justiça, ide procurar vossos pais, pedi a parte dos bens que vos pertence e voltai para o nosso lado, para vivermos a nossa vida (HERÓDOTO, **História**, IV, CXIV).

Os citas partem com as Amazonas e, a partir da união dos dois grupos, segundo Heródoto, surge o povo sármata. Hardwick (1990) enfatiza as características escolhidas por Heródoto, em que as Amazonas claramente fazem frente aos valores expressos pela sociedade grega em relação às mulheres – neste caso, os valores dos citas se identificam aos gregos. Eckhart (2007) entende o interesse de Heródoto pelas Amazonas enquanto um povo,

um grupo étnico. Para ela, “o uso das Amazonas como inimigos tradicionais é positivamente carregado como motivação e explicação para a resistência grega a agressão persa em Heródoto” (ECKHART, 2007, p. 50).

Por meio das Amazonas, que atacaram Atenas, aliaram-se aos troianos, e que devem ter sido conquistadas por Hércules, Belerofonte e Teseu, Heródoto faz um comentário poderoso sobre resolução de conflitos. Diferente dos tempos heroicos, competir com povos históricos não necessita lutar contra eles até sua subordinação, mas pode encontrar outras formas de compartilhar recursos e territórios. Há similaridades entre citas e gregos: ambos formaram alianças para se defender contra invasões [...]. Dada a forte associação entre Atenas, heróis gregos e Amazonas, é razoável assumir que leitores, descendentes dos heróis gregos e da Atenas heroica, se sentiriam obrigados a combater os persas se os descendentes das Amazonas também o fizeram (ECKHART, 2007, p. 50).

Segundo Hardwick (1990), em **Prometeu Acorrentado**, atribuída a Ésquilo, as guerreiras são apresentadas como uma ameaça em duas principais áreas: seu afastamento geográfico e alteridade e a recusa explícita e implícita das normas gregas de comportamento feminino; ainda, pensando a partir de Atenas, elas não são apenas o outro, mas são também invasoras da cidade, politizando territorialmente a ameaça. Em Isócrates, por sua vez, “a função das Amazonas é politizada e usada para realçar os valores helênicos e os imperativos do IV século de um imperialismo ateniense redesenhado” (HARDWICK, 1990, p. 19). Nessa direção, segundo a autora, em suas análises sobre o **Panegírico** de Isócrates, ela aponta que o orador busca:

“persuadir os gregos a se unirem contra a Pérsia ou, antes, a reconhecer a reafirmação da liderança ateniense. Para elevar o moral dos leitores gregos, Isócrates se refere à derrota pelos gregos de invasores anteriores do Oriente e inclui a dos citas liderados pelas amazonas, filhas de Ares” (HARDWICK, 1990, p. 19).

Outro aspecto importante do caráter estrangeiro das Amazonas é apresentado por Lísias, na **Oração Fúnebre**, a qual “a reputação das Amazonas foi obtida sobre homens inferiores [os bárbaros]. Quando enfrentaram os atenienses, as limitações tanto das Amazonas quanto de seus oponentes anteriores foram expostas” (HARDWICK, 1990, p. 20). Essa consideração é paralela ao **Ares, Água e Lugares**, presente no **Corpus Hippocraticum**, que sugere: “os asiáticos são mais fracos ou mais efeminados que os gregos (clima e governo despótico são duas das razões sugeridas)” (HARDWICK, 1990, p. 20). A autora afirma que tamanho desprezo por “raça” e gênero, aparente em Lísias, não é comum aos outros autores quando estes se referem às Amazonas.

Paralelamente, as Amazonas também estão sendo representadas na arte grega. Sue Blundell (1995) observa a importância delas na arte especialmente como forma de

autoglorificação grega pela vitória contra os persas, expressando por meio do mito um acontecimento histórico. Em relação aos autores antigos analisados por Blundell – Diodoro Sículo, Hipócrates, Estrabão, Arriano, Ésquilo, Eurípides, Homero, Lísias, Heródoto, Píndaro, Plutarco, Pausânias, Quinto de Esmirna, Aristófanes –, a autora observa que as Amazonas rejeitam o matrimônio como experiência final feminina e se envolvem com a batalha, atividade característica masculina.

A sociedade das Amazonas é descrita de formas variadas, por vezes, como uma separação completa dos costumes gregos e, outras vezes, como uma inversão deles, como é o caso do texto de Diodoro Sículo, no qual as mulheres entre as Amazonas atuam em ofícios masculinos e os homens em ofícios femininos. Ainda de acordo com a análise de Blundell (1995) sobre os autores antigos utilizados, as Amazonas são vistas sendo derrotadas por duas vias: a força física e o amor. No caso do embate entre Pentesileia e Aquiles, as duas formas estão combinadas, já que o herói se apaixona pela rainha após tê-la ferido mortalmente em batalha. Em Heródoto, as Amazonas, unindo-se aos citas, dão origem aos sármatas, e assim “a oposição das Amazonas aos homens é vencida pelo poder da atração sexual. Para outros, foi a força das armas que colocou fim ao seu modo de vida único” (BLUNDELL, 1995, p. 60).

Por outro lado, Eckhart (2007) critica a abordagem de autores como Sue Blundell, que apresentam a função do mito das Amazonas como demonstração da superioridade do patriarcado sobre o matriarcado e do homem sobre a mulher. Eckhart reconhece, porém, que a autora é limitada em suas análises pelo número de páginas, mas mostra que há variações no mito.

Na análise das Amazonas em Diodoro Sículo, Eckhart afirma: “Diodoro nos fala em sua introdução que ele está ensinando lições morais para ajudar seu leitor a levar uma vida melhor” (ECKHART, 2007, p. 83). Segundo a autora, as Amazonas não parecem se encaixar na lição moral para além da veneração heroica (ECKHART, 2007, p. 84). Ela aponta que é possível ver lições morais relacionadas a governo, gênero e liderança, mas acredita que “as Amazonas sozinhas não ensinam uma só lição moral sobre papéis de gênero ou governo. Ao contrário, servem como exemplos do poder de vários heróis históricos e mitológicos; esses heróis, então, oferecem lições que um leitor poderia usar para conduzir uma vida mais moral” (ECKHART, 2007, p. 85)<sup>6</sup>. A autora observa a diversidade de mitos sobre elas apresentados

---

<sup>6</sup> Acreditamos que a análise da autora é válida a partir de seu recorte e leitura da fonte, especialmente quando se trata da questão do papel das Amazonas no “alcance heroico”. No entanto, acreditamos que é possível aprofundar as análises sobre essas guerreiras a partir de uma perspectiva de gênero, o que enriqueceria ainda mais a interpretação do mito.

por Diodoro: as Amazonas do Termodonte e seus costumes; as Amazonas líbias e seus costumes; as Amazonas lutando ao lado de Dioniso, sob o comando de Atena na Titanomaquia; as Amazonas e o nono trabalho de Hércules; as Amazonas e o ataque a Atenas em represália ao rapto de Antíope e o encontro da rainha Taléstris com Alexandre, o Grande.

Eckhart (2007) conclui que o objetivo de Diodoro Sículo “não é apresentar uma única e autoritária versão da lenda, mas promover Hércules como semideus ou herói, alguém de quem seu leitor possa aprender a levar uma vida mais moral” (ECKHART, 2007, p. 85). A pesquisadora aponta que as Amazonas são apresentadas como terríveis e que isso soa como uma lição de que forma uma nação pode “ir tão baixo que isso destrói a si mesma internamente e permite que seus inimigos ataquem de fora. Ao leitor o exemplo pode ser de que modo não se comportar ou como desafiar aqueles que usam seu poder para forçar sua vontade aos outros” (ECKHART, 2007, p. 85-86).

As Amazonas, então, trabalham para promover Dioniso, Hércules, [a cidade de] Atenas e Alexandre. Cada um desses heróis estabelece ou defende alguma forma de patriarcado. Dioniso ajuda a estabelecer a variação olímpica, onde as deusas têm domínios específicos de autoridade e lutam para manter o domínio de Zeus. Hércules pode apenas enfraquecer o matriarcado das Amazonas, mas Diodoro aproveita a oportunidade para chamar isso de um grande favor para todo o mundo. Atenas, embora sem dúvida não ofereça às mulheres tanta autoridade ou poder quanto os olímpicos, dá a Antíope o suficiente para fazer valer a pena lutar e morrer pela polis. Finalmente, Alexandre, respeitando alguns dos costumes e sistemas políticos locais, aproveita a oportunidade para incorporar as Amazonas em seu império de maneira não violenta. Diodoro usou suas fontes de uma maneira que constrói uma visão das Amazonas como parte do mundo, um mundo agora dominado por outro império: Roma (ECKHART, 2007, p. 88).

Se retornarmos a Blundell (1995), observamos: a autora destacar que essas guerreiras têm uma importância para os gregos, não só como bárbaras, mas também mulheres. Blundell conclui que o mito das Amazonas vinha como uma mensagem para as mulheres que não se comportassem de forma passiva: a inevitabilidade da derrota. A não obediência aos costumes era uma aproximação de um comportamento bárbaro e, nesse sentido, a associação provavelmente servia desencorajando-as.

Certamente na escultura suas características femininas são frequentemente mostradas, como o seio esquerdo exposto e as nádegas enfatizadas. Essas criaturas que eram tão femininas em sua psique eram mesmo assim masculinas em seu comportamento, e isso apresentava um paradoxo que os homens gregos considerariam estimulante, mas também instrutivo. Nas fontes literárias as Amazonas podem ser vistas como representação da inversão de tudo o que um homem grego (em particular, um homem ateniense) esperaria de uma mulher. Elas eram ativas na arena pública; peritas na guerra; estavam no controle político do estado em que viviam; se recusavam a casar; eram ao mesmo tempo assexuais ou sexualmente promíscuas; e valorizavam mais as filhas dos que os filhos (BLUNDELL, 1995, p. 62).



O historiador espanhol Arturo Sanz (2017), apesar de não citar Sue Blundell, parece compartilhar da visão dessa pesquisadora ao apresentar resumidamente o mito das Amazonas. Sua argumentação é construída sobre o contexto histórico grego e a situação das mulheres na Grécia Antiga e se baseia, principalmente, em textos historiográficos como os de Josine Blok (1994) e Lorna Hardwick (1990), lidos por nós e discutidos acima. Como fontes históricas para as Amazonas, Sanz (2017) utiliza a arte grega e autores como Heródoto e Estrabão. A conclusão de Sanz é que o intuito do mito das Amazonas era preservar o patriarcado por meio da demonstração da inversão da ordem grega e o caos e a derrota proveniente dessa atitude, especialmente porque essas mulheres são em geral derrotadas por heróis gregos. A mulher não teria sucesso fora do papel submisso e doméstico ao qual era destinada e, além disso, comportar-se como uma amazona era uma demarcação de barbárie. Nesse sentido, essas guerreiras se encaixam na busca por um *outro* bárbaro e fantástico para, na dicotomia, justificar a supremacia da cultura grega.

Hardwick (1990), autora na qual Eckhart (2007) se inspirou e cujo trabalho buscou aprofundar e dar continuidade, também identifica a importância das Amazonas como mulheres, além de heroínas e estrangeiras – pontos apresentados anteriormente. Os autores que Hardwick utiliza para essa discussão são Plutarco e Estrabão. Nos séculos I e II d.C. na **Vida de Teseu**, essas guerreiras são caracterizadas por Plutarco como invasoras e suas características femininas são helenizadas. Nesse sentido, “como um indivíduo, a rainha [Hipólita] sequestrada [por Teseu] é helenizada, parcialmente para glorificar Teseu, parcialmente para refletir a supremacia da cultura helênica” (HARDWICK, 1990, p. 21). Além disso, as Amazonas, enquanto grupo, são apresentadas como invasoras, a serem derrotadas de forma gloriosa. Na obra **Geografia** de Estrabão a autora percebe as críticas que o autor faz à veracidade das histórias sobre as Amazonas. O historiador considera as histórias inacreditáveis pela falta de capacidades políticas das mulheres, que as impediria de se organizar sem homens; da mesma forma, elas não poderiam conquistar outros povos por serem mulheres e por serem estrangeiras remotas.

Quanto a Estrabão, Eckhart (2007) indica que “seu método é examinar o que autores anteriores disseram sobre o mundo e corrigir seus erros usando sua superior habilidade no estudo da geografia” (ECKHART, 2007, p. 117). É possível que ele não se preocupe em discorrer tanto sobre as Amazonas porque governantes não precisariam lidar politicamente com elas, já que essas não necessariamente existiram. Porém, como é provável que esses homens conhecessem esses mitos, Estrabão provavelmente considerou pertinente discuti-los e corrigi-

los, na leitura de Eckhart (2007). Assim, segundo o autor, as Amazonas aparecem como ficção, já que, apesar de não desacreditar na existência delas, ele aponta que as suas histórias provavelmente não eram verdadeiras, pois não era possível que mulheres conseguissem organizar uma sociedade inteira, sozinhas.

Por fim, em Plutarco, as Amazonas aparecem como detalhes na discussão das qualidades de um bom líder. Eckhart (2007) discute que ao colocar em comparação as vidas de Teseu e Rômulo, encontra-se alguns pontos em comum com os quais se pode verificar a função e a importância das Amazonas: “guerra” e “mulheres”. Nesse sentido, a batalha contra elas não torna Teseu melhor que Rômulo, mas torna a comparação possível. No que diz respeito a mulher, Antíope, em geral, é apresentada como esposa leal a Teseu e não há embates entre eles, exceto em uma versão descartada por Plutarco em que ela briga/luta contra o marido porque ele a trocou por Fedra. A autora segue analisando que a troca e os frequentes maus-tratos relacionados a mulheres praticados por Teseu, coloca-se em comparação Rômulo. Este, apesar de ter sequestrado as mulheres sabinas, teve apenas uma esposa. Os romanos tomavam as sabinas como esposas legais. Os reflexos dessas atitudes na sociedade mostram não apenas o maior controle do desejo de Rômulo, mas que “Teseu era inferior a Rômulo como um grande rei, e a lenda Amazona o ajuda a estabelecer o contraste” (ECKHART, 2007, p. 151).

A presença das Amazonas na vida de Alexandre, por outro lado, se apresenta como uma história popular que apesar de Plutarco descartar, é considerado necessário ao imperador. O acréscimo desses detalhes se faz não apenas pelo julgamento moral da figura, mas por aqueles que passam pelos testes de confiabilidade. Alexandre se mostra respeitoso às mulheres. Eckhart conclui:

Heródoto, Diodoro e Estrabão todos usaram as Amazonas de formas específicas, para contar uma história ou julgar outros autores, frequentemente ambos, mas Plutarco está tratando as Amazonas meramente como um pedaço de informação que ele vai ou não usar para prover seus leitores com o mais completo e preciso relato (ECKHART, 2007, p. 156).

Como já foi observado anteriormente, a ideia proposta por Blundell (1995) e Sanz (2017), de que a função do mito das Amazonas é manter as mulheres submissas a uma ordem patriarcal, de forma que qualquer desvio implicava em barbaridade e na derrota, não consideram a pluralidade de versões que foram discutidas e apresentadas anteriormente. Mesmo que os autores tenham se debruçado sobre uma diversidade de fontes, chama atenção a conclusão universal do mito das Amazonas como possuidor de um sentido único<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Faz-se necessário mencionar que Arturo S. Sanz publicou em 2019 sua tese de doutorado intitulada “Ars Amazonica. Source study and comparative analysis” pela Universidade Complutense de Madrid. Entramos em

Walter Penrose Jr. (2016) nos mostra como as Amazonas não se caracterizam somente como o outro, mas que possuem um valor de entretenimento como, por exemplo, adquirindo um sentido erótico. Seria impróprio mostrar uma mulher jônia ou ateniense com o seio descoberto<sup>8</sup>, mas as Amazonas pareciam bárbaras, então a arte se valia desse elemento. Adrienne Mayor (2014) levanta uma discussão bastante interessante sobre a diferença entre a representação das Amazonas na literatura e na arte gregas no que diz respeito ao seio.

Se o conceito de remover uma mama fosse um atributo simbólico tão importante para os gregos, então devemos nos perguntar por que nenhuma Amazona de um seio só aparece na arte clássica. Como observado, simetria era uma qualidade essencial do ideal grego de beleza. Amazonas no mito e arte sempre foram retratadas como belas mulheres heroicas, equivalentes aos belos heróis gregos aristocráticos. (Pessoas feias ou deformadas aparecem em ilustrações artísticas de antigas comédias ou cenas da vida diária, mas são raras em situações heroicas). Além disso, as representações artísticas das amazonas são muitas vezes eróticas – mostrar mulheres mutiladas poderia interferir no apelo sexual (MAYOR, 2014, p. 88-89).

Segundo Penrose Jr. (2016), pinturas de Amazonas aparecem em alabastros, vasos utilizados especialmente para conter produtos usados por mulheres. Estas guerreiras são identificadas pelo autor também como *παρθένοι* / *parthenoi* (virgens), e os atenienses faziam sacrifícios anuais as Amazonas, assim como provavelmente os habitantes de Éfeso também faziam, onde a fundação do santuário de Ártemis é creditada às Amazonas. Em outra cidade, Cime, a amazona com o mesmo nome era adorada como heroína, no próprio santuário.

Ainda de acordo com Penrose Jr. (2016), na Ásia Menor foram encontradas bonecas Amazonas, o que sugere uma possível identificação com jovens mulheres, que dedicavam as bonecas a Ártemis quando se casavam. O autor também indica que os cultos atenienses, efésios e lídios associados às Amazonas podem se referir a uma iniciação ao casamento, relacionado a

---

contato com o autor para realizar a leitura da mesma e providenciar uma análise mais satisfatória de sua obra, mas a tese se encontrava em fase de publicação por uma editora no momento do contato e, portanto, o professor não pôde nos enviá-la.

<sup>8</sup> Aqui, o autor generaliza as mulheres da elite ateniense como padrão para todas as mulheres. É importante ressaltar a presença das hetairas na cerâmica ática, representadas nuas em atividades íntimas diversas. Trazemos como exemplo alguns cálices de figuras vermelhas em que: 1 – um homem pratica relação sexual com uma hetaira (Museu Arqueológico Nacional de Napoli); 2 – uma hetaira nua se ajoelha perante um altar (Museu da Antiga Agora em Atenas); 3- uma hetaira nua se aproxima de um sátiro (Museu Arqueológico de Milão); 4 – uma hetaira nua urina em um vaso (Altes Museu em Berlim).

Os links para as imagens são, respectivamente: 1-

<[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Early\\_classical\\_cup\\_ARV\\_extra\\_-\\_man\\_making\\_love\\_with\\_hetaira.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Early_classical_cup_ARV_extra_-_man_making_love_with_hetaira.jpg)>; 2-

<[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Painter\\_of\\_the\\_Agora\\_Chairias\\_cups\\_ARV\\_176\\_1\\_hetaira\\_kneeling\\_at\\_altar.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Painter_of_the_Agora_Chairias_cups_ARV_176_1_hetaira_kneeling_at_altar.jpg)>; 3-

<[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Near\\_the\\_Chairias\\_Painter\\_ARV\\_176\\_2extra\\_hetaira\\_attacking\\_satyr\\_\(02\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Near_the_Chairias_Painter_ARV_176_2extra_hetaira_attacking_satyr_(02).jpg)>; 4-

<[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Manner\\_of\\_the\\_Foundry\\_Painter\\_ARV\\_404\\_11\\_hetaira\\_urinating\\_\(01\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Manner_of_the_Foundry_Painter_ARV_404_11_hetaira_urinating_(01).jpg)> . Todas as imagens foram acessadas em 21 de outubro de 2020.

Ártemis. Diante disso, como é possível atribuir um único significado ao mito das Amazonas que percorra de Homero a Plutarco, cerca de novecentos anos? Compreendemos que a extensão dos trabalhos propostos nem sempre permite analisar as particularidades de cada autor e, se assim pudermos classificar, consideramos corretas as análises de Blundell (1995) e Sanz (2017), a partir do recorte e da proposta dos autores. No entanto, acreditamos que não seja a melhor forma de analisar o mito das Amazonas. Desse modo, confiamos que uma pesquisa bibliográfica ou em amostras de cultura material referentes a determinado período nos provém com uma análise mais complexa e com maior potencial explicativo.

Assim, Penrose Jr. (2016) observa que entre os pesquisadores ocidentais; até o final do século XX, como foi apresentado sobre autoras como Hardwick (1990), Blok (1994) e Blundell (1995); as Amazonas são entendidas como o outro contra quem os gregos se definiam. A arqueologia soviética, por outro lado, encontrava enterramentos citas e os relacionava com as Amazonas. Segundo Penrose Jr. (2016), o contexto da Guerra Fria gerou uma falta de comunicação entre pesquisadores soviéticos e ocidentais em relação ao estudo das Amazonas. Recentemente, porém, as pesquisas vêm levando em consideração as evidências arqueológicas de povos nômades das estepes eurasiáticas e da região do Cáucaso para a análise do tema.

Nesse sentido, destaca-se o trabalho da historiadora Adrienne Mayor (2014). Segundo ela, 37% dos sepultamentos de alguns cemitérios nas estepes pertencem a mulheres guerreiras. Entre os rios Danúbio e Don, que representam a cultura trácia e/ou cita, foram descobertos pela arqueologia 112 túmulos de mulheres guerreiras de 16 a 30 anos dos séculos V e IV a.C., dentre outros números consideráveis para além desse território até o sudoeste da Sibéria (MAYOR, 2014, p. 64). Na Macedônia, foram encontrados ossos de uma mulher enterrada com um arco, e que se supõe ser Adea (Eurídice), sobrinha de Alexandre, o Grande, criada como uma tradicional mulher guerreira ilíria (MAYOR, 2014, p. 68).

Sepultamentos ao norte do Mar Negro, na Trácia, nas estepes da Sarmátia, no Cáucaso, no Oriente Médio e Ásia Central, no noroeste da China, bem como a presença de sepultamentos sármatas na Britânia Romana, permitem concluir que o modo de vida nômade incluía a participação de uma parcela das mulheres na caça e na guerra. Essas mulheres, muitas vezes com pontas de flechas nos ossos e ferimentos de machado no crânio e de espada nos braços e nas pernas, eram enterradas juntamente a armamentos e materiais de fiar. Sobre as mulheres guerreiras sármatas encontradas na Britânia romana, a autora sugere que “significa que as cavaleiras fisicamente aptas podiam se juntar ao exército imperial romano, anteriormente considerado exclusivamente masculino” (MAYOR, 2014, p. 82). Isso não significa, entretanto,

que todas as mulheres das estepes eurasiáticas fossem guerreiras, mas um número considerável delas exercia essa função. A conclusão da autora é que o mito das Amazonas foi desenvolvido no contato dos gregos com as mulheres citas por meio de rotas comerciais nas colônias gregas do Mar Negro (MAYOR, 2014, p. 88). “Talvez o conceito parecesse apropriado porque as amazonas representavam o oposto das esposas e mães gregas, e sua “assimetria terrível” [a falta de um seio] sinalizava sua barbárie” (MAYOR, 2014, p. 88).

Por outro lado, pensar as Amazonas a partir de uma perspectiva etnográfica, na relação com povos históricos, já era uma tendência presente no início do século XX. Blok (1994) destaca a monografia de Wolfgang Leonhard de 1911, que compreende as Amazonas como uma má interpretação grega da sociedade hitita que, segundo o autor, era matriarcal e possuía sacerdotes castrados da Deusa Mãe, que foram tomados por mulheres e vistos como Amazonas pelos gregos. Esta teoria ganha popularidade e é contrariada por Mikhail Rostovtzeff: “os hititas sem barba – esta é a explicação mais recente – foram tomados por mulheres e deram origem à lenda [...] Nada é menos provável” (ROSTOVTZEFF, 1922, apud BLOK, 1994, p. 97). Por outro lado, Rostovtzeff propõe que a “lenda” das Amazonas foi desenvolvida *no contato* com povos da Ásia Menor, que eram matriarcais e cultuavam uma Deusa Mãe. Nesse sentido, Blok ressalta a questão do matriarcado como uma “característica dos sistemas especulativos do desenvolvimento da humanidade” e as Amazonas como “igualmente uma característica do matriarcado” (BLOK, 1994, p. 101).

Blok entende que os autores do início do século XX compreendiam que “no máximo, os gregos elaboraram um desentendimento, mas não criaram eles mesmos a imagem dessas mulheres guerreiras” (BLOK, 1994, p. 104). Para nós, está claro que as teorias desenvolvidas por aqueles autores já estão superadas. Compreendemos que os gregos possuíam uma visão da mulher mais ampla do que aquela normalmente veiculada, a da mulher submissa e restrita ao espaço doméstico. Pelo contrário, acreditamos que eles tinham contato com mulheres guerreiras e as interpretavam de acordo com sua visão de mundo e objetivos.

Penrose Jr. (2016), por sua vez, pensa o mito das Amazonas baseado em imagens de mulheres de povos como os trácios, os citas, os sármatas e os persas. Partindo de uma perspectiva pós-colonial, o autor busca provincializar Atenas, concluindo que as Amazonas não apenas são o outro por meio do qual os atenienses (e, por extensão, os gregos) constroem sua própria identidade por oposição, mas que possuem outros significados para πόλεις / póleis com outros parâmetros de gênero, como Esparta, outras cidades dóricas e as cidades jônicas (estas últimas estavam mais próximas de outros povos, como os persas, por exemplo). Esta proposta de que regiões diferentes da Grécia pensavam as mulheres de forma diversa dependendo da

dinâmica interna das cidades ou do seu contato com povos nos quais as mulheres possuíam maior autonomia política é muito cara para nós. Além disso, é bastante interessante a proposta do autor de que os gregos pensavam a masculinidade como um atributo que também poderia se aplicar às mulheres de forma negativa ou positiva, sendo Clitemnestra exemplo do primeiro caso e Antígona exemplo do segundo.

Assim, Penrose Jr. (2016) percebe que havia uma noção de masculinidade feminina entre os gregos. Desta forma, as principais conclusões do autor acerca do pensamento grego da época é que 1) havia uma concepção de masculinidade feminina; 2) o termo *ἀνδρεία* / *andreía* possui uma diacronia que inicialmente significa “masculina” e, ao longo do tempo, passa a significar “corajosa”; 3) as concepções de gênero gregas variam de acordo com a origem: dórica, eólia, jônica.

Em relação às Amazonas, porém, apesar de apresentar as bases para a formação do mito e fundamentar a existência de mulheres guerreiras entre povos não-gregos e rainhas e outras mulheres destemidas entre os gregos (questão importante para a nossa compreensão do mundo antigo e para a descolonização de um pensamento atenocentrista sobre as mulheres), algumas objeções podem ser feitas. Uma das primeiras asserções de Penrose Jr. é que as Amazonas são “uma distorção orientalizada de mulheres e rainhas guerreiras históricas” (PENROSE JR., 2016, p. 2), e ele repete esta ideia ao longo de toda a obra. O pesquisador também afirma que “os gregos não conseguiam entender um mundo onde mulheres tinham alguma equidade com homens ou, ainda mais surpreendente, pudessem reinar sobre eles” (PENROSE JR., 2016, p. 117). Estas afirmações nos remetem à frase já citada de Blok (1994) sobre as teorias etnográficas do início do século XX.

Primeiramente, se o autor justifica em determinado momento do livro que autores não atenienses como Plutarco (de origem dórica, segundo ele, mas um cidadão ateniense) pensavam as mulheres de forma diferente e que gregos como os jônios e eólios conseguiam compreender a existência de mulheres governantes como Artemísia de Halicarnasso e mesmo segui-las em guerras, por que ele generaliza o pensamento ateniense para todo o povo grego? Em segundo lugar, pensar nas Amazonas como distorção ou fruto de incompreensão, subestima a capacidade dos gregos de criar conscientemente sua interpretação do mundo que eles conhecem. Acreditamos que os gregos não somente compreendiam uma sociedade em que mulheres governavam, como também emitiam fortes opiniões a respeito. A própria construção das Amazonas, em alguns autores, parece mostrar a aversão deles em relação a um povo no qual os homens não tinham participação, não simplesmente uma incompreensão inocente de um costume desconhecido.

Ainda, se pensarmos em orientalismo como uma forma de dominação por meio da criação de discursos sobre o Ocidente e o Oriente que se inicia a partir de parâmetros neocolonialistas, entramos em uma situação muito delicada. Como pensar os gregos enquanto Ocidente e as Amazonas enquanto Oriente, se em algumas narrativas elas estavam localizadas ao norte, como na Trácia e na Cítia, e outras vezes a oeste, como no extremo da Líbia? Parece que, apesar de todas as conclusões acertadas de Penrose Jr. sobre masculinidade feminina e mulheres guerreiras, sua hipótese central, que coloca as Amazonas como “distorções orientalizadas”, não parece levar em consideração a historicidade das fontes e a natureza criativa e original da narrativa mítica.

Ainda segundo Penrose Jr., os gregos atribuíam “Amazona” a qualquer mulher guerreira na Europa, Ásia e África, citando na sequência Diodoro Sículo e apresentando sua construção das Amazonas líbias como um reflexo ou distorção de mulheres guerreiras naquela região (PENROSE JR., 2016, p. 142). No entanto, essa afirmação carece de uma leitura mais cuidadosa da fonte, já que quando Diodoro Sículo menciona as Amazonas na Líbia, imediatamente menciona também as Górgonas, mulheres guerreiras que também viviam lá (DIOD. SIC., III, 52, 4). Como é possível, então, afirmar que qualquer mulher guerreira seja uma Amazona para os gregos e citar Diodoro Sículo como justificativa?

Outro trecho em que uma análise mais atenta é necessária, é quando o autor utiliza Diodoro Sículo para justificar que as Amazonas de Temiscira foram inspiradas nas mulheres trácias que ocupavam o território daquela região (PENROSE JR., 2016, p. 132). De fato, as Amazonas são derrotadas pelos trácios e pelos citas no Livro III (55, 10-11), e Penrose Jr. (2016) sugere que a ligação pode ser resultado de Diodoro ter sido confundido por suas fontes. Parece, no entanto, que foi Penrose Jr. (2016) quem foi confundido por suas fontes, já que as Amazonas, que viviam em Temiscira apresentadas no Livro II, (44-46), não têm ligação alguma com aquelas tratadas em III, 52-55, pois estas últimas são *líbias*, as mesmas que viviam próximas às Górgonas que o autor ignora. As Amazonas líbias, segundo Diodoro Sículo, viveram muitas gerações antes daquelas do Termodonte, herdando sua fama (DIOD. SIC., III, 52, 2). Mas como fica implícito na narrativa de Diodoro sobre as Amazonas de Temiscira, no Termodonte, elas são de origem cita (DIOD. SIC., II, 44, 2). Assim, como já foi dito, apesar de muitas das conclusões de Penrose Jr. (2016) serem valiosas para nossa pesquisa, a forma como ele apresenta algumas delas são passíveis de críticas, como essas apresentadas acima.

A partir das autoras e autores citados e discutidos anteriormente, observamos a pluralidade de fontes disponíveis na Antiguidade para estudar o mito das Amazonas e, da

mesma forma, a diversidade de interpretações possíveis de acordo com o recorte e a abordagem utilizada pelos historiadores. Assim, é possível situar nosso estudo na historiografia sobre as Amazonas, observando pontos em comum com interpretações anteriores, diferenças e originalidade. O mito das Amazonas em Diodoro Sículo ainda não foi explorado em pesquisas no Brasil, especialmente no contexto da pós-graduação. A seguir, apresentaremos, portanto, para maior conhecimento do leitor, o mito das Amazonas em Diodoro Sículo, contextualizado em sua obra, a **Biblioteca Histórica**.

## 2.2 O MITO DAS AMAZONAS NA **BIBLIOTECA HISTÓRICA**

A **Biblioteca Histórica** de Diodoro Sículo apresenta seis diferentes narrativas sobre as Amazonas ao longo dos Livros II, III, IV e XVII, que chamaremos de “As Amazonas do Termodonte” (DIOD. SIC., II, 45-46), “As Amazonas de Héspera” (DIOD. SIC., III, 52-55), “As Amazonas na Titanomaquia” (DIOD. SIC., III, 71), “A Amazonomaquia de Hércules” (DIOD. SIC. IV, 16), “A Amazonomaquia de Atenas” (DIOD. SIC. IV, 28) e “As Amazonas e Alexandre, o Grande” (DIOD. SIC., XVII, 77). No terceiro capítulo desta Dissertação, analisaremos temáticas presentes nessas seis narrativas, discutindo-as de forma fragmentada e interconectada. Assim, dedicamos este subcapítulo para apresentá-las resumidamente como um todo, contextualizadas nos livros aos quais pertencem, de forma que o (a) leitor (a) seja capaz de se situar adequadamente no texto.

O Livro II faz parte de um conjunto com os Livros I e III, nos quais Diodoro trata da história dos bárbaros a partir da mitologia anterior a Guerra de Troia (DIOD. SIC., I, 4, 5-6). Desse modo, o Livro I é dedicado inteiramente ao Egito, o Livro II descreve a Ásia (Ἀσία). Diodoro inicia com os assírios e seu rei mítico Nino (Νίνω / Níno), fundador da cidade de Nínive (Νίνω / Nínon)<sup>9</sup>, sua esposa Semíramis<sup>10</sup>, as obras empreendidas por ela como rainha (como a construção da cidade da Babilônia), e o governo do filho do casal, Nínias. Pulando algumas gerações, Diodoro explicita a participação do guerreiro assírio Memnon na Guerra de Troia, e o fim do Império Assírio durante o governo de Sardanápalo após a rebelião dos povos medos, caldeus, persas, árabes e bactrianos.

Na sequência, Diodoro descreve os caldeus que segundo ele eram sacerdotes babilônicos muito entendidos de astrologia e cuja função era transmitida hereditariamente. O

---

<sup>9</sup> Observamos que o termo grego utilizado por Diodoro é o mesmo para a cidade e para o rei.

<sup>10</sup> A rainha Semíramis será discutida em maior detalhe no capítulo 3 desta Dissertação, ao trabalharmos com a temática da ginecocracia das Amazonas.



autor segue com os medos e persas, brevemente, sobre seus reis e conquistas. Destacamos a menção à Zarina, rainha guerreira dos sacas (denominação para os citas que viviam próximos à Pártia), povo em que as mulheres costumavam ir para a guerra juntamente com os homens (DIOD. SIC., II, 34, 3)<sup>11</sup>. Diodoro parte para a descrição da Índia e, na sequência, para os citas, povo limítrofe aos indianos. Pequeno inicialmente, o povo cita se expande por todo o norte da Ásia até a Trácia e ainda ao Egito. Possuía denominações diversas de acordo com as regiões onde viviam: sacas, masságetas, sármatas, dentre outras (DIOD. SIC., II, 43). Dentre os reis citas, Diodoro descreve um período em que as mulheres governaram a Cítia, dentre elas a que derrotou em guerra o rei persa Ciro<sup>12</sup>. Nesse momento, marcado pelo governo de mulheres guerreiras e pela participação de mulheres nos exércitos, formou-se o povo das Amazonas (DIOD. SIC., II, 44, 2), assim, elas estão presentes no Livro II como um povo derivado e/ou pertencente do povo cita.

Diodoro Sículo localiza essas Amazonas junto ao rio Termodonte (DIOD. SIC., II, 45, 1), na região do Ponto. O rio atualmente é chamado Terme e corre por uma planície fértil no norte da Turquia, desaguando no Mar Negro. As Amazonas, assim, são um povo governado por mulheres (γυναικοκρατουμένου) desempenhando o serviço guerreiro como os homens (DIOD. SIC., II, 45, 1)<sup>13</sup>. Uma de suas rainhas, tendo conquistado os povos vizinhos, intitulou-se “filha de Ares” e “introduziu leis pelas quais conduziu as mulheres aos combates bélicos e atribuiu aos homens humilhação e escravidão” (DIOD. SIC., II, 45, 2)<sup>14</sup>. O tratamento dado por essas mulheres aos seus filhos recém-nascidos era o seguinte: mutilavam braços e pernas dos meninos para que não fossem à guerra, e cauterizavam o seio direito das meninas para que não atrapalhasse no manuseio das armas. Segundo Diodoro Sículo, é por esse motivo que os gregos chamavam a esse povo “Amazonas”, ou seja, “sem seio” (DIOD. SIC., II, 45, 3).

A essa rainha sem nome é creditada a fundação da cidade de Temiscira (DIOD. SIC., II, 45, 4). Após a sua morte, foi sucedida por sua filha, que instituiu o culto a Ares e a Ártemis da Táurida, construindo grandes templos com os espólios das conquistas militares na Ásia. Em relação a essas conquistas, observe o mapa 1, representando-as aproximadamente de acordo com as informações fornecidas por Diodoro Sículo.

<sup>11</sup> Retomaremos Zarina no capítulo 3 desta Dissertação.

<sup>12</sup> Tômiris, rainha masságeta, apesar de Diodoro não citá-la nominalmente.

<sup>13</sup> τῶν γυναικῶν ὁμοίως τοῖς ἀνδράσι τὰς πολεμικὰς χρεῖας μεταχειριζομένων.

<sup>14</sup> νόμους τε καταδείξει, δι' ὧν τὰς μὲν γυναῖκας ἐπὶ τοὺς πολεμικοὺς ἀγῶνας προάγειν, τοῖς δ' ἀνδράσι ταπεινῶς τε καὶ δουλείαν περιάπτειν.

**Mapa 1:** Representa aproximadamente o território conquistado pelas Amazonas de acordo com Diodoro Sículo (II, 45, 5; 46, 2). O alfinete indica a localização aproximada da cidade de Temiscira.



Fonte: Imagens de satélite retiradas do Google Earth. Marcações realizadas pela autora.

Tendo se tornado amplamente conhecidas em toda a οικουμένη, Héraclēs recebeu o trabalho de trazer a Euristeu o cinturão da amazona Hipólita. Para isso, combateu as Amazonas, derrotando-as e enfraquecendo-as consideravelmente. Aproveitando tal situação, os povos bárbaros (τοὺς βαρβάρους / tous barbárous) dominados por elas se revoltaram. A última amazona que se destacou foi a rainha Pentesileia que, após ter matado uma de suas parentes, lutou ao lado dos troianos após a morte de Heitor e foi morta por Aquiles. Depois disso, o povo foi desaparecendo. Como as histórias sobre as Amazonas remontam a um período distante, cerca de mil anos antes da época de Diodoro Sículo, e elas já não existiam em seu tempo, “quando alguns autores tratam de sua valentia, consideram as histórias sobre as Amazonas mitos inventados” (DIOD. SIC, II, 46, 6)<sup>15</sup>.

Diodoro encerra a narrativa sobre as Amazonas e inicia a dos hiperbóreos, povo que vive ao norte, para além do vento Bóreas. O tradutor da obra, Francisco Alasà (2001), acredita que a terra em questão possa se tratar da Grã-Bretanha. Na sequência, Diodoro descreve as

<sup>15</sup>ἐπειδάν τινες περι τῆς αὐτῶν ἀνδρείας διεξίωσι, μύθους ἡγοῦνται πεπλασμένους τὰς περι τῶν Ἀμαζονίδων ἀρχαιολογίας.

diversas regiões da Arábia e encerra o livro com o mito do grego Jâmbulo, que é emboscado na Arábia e largado em um barco pelos etíopes em um tipo de ritual. Navegando ao sul, Jâmbulo chega a uma ilha onde o povo vive pacificamente e tem características curiosas como quase dois metros de altura e língua bifurcada. Alasà (2001) acredita que a ilha em questão pode ser o Sri Lanka.

O Livro III inicia com a narração dos povos etíopes, que dizem ser autóctones, os primeiros seres humanos a existir e que fundaram o Egito como colônia, sendo a escrita hieroglífica etíope/egípcia prova disso. Segundo Diodoro Sículo, são povos piedosos e que nunca foram conquistados. Quanto aos etíopes que vivem em Meroé, o autor menciona a eleição de seus reis e os rituais que envolvem a morte destes que são sacrificados pelos sacerdotes. O autor segue com a narrativa em relação aos etíopes que vivem mais longe do Egito, de pele negra e que vivem a base de caça e coleta, além do leite e queijo dos rebanhos que possuem. Entre esses povos, as mulheres também utilizam armas (DIOD. SIC., III, 8). Segundo Diodoro, os etíopes cultuam a Ísis, Pan, Héracles e Zeus. Dentre aqueles que vivem desde o Nilo, passando pela Líbia até o poente, o autor descreve o território e aponta a presença de elefantes e grandes serpentes. Discute as fontes utilizadas para a composição da narrativa sobre Egito e Etiópia, mencionando que em sua estadia no Egito conversou com embaixadores etíopes (DIOD. SIC. III, 11). Diodoro discorre acerca das minas de ouro do Mar Vermelho, descrevendo o processo de mineração e destacando a vida dura que levavam os escravos que trabalhavam nelas.

A seguir, o autor descreve os povos ictiófagos, ou seja, comedores de peixes, que vivem no litoral da Arábia (lembrando que a leste do Nilo já se considerava Arábia para o período). Diodoro faz uma longa descrição de seu modo de vida e do seu método rudimentar de pesca. O autor também cita os povos comedores de tartarugas e aqueles que se alimentam de baleias encalhadas. Segue descrevendo povos etíopes que se alimentam de raízes, outros que se alimentam de ramos de árvores, outros de sementes, outros que caçam elefantes, outros ainda avestruzes, e outros que comem lagostas (estes últimos, possivelmente, são pigmeus). Tais povos têm em comum o fato de desconhecerem a agricultura, a fundição de metais, a construção de casas e a criação de vestimentas mais elaboradas. Vivem em territórios povoados por animais selvagens, alguns desconhecem o casamento e compartilham as mulheres, criando os filhos em conjunto.

Na sequência, o autor trata dos Trogoditas (sic), povo nômade que acompanha manadas de gados, são liderados por chefes, as mulheres são compartilhadas (exceto a esposa do chefe) e os filhos são criados em conjunto, alimentam-se de carne, sangue e leite, é um povo armado

e vive até os sessenta anos. Diodoro descreve suas guerras, mortes e funerais. Faz uma breve digressão acerca das diferenças climáticas entre o norte e o sul do mundo habitado, que vão do frio ao calor extremo. Descreve a fauna da Etiópia e Líbia, caracterizada por rinocerontes, esfinges (babuínos), crócotas (hienas) e serpentes. Alguns animais foram capturados e levados a Alexandria, destacando-se uma enorme serpente. O autor explica ainda o Golfo Arábico, falando sobre a presença de topázio no território, o trabalho com a pedra e os esforços para protegê-la. Dedicar-se novamente a Arábia Feliz, que descreve como uma região rica cujo povo coleta ouro e o utiliza para adornar as casas. Relata sobre os ventos e fenômenos celestes da região, e então passa à narração dos povos líbios.

Segundo Diodoro Sículo, há quatro principais povos líbios: os nasamones, que vivem ao sul, os ausquisas, orientados a oeste, os marmáridas, que moram ao leste, próximo ao Egito e Cirene, e os macas, que se localizam ao norte. De acordo com o autor, aqueles que possuem território fértil são agricultores, há também nômades que seguem manadas de gados, e ambos são governados por reis. Os marmáridas, por outro lado, são saqueadores e não possuem cidades, apenas torres onde armazenam os saques. De forma geral, a descrição do continente africano é pontuada por povos com modos de vida e costumes diversos, que variam em diversos níveis de “selvagem” (ἄγριος / ágrios), ou seja, aqueles que vivem na natureza não cultivada, a “civilizado” (ἡμερότης / hemerótes), assim sendo, aqueles que cultivam os seus campos e estão submetidos a algum tipo de autoridade, como um rei.

É difícil qualificar, na visão de Diodoro, o quanto a vida em uma sociedade que pratica a agricultura é “melhor” ou “superior” àquela em áreas não cultivadas sem aplicar as noções contemporâneas de “selvagem” *versus* “civilizado”. Especialmente, porque a tradução utilizada para o texto do autor emprega esses termos. Porém, de forma geral, fica claro uma certa preferência por aquelas sociedades etíopes e líbias as quais têm um modo de vida mais próximo ao da realidade de Diodoro. Em alguns casos, como o da ilha em que esteve Jâmbulo ou na Arábia Feliz (no Livro II), a vida em áreas não cultivadas apresenta uma conotação positiva, mas não parece ser o caso para os ictiófagos ou os marmáridas. Os povos nômades, que vivem seguindo manadas, também não parecem ser claramente representados de forma negativa, o que nos leva a concluir que Diodoro enxerga essas sociedades não como uma dicotomia entre agricultura/positivo e natureza/negativo, mas em graus variados de acordo com elementos mais específicos. Cabe ressaltar que a região da África a qual Diodoro descreve e que foi apresentada até agora não fica tão clara porém, segundo mapas disponíveis na edição da **Biblioteca Histórica**, compreendem o atual território do Sudão e Sudão do Sul, Etiópia, Somália, República Democrática do Congo, Quênia, Tanzânia, Malawi e outros países menores

nas proximidades. Destaca-se também a região do Iêmen e Omã, na Península Arábica, e a costa do Mar Vermelho nos territórios africano e asiático.

Feitos estes comentários, seguimos a narrativa com as Amazonas, os Atlantes e as Górgonas. Diodoro inicia falando sobre o fato de as Amazonas de Héspera serem pouco conhecidas, o que ele deve a sua antiguidade, pois desapareceram muitas gerações antes da Guerra de Troia, sendo que as Amazonas do Termodonte são pouco anteriores a esse evento. De forma a legitimar seus escritos, cita como fonte Dionísio Citobraquião (sic). Além das Amazonas, outro povo de mulheres caracterizado por sua ἀνδρεία / andreia presente na Líbia são as Górgonas, enfrentadas por Perseu como a maior façanha do herói, o que seria “prova da superioridade e da força das mulheres antes citadas” (DIOD. SIC. III, 52, 4)<sup>16</sup>. “Também a valentia destas sobre as quais vamos falar agora em nossa história tem uma superioridade assombrosa comparada à natureza de nossas mulheres” (DIOD. SIC. III, 52, 4)<sup>17</sup>.

Assim, no oeste da Líbia, na região do que hoje são a Tunísia e a Argélia, no litoral e na região da Cordilheira do Atlas, vivia “um povo governado por mulheres e que seguia um modo de vida distinto do nosso” (DIOD. SIC., III, 53, 1)<sup>18</sup>. As mulheres serviam no exército enquanto eram virgens, e depois se uniam aos homens para ter filhos, mas continuavam atuando no espaço público e administrativo. Os homens “igual às mulheres casadas entre nós” (ὁμοίως ταῖς παρ’ ἡμῶν γαμεταῖς) (DIOD. SIC., III, 53, 2), permaneciam nas casas, acatando às ordens das mulheres e alimentando os filhos com leite e alimentos fervidos, sem participar dos exércitos ou da administração. Também não possuíam direitos, para que não se rebelassem contra as mulheres. As meninas tinham os dois seios cauterizados quando recém-nascidas para não se desenvolver e não atrapalhar no uso das armas, pelo que ficaram conhecidas como “Amazonas” pelos gregos (DIOD. SIC., III, 53, 3).

Estas Amazonas viviam em uma ilha chamada Héspera, localizada no lago Tritonida, próximo ao monte Atlas, onde havia abundância de frutos, gados, cabras e cordeiros, com os quais o povo se alimentava, sem praticar a agricultura. Por serem um povo guerreiro, as Amazonas conquistaram as cidades da ilha, exceto Menes, que era sagrada. Fundaram uma cidade chamada Quersoneso e continuaram conquistando povos vizinhos, dentre os quais se destacam os Atlantes, povo agricultor e que possuía grandes cidades. As Amazonas utilizavam,

<sup>16</sup> τεκμήριον [...] τῆς περὶ τὰς προειρημέναις γυναῖκας ὑπεροχῆς τε καὶ δυνάμεως.

<sup>17</sup> ἢ τε τῶν νῦν μελλουσῶν ἱστορεῖσθαι ἀνδρεία παράδοξον ἔχει τὴν ὑπεροχὴν πρὸς τὰς καθ’ ἡμᾶς φύσεις τῶν γυναικῶν συγκρινομένη.

<sup>18</sup> ἔθνος γυναικοκρατούμενον καὶ βίον ἐζηλωκὸς οὐχ ὅμοιον τῷ παρ’ ἡμῶν.

sobretudo, cavalos na guerra, peles de serpente como armadura e lanças, arcos e espadas como armas (DIOD. SIC., III, 54, 2-3).

Mirina, rainha das Amazonas, conquistou a cidade de Cerne com seu exército, degolando os homens jovens e escravizando mulheres e crianças, de forma que as outras cidades atlantes se entregaram, aterrorizadas (DIOD. SIC., III, 54, 4-5). Após a rendição, Mirina decidiu favorecer os Atlantes e entrou em guerra contra as Górgonas, inimigas deles. Tendo as Amazonas vencido, as Górgonas foram vencidas posteriormente por Perseu, quando Medusa era rainha desse povo. Elas, assim como as Amazonas, foram finalmente eliminadas por Hércules, “pois considerava que seria terrível se, tendo se disposto a favorecer a descendência dos homens em comum, tolerasse algum dos povos governados por mulheres” (DIOD. SIC., III, 55, 3)<sup>19</sup>.

Mirina percorreu com sua expedição militar a Líbia e, estando no Egito, fez amizade com o rei Hórus. Na sequência, percorreu a Arábia, conquistou a Síria, a Cilícia (esta se entregou voluntariamente), a Frígia e a região costeira até o rio Caico, onde fundou uma cidade chamada Mirina. Cidades nomeadas a partir das Amazonas mais poderosas: Cime, Pitane e Priene (DIOD. SIC., III, 55, 6). Mirina conquistou as ilhas, inclusive Lesbos, onde fundou uma cidade com o mesmo nome de sua irmã, Mítilene (DIOD. SIC., III, 55, 7). Enquanto conquistavam as ilhas, foram pegas em uma tempestade e, tendo implorado à Mãe dos Deuses que as salvassem, foram arrastadas para uma ilha onde, em agradecimento, honraram à deusa, dando à ilha o nome de Samotrácia. Quando as Amazonas deixaram a ilha, a deusa povoou-a, colocando entre a população os seus filhos Coribantes. Por fim, o trácio Mopso e o cita Sípilo invadiram com seus exércitos o território das Amazonas, matando a rainha Mirina e muitas das outras guerreiras. Como os trácios continuaram vencendo as batalhas que se seguiram, as Amazonas retornaram à Líbia, dando fim a sua expedição. Para o trajeto aproximado da expedição de Mirina, confira o mapa 2.

**Mapa 2:** Representa aproximadamente o território percorrido pela expedição militar de Mirina de acordo com Diodoro Sículo (III, 55, 4-8). Os alfinetes representam as cidades citadas, as áreas em vermelho indicam o território conquistado, e a seta indica a direção da localização dos povos Atlantes e Górgonas.

<sup>19</sup>δεινὸν ἡγούμενος, εἰ προελόμενος τὸ γένος κοινῇ τῶν ἀνθρώπων εὐεργετεῖν περιόψεταιί τινα τῶν ἐθνῶν γυναικ ὀκρατούμενα.





Fonte: Imagens de satélite retiradas do Google Earth. Marcações realizadas pela autora.

Após concluir a narrativa sobre as Amazonas, Diodoro passa a falar sobre a mitologia dos Atlantes, dentre os quais teria reinado Urano, que ensinou a agricultura ao povo e conquistou grande parte do mundo habitado, sendo também um grande conhecedor dos astros e introdutor do ano solar. Sucedeu a ele sua filha Basileia, mãe de Hélio e Selene. Hélio foi morto pelos titãs, irmãos de Basileia, e Selene se suicidou. Os atlantes divinizaram os filhos como o sol e a lua, e Basileia como Grande Mãe. Como essa deusa se aproxima da Cibele frígia, Diodoro narra também a história e o culto dessa deusa, a qual inventou a flauta e os címbalos e curava crianças e animais domésticos. Engravidou do jovem Átis, que foi morto por seu pai, o rei da Frígia, e então ela passou a percorrer o mundo acompanhada por Marsias. Em Nisa, encontrou Dioniso e Apolo. Marsias participou de uma competição musical com Apolo e, desagradando ao deus, foi morto por ele. Apolo e Cibele viajaram para o país do Hiperbóreas como um casal.

Voltando aos mitos atlantes, Diodoro descreve os reinos de Atlas e Cronos. O monte Atlas, bem como o povo Atlante recebem este nome a partir desta personagem. Como ele teria continuado os estudos de Urano sobre os astros, Diodoro compreende que por isso se acreditava que ele carregava o cosmos sobre os ombros (DIOD. SIC., III, 60, 2). Cronos, por sua vez, era rei da Sicília, Líbia e Itália, e foi substituído por seu filho Zeus. Concluída esta narrativa, o autor passa a narrar o mito de Dioniso a partir dos líbios, introduzindo com a versão grega a título de comparação. O mito de Dioniso ocupará os últimos doze capítulos do Livro III e cinco

dos primeiros capítulos do Livro IV, sendo este deus importante na narrativa de Diodoro, já que ele aparece ainda no Livro I sendo identificado como Osíris no Egito.

Diodoro discute as controvérsias acerca do mito de Dioniso, especialmente em relação a quantos deste deus teriam existido: um, dois ou três. Há também os que acreditam que Dioniso nunca existiu e que seu nascimento seria uma metáfora para o crescimento da vinha e produção do vinho. Mas dentre aqueles que acreditam que existiram três deste deus, o primeiro Dioniso teria sido um benfeitor indiano; o segundo seria filho de Zeus e Perséfone ou Deméter e teria inventado coisas úteis à agricultura como o jugo e o arado. Já o terceiro seria filho de Zeus e Sêmele, nascido em Nisa (cidade cuja localização é variável: na Arábia, na Líbia, etc.). Esse último Dioniso vivia entre danças e cortejos de mulheres, com as quais montou um exército armado com tirsos e saiu pelo mundo resolvendo conflitos e propagando a paz. De fato, este também era um benfeitor e era bem recebido por todos. Aqueles que se opunham a ele, diziam que “estava conduzindo as bacantes por incontinência e que tornou conhecidos os ritos e mistérios para corromper as mulheres alheias” (DIOD. SIC., III, 65, 2)<sup>20</sup>, mas o deus os castigava, deixando-os loucos ou condenando-os a serem despedaçados pelas mulheres. Outras vezes substituí-a o tirso por uma lança, cobrindo-a com folhas, e “os reis em sua ignorância as desprezaram porque elas eram mulheres” (DIOD. SIC., III, 65, 3)<sup>21</sup> e, então, foram mortos. Alguns dos castigados por Dioniso foram o grego Penteu, o indiano Mírrano e o trácio Licurgo.

Diodoro passa a narrar, então, o mito do Dioniso líbio, a partir de relatos dos próprios líbios e de Dionísio Citobraquião (sic.). O rei egípcio Amon desposou Reia, mas encontrando uma donzela chamada Amalteia, teve um filho com ela e a tornou rainha de um território muito fértil que ficou conhecido como Corno de Amalteia (uma explicação evemerística de Diodoro para a cornucópia). Amon escondeu de Reia o filho no ocidente, numa caverna em Nisa, um lugar incrivelmente belo e próspero. Atena, que havia nascido da terra, foi designada guardiã do menino. A deusa virgem descobriu as artes por sua inteligência e se dedicou à guerra, tendo eliminado a fera Égida, que lançava fogo pela boca.

Dioniso cresceu e se destacou em beleza e força, e descobriu o uso do vinho ainda jovem, bem como certos cultivos, e compartilhou com o povo esperando receber honras imortais. Reia, incomodada com a glória de Dioniso, casou-se com Cronos e este marchou com os irmãos titãs contra Amon, fugindo para Creta. Cronos domina as terras de Amon, governa cruelmente e marcha contra Dioniso. Para deter Cronos, ele chama seus companheiros de

<sup>20</sup> τὰς μὲν βάκχας δι' ἀκρασίαν [...] περιάγεσθαι, τὰς δὲ τελετὰς καὶ τὰ μυστήρια φθορᾶς ἕνεκα τῶν ἀλλοτριῶν γυναικῶν καταδεικνύειν, κολάζεσθαι τοὺς τοιοῦτους ὑπ' αὐτοῦ παραχρήμα.

<sup>21</sup> τῶν βασιλέων διὰ τὴν ἄγνοιαν καταφρονούντων ὡς ἂν γυναικῶν.



infância e seus vizinhos, os líbios e as Amazonas. Estas últimas foram convencidas a se unir à expedição por causa de Atena, com a qual compartilham o apreço pela valentia (ἀνδρεία) e pela virgindade (παρθενία). Assim, a deusa comandou as mulheres e Dioniso os homens.

Com muita dificuldade, conseguem vencer Cronos e capturam prisioneiros que concordam em marchar com Dioniso, honrando-o como a um deus. Dioniso segue novamente para as terras de seu pai, onde Cronos e Reia estão refugiados, e os faz tratá-lo como filho. Funda ainda o Oráculo de Amon, e este oráculo diz a Dioniso que se favorecesse a humanidade se tornaria imortal. Ele então percorre o mundo habitado ensinando o cultivo, lutando novamente contra os titãs e vencendo a guerra. Diodoro dá a entender que Dioniso morreu ou nessa guerra ou após ela, e tornou-se imortal.

O primeiro Dioniso para os líbios seria este, o segundo seria filho de Zeus e Io, teria reinado no Egito, ensinando os ritos (DIOD. SIC., III, 74, I), e o terceiro seria o filho de Zeus e Sêmele, que percorreu o mundo habitado ensinando o cultivo e “recrutou mulheres como soldados, como também o antigo fez com as Amazonas” (DIOD. SIC., III, 74, 2)<sup>22</sup>. Diodoro finaliza o Livro III mencionando que o mesmo que aconteceu com Dioniso também aconteceu com Hércules. Acredita-se que um primeiro Hércules nascido no Egito ergueu as “estelas da Líbia”, um segundo instituiu os jogos olímpicos e um terceiro, filho de Zeus e Alcmena, executou os Doze Trabalhos. Para a posteridade, transmite-se como se os feitos fossem de um único Hércules, e é precisamente dessa forma, que Diodoro o descreverá no Livro IV.

O autor inicia o Livro IV discutindo a dificuldade de se incluir a mitologia nos trabalhos dos historiadores, devido à antiguidade dos relatos que impossibilita ter certeza sobre o que aconteceu e quando, e a variedade de versões de autores discordantes entre si. De qualquer forma, Diodoro considera fundamental a inclusão dos relatos míticos, pois são várias as personagens míticas que contribuíram para as comunidades e é também parte do papel da História dar a devida atenção a elas. Neste livro, o autor foca nos mitos gregos anteriores à Guerra de Troia, iniciando com Dioniso, neto de Cadmo, o fenício fundador de Tebas.

Dioniso, filho de Zeus e Sêmele, inventou o vinho e ensinou o cultivo da vinha e da cevada, onde o terreno não era próprio para vinha. Inventou também a bebida feita a partir desse grão, que chamamos hoje de cerveja. Ele era acompanhado por um exército de homens e mulheres, e castigava os injustos (DIOD. SIC., IV, 2, 6). Dioniso realizou uma expedição à Índia, de onde voltou com espólios à Beócia e a partir daí passaram a ser realizadas celebrações a cada três anos para comemorar o retorno do deus. Assim, em diversas cidades gregas,

---

<sup>22</sup> στρατιώτιδας δ' ἐπιλέξασθαι γυναῖκας, καθάπερ καὶ ὁ παλαιὸς τὰς Ἀμαζόννας.

imitando as Mênades, as mulheres se reuniam para honrar e sacrificar ao deus nessas festas (ao que tudo indica ainda nos dias de Diodoro). As virgens levavam tirsos e gritando “evoé”, e as mulheres ofereciam sacrifícios e realizavam os mistérios báquicos (DIOD. SIC. IV, 3, 3).

O autor cita ainda um Dioniso anterior, filho de Zeus e Perséfone, cujos cultos são celebrados à noite e em segredo. Este teria criado o jugo e por isso era representado com chifres. Diodoro descreve o Dioniso filho de Sêmele como “fisicamente afeminado e de traços muito delicados, mas se distinguia muito dos outros por sua beleza, sentiu inclinação pelos prazeres amorosos e em suas expedições se rodeou de uma multidão de mulheres armadas com lanças em forma de tirso”<sup>23</sup> (DIOD. SIC., IV, 4, 2)<sup>24</sup>. O autor cita ainda o preceptor de Dioniso, Sileno, que nas batalhas vestia “armas de combate e peles de leopardo” (μάχας ὄπλοις [...] καὶ δοραῖς παρδάλεων), mas nas festividades usava “vestidos floridos e delicados em consonância com sua afeminação” (ἐσθῆσιν ἀνθειναῖς καὶ κατὰ τὴν μαλακότητα τρυφεραῖς χρῆσθαι) (DIOD. SIC., IV, 4, 4). Dioniso seria também o inventor do concurso cênico, do teatro e das artes, tendo uma vida feliz e agradável acompanhado pelas Musas e pelos sátiros com suas danças e os “cantos de bode” (τραγῳδίας / tragoidíais).

Diodoro discorre então sobre Priapo, filho de Dioniso e Afrodite, fruto dos prazeres do vinho que tornam as pessoas mais dispostas ao amor. Assim, “Priapo” é também em alguns autores (Diodoro não especifica quais) sinônimo do órgão sexual masculino, que é venerado, segundo o autor, por ser “o princípio do nascimento dos seres humanos” (τῆς γενέσεως τῶν ἀνθρώπων) (DIOD. SIC., IV, 6, 2). Semelhante a Priapo, Diodoro traz o filho de Hermes e Afrodite, Hermafrodito, que nasceu homem e mulher, viril e suave ao mesmo tempo. Alguns dizem que criaturas como ele são presságios positivos ou negativos. Na sequência, o autor trata sobre as Musas, nove jovens filhas de Zeus e Mnemosine, muito bem-educadas e que ensinam aos homens o que é belo e útil. Presume-se que são virgens porque sua educação as torna incorruptíveis (DIOD. SIC., IV, 7, 3-4).

Concluída a narrativa sobre Dioniso, o autor se dedica aos feitos de Hércules ao longo dos próximos trinta e um capítulos. Hércules é bisneto de Perseu e filho de Alcmena, que foi enganada por Zeus para poder ter um filho com ela. Para não utilizar a violência ou não tentar persuadir a mulher decente que era Alcmena, o deus assumiu a forma do marido dela, Anfitrião,

<sup>23</sup> τῶ σώματι [...] τρυφερὸν καὶ παντελῶς ἀπαλόν, εὐπρεπεῖα δὲ πολὺ τῶν ἄλλων διενεγκεῖν καὶ πρὸς τὰς ἀφροδισιακὰς ἡδονὰς εὐκατάφορον γεγενῆσθαι, κατὰ δὲ τὰς στρατείας γυναικῶν πλῆθος περιάγεσθαι καθωπλισμένων λόγους τεθυρωμένους.

<sup>24</sup> Dioniso e sua relação com as Mênades serão retomados no capítulo 3 desta Dissertação.

para engravidá-la (DIOD. SIC., IV, 9, 3). Quando estava próximo do parto, Zeus anunciou que o bebê que nascesse naquele dia seria rei dos perseidas. Hera então tratou de atrasar o parto de Alcmena e fazer com que outro menino nascesse antes, prematuro, Euristeu, primo de Hércules. Para resolver o impasse, Zeus então acertou com Hera que seu filho realizaria doze trabalhos a mando de Euristeu para adquirir a imortalidade. Alcmena então finalmente deu à luz Alceu e Íficles, o primeiro filho de Zeus e o segundo filho de Anfitrião. Com medo de Hera, a mãe expõe o primeiro filho e Atena, ao encontrá-lo, pede a Hera que o amamente, o que a deusa faz sem saber que é o filho fruto da infidelidade do marido. Como o bebê suga com muita força, a deusa o afasta e Atena então o leva de volta à mãe. Hera então envia duas serpentes ao berço de Alceu para matá-lo, mas o bebê as estrangula. A partir daí passou a ser chamado Hércules pelos habitantes da Argólida, pois adquiriu a glória (κλέος / kléos) por meio de Hera (Ἥρη / Here).

Anfitrião então é expulso de Tirinto e se muda com a família para Tebas, onde Hércules, ainda um efebo, liberta a cidade das mãos do rei Ergino dos mínias da Beócia. O rei de Tebas, Creonte, em agradecimento, concede sua filha Mégara em casamento a Hércules. Então Euristeu, que era rei da Argólida, ordena que ele realize os doze trabalhos, e ele cai em um estado de abatimento porque considerava ser escravo de um homem inferior a si, mas ao mesmo tempo não poderia desobedecer a Zeus. Aproveitando-se do seu estado, Hera faz cair sobre ele uma loucura, durante a qual Hércules tenta matar seu sobrinho Iolau, mas acaba matando os próprios filhos no lugar. Ao se dar conta do acontecido, ele se isola por um longo tempo em sua casa, até que o tempo apazigua sua dor, e ele decide cumprir os trabalhos.

O primeiro trabalho de Hércules é o Leão de Nemeia, que vivia entre Micenas e Nemeia, mas não podia ser ferido com ferro. O herói então estrangula o leão e passa a usar a sua pele como capa. Na sequência, enfrentou a Hidra de Lerna, na Argólida, monstro de cem cabeças que, a cada cabeça cortada, nasciam duas no lugar. Hércules então teve a ideia de pedir a Iolau que cauterizasse as feridas conforme o herói cortava as cabeças, de forma que elas não mais ressurgiram e assim cumpriram a tarefa. Ele mergulhou a ponta de suas flechas no veneno da hidra, fazendo com que as feridas causadas pela flecha fossem incuráveis. O terceiro trabalho de Hércules foi trazer vivo o Javali de Erimanto, na Arcádia. A tarefa era cuidadosa porque se aplicasse força demais poderia matar o animal, e se aplicasse pouca força, poderia ser morto por ele, Hércules obteve sucesso neste trabalho.

Ainda na Arcádia, Hércules visita o centauro Folo, que abre um odre de vinho deixado por Dioniso especialmente para o herói, mas o odor da bebida excita os outros centauros das proximidades, que avançam para saquear a casa, mas Hércules derrota-os. Seu quarto trabalho

foi capturar uma corça muito veloz que tinha chifres de ouro (Corça de Cerneina), tarefa que foi cumprida por meio de sua astúcia e não de sua força. Seu próximo trabalho foi espantar as Aves do Lago Estínfalo, que ele realizou fazendo muito barulho com crótalos de bronze. Para humilhá-lo, Euristeu ordenou que limpassem os estábulos de Áugias, cujo esterco se acumulava havia muito tempo. Por conta disso, Hércules desviou o curso do rio Alfeu e concluiu o trabalho em um único dia. Na sequência, realizou seu sétimo trabalho, trazer o Touro de Creta, pelo qual a rainha Pasífae havia se apaixonado.

Depois de cumprir estes trabalhos, Hércules instituiu os jogos olímpicos, dedicados a Zeus, e venceu todas as provas. Enquanto descansava, banqueteara e festejava, os deuses o apresentaram: Atena com um peplo, Hefesto com uma clava e uma couraça, Poseidon lhe deu cavalos, Hermes lhe deu uma espada, Apolo, um arco e Deméter instituiu os Mistérios Menores como purificação pelos centauros que Hércules havia matado. Diodoro então menciona que Alcmena foi a última mortal a quem Zeus se uniu, e a luta dos deuses contra os gigantes, a qual aqueles que ficaram ao lado de Zeus foram chamados “olímpicos”, dentre eles Dioniso e Hércules, que eram filhos de mulheres mortais. Hércules ainda afastou a águia que devorava o fígado de Prometeu e convenceu ao pai que libertasse aquele que entregou o fogo à humanidade. Depois disso, o herói realizou seu oitavo trabalho – buscar as éguas de Diomedes, o trácio, que se alimentava da carne dos estrangeiros. Hércules alimentou os animais com a carne do próprio dono e as domou, e Euristeu consagrou-as a Hera. Concluída esta tarefa, Hércules foi à Cólquida com Jasão em busca do Velocino de Ouro.

O nono trabalho de Hércules foi adquirir o cinturão da amazona Hipólita, para o qual organizou uma expedição que acampou junto a Temiscira. Como seu pedido pelo cinturão não foi atendido, lutou contra elas com seus homens, e lutou pessoalmente contra as melhores guerreiras Amazonas, matando todas elas: Aela, Filípide, Prótoe, Eribeia, as companheiras de caça de Ártemis: Celeno, Euríbia e Febe, e ainda Dejanira, Asteria, Marpe, Tecmesa e Alcipe, que havia jurado se manter virgem. Melanipe, que era comandante (στρατηγίαν / strategian) das Amazonas, perdeu a liderança nas mãos de Hércules e só foi libertada em troca do cinturão. Antíope, também feita cativa, foi entregue a Teseu. Sendo que as melhores guerreiras foram capturadas e as outras Amazonas foram postas em fuga, “matou a maioria delas, para que seu povo fosse completamente arruinado” (DIOD. SIC., IV, 16, 4)<sup>25</sup>.

Após a expedição contra as Amazonas, Hércules realizou seu décimo trabalho, que era buscar o rebanho de bois de Gerião na Ibéria. Novamente, organizou um exército, e partindo da

<sup>25</sup> κατέκοψε τὰς πλείστας, ὥστε παντελῶς τὸ ἔθνος αὐτῶν συντριβῆναι.

Creta percorreu a Líbia, combatendo soberanos injustos e matando animais selvagens, tornando o terreno habitável. Diodoro explica a ação de Hércules contra as feras, pois na infância havia sido atacado por serpentes, e contra certos soberanos – porque como homem estava submetido a um homem injusto (DIOD. SIC., IV, 17, 5). Ao chegar ao Oceano, Hércules ergueu as estelas da Líbia (as Colunas de Hércules) e atravessou para a Ibéria, onde lutou contra os três filhos do rei Crisaor com seus três exércitos, e vencendo-os. Em seu retorno trazendo o rebanho, passou pela Céltica, onde fundou uma cidade chamada Alesia, que nos tempos de Diodoro foi tomada por César (na batalha contra Vercingetórix), chamado “divino” (θεοῦ / theou). Atravessou os Alpes pela Gália em direção à Itália, abrindo rotas ao longo do caminho. Chegou à Ligúria, região da atual cidade de Gênova, onde homens e mulheres realizam trabalhos pesados igualmente. Depois de passar pelos lígures e tirrenos, acampou onde hoje é Roma, cidade na qual Hércules era venerado nos dias de Diodoro. Ainda na Itália, lutou contra os gigantes próximo ao Vesúvio, e construiu a via Heráclia junto ao lago Aorno, consagrado a Perséfone. Hércules vai com o rebanho então para a Sicília, onde o autor dá a entender que ele funda Agirio, cidade de Diodoro Sículo, e menciona também os cultos a Hércules naquela ilha. Voltando para a Itália, contornou o Mar Adriático e passando pelo Épiro chegou finalmente ao Peloponeso.

Estando de volta, foi ordenado ao seu décimo primeiro trabalho: trazer Cérbero do Hades em plena luz do dia. Para isso, foi a Atenas participar dos Mistérios de Elêusis, cerimônia presidida por Museu, filho de Orfeu que também havia ido ao Hades buscar a sua esposa. Assim, Hércules desceu ao Hades e foi bem recebido por Perséfone, libertou Teseu e Píritoo, e trouxe Cérbero para a superfície. Seu décimo segundo e último trabalho foi trazer as maçãs de ouro das Hespérides, sendo necessário voltar à Líbia. Dizia-se que as maçãs de ouro eram guardadas por um dragão: Diodoro interpreta este mito como sendo um rebanho de ovelhas muito belas ou de pelagem de coloração dourada, cujo pastor se chamava Drácon. De qualquer forma, Hércules derrotou o guardião e trouxe as maçãs. As Hespérides eram filhas de Atlas, que sabia muito sobre astronomia e compartilhou seus conhecimentos com Hércules. Diodoro diz ser esse o motivo para que digam que Hércules também segurou o cosmos sobre seus ombros quando esteve com Atlas.

Enquanto isso, as Amazonas atacaram Atenas. Para vingar-se do que os gregos e Hércules havia feito contra elas, visto que Teseu detinha Antíope cativa, organizaram um exército juntamente aos citas, atravessando o Bósforo Cimerio e a Trácia até a Ática. O local onde elas estabeleceram seu acampamento ficou conhecido até os dias de Diodoro como Amazoneu (DIOD. SIC., IV, 28, 2). Teseu então tomou consigo os atenienses e sua esposa Antíope, com quem tinha um filho chamado Hipólito e combateu as Amazonas. “E como os

atenienses eram superiores em valor, os que lutaram ao lado de Teseu venceram [...]. Antíope, que lutou ao lado do marido Teseu, destacou-se na batalha e terminou sua vida heroicamente” (DIOD. SIC. IV, 28, 3-4)<sup>26</sup>. As Amazonas que sobreviveram à guerra voltaram para a Cítia e passaram a viver lá, abandonando Temiscira. A seguir, Diodoro volta a narrar as aventuras de Hércules, dos Argonautas, a narrativa sobre os descendentes de Hércules, sobre Teseu, dentre outros. Estas narrativas não cabem ser descritas neste momento.

A próxima e última obra de Diodoro Sículo na qual há uma narrativa sobre as Amazonas é o Livro XVII, que possui um trecho descrevendo o encontro de Alexandre, o Grande com a rainha das Amazonas Taléstris. Entre o Livro IV e o Livro XVII, o autor continua as narrativas anteriores à Guerra de Troia até o Livro VI, e a partir do Livro VII até o XVI, narra a Guerra de Troia e os eventos posteriores como as Guerras Greco-Pérsicas e a do Peloponeso, até chegar aos macedônicos e Filipe II. Nesse sentido, o Livro XVII, portanto, é dedicado a vida de Alexandre, começando pela sua subida ao trono da Macedônia. Diodoro compara os feitos que o rei realizou ao longo de doze anos aos dos heróis e semideuses, especialmente porque era descendente de Hércules por parte do pai e de Aquiles por parte da mãe, tendo, portanto, ascendência divina. Alexandre, apesar de desprezado por ser muito jovem, vingou-se dos assassinos de seu pai Filipe, conteve revoltas nas cidades gregas e na Trácia, e então se dirigiu à Ásia para enfrentar os persas. Conquistou primeiramente a Lídia e a Cária, onde se comportou generosamente com as cidades gregas, libertando-as do domínio persa, e nomeando Ada como rainha da Cária. Da mesma forma, Alexandre demonstra simpatia e compaixão pelas mulheres, e destaca-se o caso de Sisigambis, mãe de Dário da Pérsia.

Após vencerem uma batalha contra o rei persa e colocá-lo em fuga, os macedônios se apoderaram do acampamento e das mulheres. Muitos as tratam de forma desonrosa, mas alguns macedônios, assim como Alexandre (e Diodoro, o narrador), se compadeceram da situação dessas mulheres. O rei trata Sisigambis como sua própria mãe e o filho de Dário como seu próprio filho. Alexandre conquista a Fenícia e o Egito, constrói a cidade de Alexandria e marcha sobre a Síria. Dário oferece parte do reino e uma filha em casamento, mas Alexandre recusa. Por essa época, a esposa do rei persa morre e Alexandre a enterra com magnificência. O rei vence outra batalha contra Dário, empurrando-o cada vez mais para as satrapias interiores do reino, e na sequência conquista a Babilônia e atravessa o rio Tigre, expandindo suas conquistas

---

<sup>26</sup> καὶ τῶν Ἀθηναίων ὑπερεχόντων ταῖς ἀνδραγαθίαις, ἐνίκησαν οἱ περὶ τὸν Θησέα [...]

συνέβη δὲ καὶ τὴν Ἀντιόπην συναγωνισαμένην τάνδρῳ Θησεῖ, καὶ κατὰ τὴν μάχην ἀριστεύουσας, ἥρωικῶς καταστρέψαι τὸν βίον.

até Persépolis. Nesta cidade ocorre algo singular. Durante as comemorações da vitória de Alexandre, estando todos embriagados pelo banquete, uma mulher ática chamada Taís convida o rei a celebrar uma festa com danças e cantos ateando fogo ao palácio de Persépolis, buscando vingança ao que os persas tinham feito na Acrópole de Atenas. Assim, com um cortejo triunfal em honra a Dioniso, prenderam fogo ao palácio (DIOD. SIC., XVII, 72, 1-4). Diodoro destaca a atitude de Taís para com seus concidadãos atenienses.

Na sequência, Alexandre conquista Hicárnia, em cuja vizinhança seu cavalo Bucéfalo é roubado, mas finalmente recuperado mediante duras ameaças. Estando novamente em Hicárnia, vai ao seu encontro a rainha das Amazonas Taléstris, que reinava entre os rios Fasis e Termodonte (da atual Geórgia ao Nordeste da Turquia), e chegou acompanhada de trezentas guerreiras, tendo deixado a maior parte do exército na fronteira de Hicárnia (DIOD. SIC., XVII, 77, 1). Taléstris se “destacava por sua beleza e vigor físico e era admirada por seus compatriotas por sua valentia” (DIOD. SIC., XVII, 77, 1)<sup>27</sup>. A rainha “fazia saber que vinha com o propósito de gerar um filho, pois ele era, de todos os homens, o melhor em comando por suas façanhas, e ela se sobrepunha às mulheres em força e valentia” (DIOD. SIC., XVII, 77, 2-3)<sup>28</sup>, o que faria com que um filho gerado pelos dois fosse, certamente, o melhor dentre os homens. Feliz com a proposta, Alexandre passou treze dias com Taléstris, e quando chegou a hora de partir, presenteou-a com coisas magníficas.

É digno de nota que, imediatamente após terminar o relato sobre as Amazonas, Diodoro faz a seguinte asserção sobre o rei: “depois disso, como acreditou que havia sucedido em sua empreitada e que possuía sem disputa a realeza, começou a imitar a suavidade persa e o luxo dos reis da Ásia” (DIOD. SIC., XVII, 77, 4)<sup>29</sup>. Alexandre passou a possuir camareiros persas, guarda-costas persas (como o irmão de Dário) e passou a usar vestimentas persas e a dispor de concubinas. No entanto, era censurado por muitos e, por isso, subornavam-nos com presentes. Há uma lacuna no texto entre os capítulos 83 e 84, em que poderia estar narrado, dentre outros acontecimentos, o casamento de Alexandre com Roxane, já que isto não aparece em nenhum outro ponto do livro. Diodoro segue narrando as conquistas e contratemplos de Alexandre em sua expedição, até a sua morte, encerrando a narrativa anunciando a continuação dos feitos dos sucessores do rei no livro seguinte. De forma geral, Alexandre é representado de uma forma

<sup>27</sup> ἦν δὲ τῷ τε κάλλει καὶ τῇ τοῦ σώματος ῥώμῃ διαφέρουσα καὶ παρὰ τοῖς ὁμοεθνεσὶ θαυματομένη κατ’ ἀνδρείαν.

<sup>28</sup> παιδοποιίας ἕνεκεν ἦκειν.

ἐκεῖνον μὲν γὰρ τῶν ἀπάντων ἀνδρῶν διὰ τὰς πράξεις ἄριστον ὑπάρχειν, αὐτὴν δὲ τῶν γυναικῶν ἀλκῇ τε καὶ ἀνδρείᾳ διαφέρειν.

<sup>29</sup> μετὰ δὲ ταῦτα δόξας ἤδη κεκρατηκέναι τῆς ἐπιβολῆς καὶ τὴν βασιλείαν ἀδήριτον ἔχειν ἤρξατο ζηλοῦν τὴν Περσικὴν τρυφὴν καὶ τὴν πολυτέλειαν τῶν Ἀσιανῶν βασιλέων.

bastante positiva por Diodoro, minimizando as críticas. A barbarização do rei é apresentada no trecho citado acima, mas não é retomada. Porém, em nosso trabalho recuperamos o momento, em sua relação com o encontro com as Amazonas, no próximo capítulo.

Nessa seção, buscamos trazer um panorama historiográfico e documental do mito das Amazonas e seu contexto na **Biblioteca Histórica** de Diodoro Sículo. As fontes bibliográficas sobre essas mulheres servirão, no capítulo seguinte, para discutir os temas percebidos na fonte. Desse modo, a apresentação da própria fonte mostra indagações e inquietações que, da mesma forma, serão debatidas adiante. Assim, tendo introduzido a temática de maneira que o (a) leitor (a) se situe nos debates historiográficos e conheça algumas fontes, especialmente, aquela com a qual estamos trabalhando, passamos agora ao desenvolvimento de nossa análise interseccional entre gênero e identidade cultural no mito das Amazonas na obra do historiador Diodoro Sículo.



### 3 INTERSECCIONALIDADE ENTRE GÊNERO E IDENTIDADE CULTURAL NAS AMAZONAS DE DIODORO SÍCULO

#### 3.1 A BARBARIDADE DO FEMININO E A FEMINILIDADE DO BÁRBARO

As Amazonas, para Diodoro Sículo, são povos governados por mulheres (ἔθνους γυναικοκρατουμένου) (DIOD. SIC., II, 45, 1), as quais também se ocupavam das atividades militares (τὰς πολεμικὰς χρείας) (DIOD. SIC., II, 45, 1). Porém existiram “linhagens de mulheres na Líbia que eram belicosas e extremamente admiradas por sua valentia: o povo das Górgonas, contra o qual se diz que marchou Perseu”<sup>1</sup> (DIOD. SIC., III, 52, 4), onde também viviam as Amazonas.

Para Diodoro Sículo, a diferença do povo das Amazonas de outros povos governados por mulheres guerreiras, era o fato de que estas cauterizavam o seio direito ou os dois seios. Segundo ele, as Amazonas que viviam em torno do rio Termodonte “queimavam o peito direito das meninas, para que não atrapalhasse ao sobressair do corpo durante as batalhas: por esta causa resultou que o povo das Amazonas obteve essa denominação”<sup>2</sup> (DIOD. SIC., II, 45, 3). Por sua vez, aquelas que viviam na ilha de Héspera, quando tinham filhos, “se o nascido fosse uma menina, queimavam os peitos, para que não se desenvolvessem durante o tempo da maturidade: lhes parecia que peitos sobressalientes ao corpo não são um impedimento fortuito para o serviço militar; portanto, carentes destes, eram chamadas Amazonas pelos gregos”<sup>3</sup> (DIOD. SIC., III, 53, 3). Assim, dentre as diversas propostas gregas para a etimologia do nome “Amazona”, Diodoro Sículo segue aquela iniciada por Helânico de Lesbos (século V a.C.) que, segundo Blok (1994, p. 22), foi o primeiro na tradição literária a buscar uma explicação para o nome “Amazona”. Nesse sentido, o termo é pensado a partir da união de um α / a privativo, seguido de μαστός / mastós (seio), ou seja, “sem seio”.

Essa caracterização não é um mero detalhe para o nosso autor, que relaciona a etimologia do nome diretamente a um costume do povo. Acreditamos que Diodoro Sículo, ao atribuir a cauterização do seio primeiramente às Amazonas da região do Termodonte, remete a

<sup>1</sup> πλείω γένη γυναικῶν κατὰ τὴν Λιβύην μάχια καὶ τεθραυμασμένα μεγάλως ἐπ’ ἀνδρεία: τό τε γὰρ τῶν Γοργόνων ἔθνος, ἐφ’ ὃ λέγεται τὸν Περσεὺς στρατεῦσαι.

<sup>2</sup> τῶν δὲ θηλυτερῶν τὸν δεξιὸν μαστὸν ἐπέκαον, ἵνα μὴ κατὰ τὰς ἀκμὰς τῶν σωμάτων ἐπαιρόμενος ἐνοχλῆι· ἀφ’ ἧς αἰτίας συμβῆναι τὸ ἔθνος τῶν Ἀμαζόνων ταύτης τυχεῖν τῆς προσηγορίας.

<sup>3</sup> εἰ δὲ τύχοι θῆλυ γεννηθέν, ἐπικάεσθαι αὐτοῦ τοὺς μαστούς, ἵνα μὴ μετεωρίζονται κατὰ τοὺς τῆς ἀκμῆς χρόνους· ἐμπόδιον γὰρ οὐ τὸ τυχὸν εἶναι δοκεῖν πρὸς τὰς στρατείας τοὺς ἐξέχοντας τοῦ σώματος μαστούς· διὸ καὶ τούτων αὐτὰς ἀπεστερημένας ὑπὸ τῶν Ἑλλήνων Ἀμαζόνιας προσαγορεύεσθαι.

um costume sármata descrito nos textos hipocráticos. Além de atirarem com arco e lançarem dardos enquanto montadas em cavalos, as mulheres sármatas:

[...] não têm o seio direito, pois, quando ainda são crianças muito pequenas, as suas mães, produzindo especialmente para esse fim um artefato de bronze, colocam-no sobre o seio direito, que é queimado de sorte a aniquilar seu crescimento e fornecer ao ombro e ao braço direito toda força e toda pletora (**Ares, águas e lugares**, XVII, 3).

Lembramos também que Heródoto indica as Amazonas como ancestrais do povo sármata. Podemos sugerir assim como Penrose Jr. (2016) e Mayor (2014), que o mito das Amazonas foi inspirado em mulheres guerreiras de povos históricos, se considerarmos que o costume descrito nos textos hipocráticos era de fato praticado. Segundo Mayor (2014), os armamentos utilizados pelas Amazonas não exigiam a remoção dos seios. Para a autora, a opção mais provável para a crença de que as Amazonas removiam os seios é que as mulheres dos povos caucasianos na Antiguidade comprimiam os seios com um colete de couro desde os oito ou dez anos até o dia do casamento. Comprimir os seios era necessário para o conforto ao galopar pelas estepes. Seios grandes poderiam causar dor e desconforto devido ao movimento sobre as costas do cavalo (MAYOR, 2014, p. 91).

Diodoro atribui a cauterização não de um dos seios, mas de ambos, para as Amazonas da ilha de Héspera. A questão levantada é se, da mesma forma como Diodoro parece reconhecer as Amazonas em costumes sármatas, havia povos históricos no norte da África em que houve registros de mulheres cauterizando ou enfaixando os seios. De outra maneira, é possível que o autor – ou Dionísio Citobraquião, autor que ele cita como sua fonte para as Amazonas na Líbia – tenha tomado a etimologia do nome para atribuir o costume também a outro povo de mulheres que suas fontes caracterizavam como Amazonas.

Nesse sentido, é necessário considerar a importância atribuída por Diodoro ao fato que caracteriza as Amazonas: a cauterização do seio. Acreditamos que o autor considerava o exercício guerreiro uma atividade relacionada aos homens, os quais possuíam um corpo naturalmente adaptado para tais realizações. As mulheres, por outro lado, dotadas de seios que as ligavam ao exercício da amamentação e da procriação, eram menos propensas naturalmente ao exercício guerreiro. Assim, de forma a driblar uma condição da natureza, as Amazonas cauterizavam um ou ambos os seios. Nossa proposição possui respaldo na afirmação de Josine Blok (1994, p. 31), indicando que “a descoberta etimológica da amputação dos seios indica que as Amazonas precisavam se ajustar fisicamente ao seu papel masculino”.

Por outro lado, a cauterização do seio pode ser um indicativo da fraqueza de seus corpos bárbaros de uma forma geral. Segundo Penrose Jr. (2016, p. 104), “Hipócrates via a constituição de homens e mulheres sármatas como enferma/instável [*infirm*], como uma fraqueza que requeria compensação por meio da cauterização de várias partes do corpo, incluso, mas não limitado aos seios (Ares 19-20)”. Assim, é possível que Diodoro enxergasse os corpos das Amazonas como fracos por sua feminilidade e barbaridade, exigindo ajustes a fim de exercer o ofício guerreiro de forma satisfatória.

As Górgonas, por sua vez, que aparentemente não aderem ao mesmo costume, são eventualmente derrotadas pelas Amazonas (DIOD. SIC., III, 55, 1). É possível que a ausência dos seios lhes desse uma vantagem sobre outras mulheres guerreiras que não praticavam a cauterização. Outro elemento visível nas Górgonas, “vencidas por Perseu, o filho de Zeus, na ocasião em que reinava sobre elas Medusa”<sup>4</sup> (DIOD. SIC., III, 55, 3), é que essas mulheres não são apresentadas como monstros. Essa descrição demonstra um elemento presente na obra de Diodoro de uma forma geral: a racionalização das narrativas míticas, como comentado no primeiro capítulo. Assim, as Górgonas são apresentadas como um povo de mulheres guerreiras, tendo Medusa como uma de suas rainhas, e não como a irmã dos monstros Esteno e Euríale, com cabelos de serpente e olhar petrificante.

Diodoro Sículo apresenta tanto as Amazonas que viviam na região do Termodonte, na Ásia, a leste da Grécia, quanto as Amazonas da ilha de Héspera, na África, a oeste, como mulheres guerreiras. Além disso, estas mulheres assumem a liderança política entre seu povo, sendo também rainhas. Ainda, as Amazonas não somente são guerreiras, como também são conquistadoras, desejando a guerra e buscando constantemente a expansão territorial.

Algumas diferenças podem ser apresentadas entre as Amazonas do Termodonte e as de Héspera. As primeiras, quando do surgimento de seu povo, eram guerreiras *assim como* (ὅμοιος / homoios) os homens (DIOD. SIC., II, 45, 1), até que uma poderosa rainha entre eles introduziu leis que tornaram os homens escravos (DIOD. SIC., II, 45, 2). As Amazonas de Héspera, por outro lado, servem no exército enquanto são jovens virgens, e depois que têm filhos, seguem ocupando os cargos políticos (DIOD. SIC., III, 53, 1). Os homens não possuem direitos políticos e se ocupam do serviço doméstico (DIOD. SIC., III, 53, 2). Destaca-se também que estas últimas viviam da coleta de frutos e da criação de animais para consumo de carne e leite, desconhecendo a agricultura (DIOD. SIC., III, 53, 5). Como foi discutido no segundo capítulo, a ausência do cultivo agrícola é um dos indicativos da barbaridade de um povo. Assim,

---

<sup>4</sup> Περσέως τοῦ Διὸς καταπολεμηθῆναι, καθ’ ὃν καιρὸν ἐβασίλευεν αὐτῶν Μέδουσα.

deixando claro que as Amazonas viviam em uma sociedade não-agrícola, demonstrando um de seus traços bárbaros.

O que podemos destacar ao observar o comportamento das Amazonas de Diodoro é a crueldade que elas destinam àqueles entre o seu povo. As Amazonas do Termodonte mutilavam as pernas e os braços dos próprios filhos meninos (DIOD. SIC., II, 45, 3), e apesar de as Amazonas de Héspera não irem tão longe, cauterizavam ambos os seios, de forma que o pai do recém-nascido precisava alimentá-lo com leite (DIOD. SIC., III, 53, 3), demonstrando uma negação da maternidade. A permanência do seio esquerdo entre as Amazonas do Termodonte parece indicar que elas amamentavam ao menos as filhas meninas, enquanto as de Héspera apenas treinavam as filhas nos ofícios da guerra quando elas tinham idade para isso. É significativa a instituição da escravidão para homens cujos membros foram mutilados na infância para afastá-los do serviço guerreiro e a negação de direitos políticos para homens que estavam limitados ao serviço doméstico, de forma que não se rebelassem contra as mulheres. Ainda, Diodoro Sículo nunca se refere a casamentos entre as mulheres Amazonas e seus homens. Essas questões demonstram uma forte negação do papel que a elite grega entedia pertencer às mulheres: o casamento, a maternidade e o serviço doméstico.

Diodoro demonstra como as Amazonas são diferentes das mulheres gregas quando aponta que “a valentia destas que vamos falar agora em nossa história tem uma superioridade assombrosa comparada à natureza de nossas mulheres”<sup>5</sup> (DIOD. SIC., III, 52, 4). Ainda, sobre os homens entre as Amazonas de Héspera, coloca que “igual às mulheres casadas entre nós, têm uma vida doméstica, atendendo ao disposto por seus cônjuges”<sup>6</sup> (DIOD. SIC., III, 53, 2). Desta forma, o escritor deixa claro o papel das mulheres em sua sociedade e reforça o quanto as Amazonas invertem a ordem dominando seus homens, recusando o casamento e negligenciando a maternidade.

Segundo Diodoro Sículo, as Amazonas de Héspera, sob o comando da rainha Mirina, ao atacar o povo dos Atlantes na cidade de Cerne, “querendo incutir medo aos habitantes dos arredores, se comportaram cruelmente com os cativos e degolaram os homens em idade militar e, depois de escravizar as crianças e as mulheres, arrasaram a cidade” (DIOD. SIC., III, 54, 4)<sup>7</sup>. Percebemos aqui claramente que não podemos lançar demasiadamente nosso olhar

<sup>5</sup> ἢ τε τῶν νῦν μελλουσῶν ιστορεῖσθαι ἀνδρεία παράδοξον ἔχει τὴν ὑπεροχὴν πρὸς τὰς καθ’ ἡμᾶς φύσεις τῶν γυναικῶν συγκρινομένη.

<sup>6</sup> ὁμοίως ταῖς παρ’ ἡμῖν γαμεταῖς τὸν κατοικίδιον ἔχειν βίον, ὑπηρετοῦντας τοῖς ὑπὸ τῶν συνοικουσῶν προσταττομένοις.

<sup>7</sup> βουλομένας δὲ τῷ φόβῳ καταπλήξασθαι τοὺς περιοίκους ὡμῶς προσενεχθῆναι τοῖς ἀλοῦσι, καὶ τοὺς μὲν ἄνδρας ἡβηδὸν ἀποσφάζει, τέκνα δὲ καὶ γυναῖκας ἐξανδραποδισαμένας κατασκάπτει τὴν πόλιν.

contemporâneo sobre as Amazonas e ver sua negação a submissão aos homens como uma atitude feminista. As Amazonas também escravizavam mulheres de outros povos e mesmo aniquilavam muitas delas em batalha, como é o caso do episódio em que elas lutam contra as Górgonas em favor dos Atlantes, após estes últimos terem concordado com uma rendição por estarem aterrorizados com o episódio da destruição de Cerne (DIOD. SIC., III, 54, 5-7; 55, 1).

O que podemos verificar nessa construção das características das Amazonas por Diodoro Sículo é a barbaridade implícita no feminino. Sue Blundell (1995), assim como Talita Gonçalves (2018), percebe a associação simbólica da mulher com a natureza selvagem, relacionada com o que está além das fronteiras de uma civilização ordenada. Blundell (1995) levanta que as mulheres, por vezes, são apresentadas sob um aspecto destrutivo. Observamos essa tendência do caso delas, nas palavras de Blundell (1995, p. 19):

É necessário notar que a noção da capacidade destrutiva das mulheres pode, provavelmente, ser ligada em parte à sua aproximação com a natureza, e consequentemente seu notado afastamento dos valores civilizacionais. Como Gould escreveu, ‘mulheres não são parte do, ou não pertencem facilmente, ao mundo masculino ordenado da comunidade “civilizada”; elas têm que ser contadas em outros termos, e elas ameaçam continuamente inverter a estabilidade ou subverter a continuidade, sair do espaço designado a elas por sua incorporação parcial. Ainda, elas são essenciais: são produtoras e doadoras de riqueza e crianças, as fiadoras da devida sucessão... Como a terra e os outrora selvagens animais, elas devem ser domadas e cultivadas pelos homens, mas sua “selvageria” vai sair’ (1980, p. 57). Implícito no que Gould está dizendo, está a noção das mulheres como ‘liminais’. Este é um termo antropológico que significa ‘existindo em, ou cruzando, fronteiras’. Mulheres nos mitos gregos podem ser vistas mais frequentemente do que não sendo cruzadoras de fronteiras: elas são representadas como criaturas anômalas que, enquanto vivem na comunidade ordenada e são vitais para sua continuação, não pertencem realmente àquilo. Elas são sempre responsáveis por atravessar suas fronteiras a um estado desordenado do ser, e por esta razão são vistas como altamente perigosas.

Observando a colocação da autora, consideramos que o comportamento das Amazonas não é surpreendente se pensarmos que, antes de tudo, elas são mulheres. Naturalmente inclinadas, do ponto de vista dos antigos gregos, a comportamentos que fogem à norma estabelecida para a elite grega, o que mantém as mulheres sob controle é o casamento e uma forte presença masculina que também esteja de acordo com as normas sociais helênicas. Penrose Jr. (2016) nos atenta ao fato de, muitas vezes, caracterizarmos as concepções de gênero na Grécia a partir de um ponto de vista ateniense. Outras cidades gregas poderiam apresentar concepções diferentes, mas Diodoro Sículo não parece fugir da interpretação mais comumente utilizada acerca das concepções de gênero gregas. Em outras palavras, a noção geral de que o espaço doméstico e o casamento são reservados às mulheres, todavia as esferas pública e militar são designadas aos homens.

Assim, concluímos que as Amazonas possuem os comportamentos apresentados acima em Diodoro Sículo justamente pelo fato de serem mulheres bárbaras. Além do feminino pressupor fronteiras internas à ordem grega, de forma que a mulher se apresenta como um *outro*, as Amazonas cruzam ainda outra fronteira: elas são bárbaras. Não educadas nos costumes gregos, compreendemos que Diodoro Sículo percebe que é muito mais provável que a barbaridade do feminino se expresse em um contexto de além da fronteira, de maneira que atinja a proporção que têm as Amazonas. Ou seja, a negação do casamento e a negligência da maternidade, a ocupação de papéis políticos, a participação predominante no serviço militar, a subjugação de homens e a extensa conquista territorial, tudo isso acontecendo ao mesmo tempo, é algo que só se desenvolve plenamente nas mãos das Amazonas porque elas são mulheres bárbaras.

Nesse interim, uma de suas principais características em Diodoro Sículo é a forma de governar, conhecido por ginecocracia, ou seja, governo dominado por mulheres. O autor deixa clara sua visão acerca dela quando se refere a destruição do povo pelas mãos de Hércules, enfatizando que o herói, como benfeitor (εὐεργέτης / euergetés), não poderia tolerar povos ginecocratas (DIOD. SIC., III, 55, 3). Logo, a ginecocracia se apresenta como um modo de governo degenerado que precisa ser banido da οἰκουμένη / oikouménē.

A **Biblioteca Histórica** é dotada de um forte caráter moralizante. Com tal característica, apresentar bons e maus exemplos de personagens históricos é a maneira que Diodoro Sículo utiliza para educar a sua audiência por meio da História (DIOD. SIC., I, 1-2). Nos seis primeiros livros da obra, que dizem respeito à narrativa mítica, Diodoro nos mostra diversos exemplos de bons e maus líderes. Dentre eles, destacam-se narrativas mais longas acerca de seis deles: Osíris, Sesosis, Semíramis, Mirina, Dioniso e Hércules. Alguns representantes são classificados por Charles Muntz (2017) como *culture bringers* (trazedores de cultura), sendo eles Osíris, Dioniso e Hércules, cultuados como deuses durante a vida, e recebem honras imortais após a morte.

Assim, nosso foco recai sobre por qual motivo alguns deles são deificados e outros não, como é o caso de Sesosis, Semíramis, Mirina e mesmo Alexandre, mais adiante no Livro XVII. Considerando que Mirina é uma das rainhas das Amazonas, povo ginecocrata, faz-se necessário analisar seus feitos em comparação aos dos personagens antes citados, contextualizando as Amazonas na narrativa de Diodoro Sículo e compreendendo suas visões acerca desse modo de domínio, a ginecocracia.

Com a narração dos feitos da rainha Mirina (DIOD. SIC., III, 54-55), o Diodoro explora mais detalhadamente o caráter conquistador das Amazonas, que é explicitado sempre que ele

trata sobre essas mulheres. Com um exército de 33 mil mulheres, sendo que 3 mil delas a cavalo, vestidas com “peles de grandes serpentes” (ὄφρων μεγάλων δοραῖς) e portando espadas, lanças e arcos, atacaram o território dos Atlantes em Cerne, invadindo a cidade, matando os homens e escravizando mulheres e crianças. Aterrorizados, os Atlantes entregaram suas cidades e se submeteram.

Mirina, comportando-se benevolmente [ἐπιεικῶς / epieikós], estabeleceu amizade com eles e fundou uma cidade com seu próprio nome no lugar da arrasada; estabeleceu nela os prisioneiros e os nativos que quiseram. Depois disso, os atlantes a presentearam com magníficos presentes, e votaram a ela publicamente honras notáveis, ao que ela aceitou sua amabilidade e prometeu que favoreceria [εὐεργετήσσειν / euergetésein] o povo (DIOD. SIC., III, 54, 5-6)<sup>8</sup>.

Retomamos aqui nosso destaque no primeiro capítulo, da importância do comportamento moderado e da benfeitoria na atitude dos governantes. Observamos que em relação as Amazonas esta é a única ocasião em que Diodoro Sículo utiliza esses dois conceitos, ἐπιείκεια / epieíkēia e εὐεργεσία / euergesía para se referir a uma de suas rainhas, o que demonstra um apreço por esta atitude de Mirina em relação aos seus súditos.

Como as Górgonas costumavam atacar os Atlantes, as Amazonas, lideradas por Mirina, lutaram contra elas e foram vitoriosas. A partir daí, a rainha saiu com sua expedição pela Líbia em direção ao Egito, guerreou com os árabes e conquistou a Síria, ao que os cilícios se submeteram voluntariamente. Conquistaram ainda os povos em torno do Tauro e através da Frígia até o mar, conquistando a costa e estabelecendo o limite da missão no rio Caico. Mirina fundou diversas cidades, dentre elas, a cidade de Mitilene na ilha de Lesbos, nomeada a partir de sua irmã (DIOD. SIC., III, 55, 1-7). Sua expedição foi finalmente encerrada quando confrontada pelo trácio Mopso e o cita Sípilo, que guerrearam contra as Amazonas, resultando na morte da rainha Mirina e no retorno delas para a Líbia (DIOD. SIC., III, 55, 10-11).

Passamos, então, para a descrição dos feitos de Sesosis<sup>9</sup>, rei do Egito, estabelecendo as primeiras comparações e prosseguindo com a análise. Segundo Diodoro Sículo, Sesosis teve uma educação guerreira desde a infância, e conquistou a Arábia e a Líbia sob o comando de seu pai. Quando se tornou rei, decidiu conquistar toda a οἰκουμένη / oikouméne (DIOD. SIC., I, 53, 2-8), procurando boa vontade (εὐνοία / eunoia) entre os egípcios para que o povo

<sup>8</sup> Μύριναν ἐπιεικῶς αὐτοῖς προσενεχθεῖσαν φιλίαν τε συνθέσθαι καὶ πόλιν ἀντὶ τῆς κατασκαφείσης ὁμώνυμον ἑαυτῆς κτίσαι: κατοικίσει δ' εἰς αὐτὴν τοὺς τε αἰχμαλώτους καὶ τῶν ἐγχωρίων τὸν βουλούμενον. μετὰ δὲ ταῦτα τῶν Ἀτλαντίων δῶρά τε μεγαλοπρεπῆ δόντων αὐτῇ καὶ τιμὰς ἀξιολόγους κοινῇ ψηφισαμένων, ἀποδέξασθαι τε τὴν φιλανθρωπίαν αὐτῶν καὶ προσεπαγγείλασθαι τὸ ἔθνος εὐεργετήσσειν.

<sup>9</sup> Em Heródoto (II, 102-110), Sesóstris. Diodoro Sículo provavelmente utilizou Heródoto para compor sua narrativa sobre Sesosis.

fosse incondicionalmente fiel a ele (DIOD. SIC., I, 54, 1). Assim, distribuiu riquezas e terras, realizou a remissão de castigos e, depois de distribuir o território em trinta e seis nomos com administradores próprios, partiu para uma expedição com um exército de quase 700 mil homens entre infantaria, cavalaria e carruagens (DIOD. SIC., I, 54, 2-5).

Sesoosis conquistou os etíopes e estabeleceu tributo sobre eles, atravessando o Mar Vermelho com quatrocentos navios, conquistou as ilhas e a costa até a Índia, bem como toda a Ásia, sobre a qual marchou com suas forças a pé (DIOD. SIC., I, 55, 1-2). “Não só alcançou o território conquistado mais tarde por Alexandre da Macedônia, mas também o de algum dos povos cujo território não alcançou” (DIOD. SIC., I, 55, 3-4)<sup>10</sup>.

A expedição, porém, teve fim na Trácia pelas condições do terreno e pela falta de alimento. Fixando os limites de suas conquistas, Sesoosis demarcou os lugares conquistados com uma estela “dotada de órgãos sexuais de homens em povos belicosos, mas de mulheres nos povos ignóbeis e covardes, acreditando que, pelo membro principal, a disposição da mente de cada um seria muito evidente para a posteridade” (DIOD. SIC., I, 55, 8)<sup>11</sup>. Segundo Diodoro, Sesoosis comportou-se equitativamente (ἐπιεικῶς / epieikós) com aqueles que foram submetidos, e voltou ao Egito com escravos e saques, presenteando os soldados valentes e fazendo grandes oferendas nos templos, beneficiando todo o Egito de alguma forma (DIOD. SIC., I, 55, 10-12). Sesoosis dedicou o resto de sua vida a erguer templos, de forma que fosse lembrado eternamente, utilizando os escravizados para os trabalhos (DIOD. SIC., I, 56, 2). Depois de construir fortificações, canais e outras grandes obras (DIOD. SIC., I, 57), Sesoosis deu fim à própria vida, após ter reinado trinta e três anos e ficado cego (DIOD. SIC., I, 58, 3).

Assim como Sesoosis, Mirina parte do Ocidente em direção ao Oriente com desejo de conquista, e podemos observar que as vitórias do primeiro são consideravelmente mais extensas que as da segunda, assim como o tamanho dos exércitos. A trajetória de ambos os governantes é semelhante, apesar de os feitos de Sesoosis serem mais destacados por Diodoro do que os de Mirina. É importante observar que ambos são elogiados pelo autor com o uso do termo ἐπιείκεια / epieíkēia e que ambos são benfeitores (εὐεργέτης / euergetés). No entanto, eles são, antes de tudo, conquistadores. Sesoosis foi além das conquistas de Alexandre, mas suas grandes

<sup>10</sup> οὐ μόνον γὰρ τὴν ὕστερον ὑπ’ Ἀλεξάνδρου τοῦ Μακεδόνοιο κατακτηθεῖσαν χώραν ἐπῆλθεν, ἀλλὰ καὶ τινὰ τῶν ἔθνῶν ὧν ἐκεῖνος οὐ παρέβαλεν εἰς τὴν χώραν.

<sup>11</sup> A referência também está presente em Heródoto (II, 102), que coloca que, nas regiões facilmente dominadas, Sesóstris marcava as estelas com inscrições e representações de órgãos sexuais de mulher. Não se refere a representação de órgãos masculinos nas regiões belicosas.

ἔχουσαν αἰδοῖον ἐν μὲν τοῖς μαχίμοις ἔθνεσιν ἀνδρός, ἐν δὲ τοῖς ἀγεννέσι καὶ δειλοῖς γυναικός, ἀπὸ τοῦ κυριωτέρου μέρους τὴν διάθεσιν τῆς ἐκάστων ψυχῆς φανερωτάτην τοῖς ἐπιγινόμενοις ἔσεσθαι νομίζων.



construções deixadas para o Egito não foram o suficiente para que ele fosse divinizado. Mirina construiu diversas cidades, mas de mesma forma não se tornou uma deusa. Diodoro deixa claro que Sesosis escravizou povos, o que significa que, aos olhos dos escravizados, ele não foi um bom governante. E Mirina, como rainha das Amazonas, retirava os direitos políticos e militares dos homens de seu povo.

Diodoro deixa claro o que pensa sobre o masculino e o feminino ao falar sobre as estelas de Sesosis em formato de órgãos sexuais: os povos belicosos são vistos como masculinos, enquanto os povos covardes são humilhados com a atribuição do órgão sexual feminino. As Amazonas, nesse sentido, têm um comportamento belicoso, masculino. Veremos agora qual o comportamento ideal de uma mulher governante ao analisarmos Ísis e Osíris.

Segundo Diodoro, Osíris foi um rei egípcio que foi deificado após a morte e cultuado como um deus no Egito, juntamente com sua esposa e irmã Ísis. Ainda segundo o autor, Osíris é chamado Dioniso pelos gregos e Ísis é chamada Deméter. Em um estágio inicial do desenvolvimento da humanidade, Ísis descobre o trigo e a cevada e seu marido descobre o cultivo dessas plantas, mudando a dieta do Egito (DIOD. SIC., I, 14, 1). Ísis cria ainda leis para regular a vida na sociedade (DIOD. SIC., I, 14, 3) e Osíris institui cultos religiosos (DIOD. SIC., I, 15, 3-4), descobre o cultivo da vinha, desenvolve a produção de vinho (DIOD. SIC., I, 15, 8) e cria uma língua comum, bem como a escrita, a astronomia, a música e a oliveira (DIOD. SIC., I, 16). Podemos dizer que Osíris e Ísis instituem uma vida organizada em sociedade quando os seres humanos viviam “em uma vida indisciplinada e selvagem” (ἐν ἀτάκτῳ καὶ θηριώδει βίῳ) (DIOD. SIC., I, 8, 1). Osíris formou um exército para viajar o mundo habitado (οἰκουμένη / oikouméne) e ensinar a agricultura, de forma a iniciar os seres humanos na vida civilizada (ἡμέρου / hemérou) e receber honras imortais pelo benefício (εὐεργεσίας / euergeσίας). E foi assim que, segundo o autor, aconteceu (DIOD. SIC., I, 17, 1-2).

Desse modo, após deixar o Egito sob o poder de Ísis e como seu conselheiro Hermes, e ter deixado Hércules como general do território (DIOD. SIC., I, 17, 3), Osíris partiu em direção à Etiópia, seguindo para a Arábia e depois para a Índia, passando por outros povos da Ásia em direção à Europa, onde esteve na Trácia e na Ática. Percorreu toda a οἰκουμένη / oikouméne, favorecendo (εὐεργετῆσαι / euergetésai) a todos. “E, pela magnitude de suas boas ações [εὐεργεσιῶν / euergeσίῳ], recebeu imortalidade unânime de todos e uma honra como as dos

celestiais. Depois disso, convertido de homem para deus, obtive de Ísis e Hermes sacrifícios e outras honras muito ilustres” (DIOD. SIC., I, 20, 3-6)<sup>12</sup>.

Ísis, depois da morte do marido pelas mãos de Seth (Tifão, para Diodoro) e sua busca pelas partes do corpo de Osíris (DIOD. SIC., I, 21), nas palavras do historiador,

prometeu não aceitar mais sua união com nenhum homem e passou o tempo restante de sua vida reinando com muita justiça e superando todos em boas ações [εὐεργεσίας / euergeisais] para os governados. Da mesma forma, se apartando os homens, ela também obteve honras imortais (DIOD. SIC., I, 22, 1-2)<sup>13</sup>.

Assim, percebemos que o ponto chave, para adquirir a glória imortal, de acordo com Diodoro Sículo, é ser um εὐεργέτης / euergetes (benfeitor). No entanto, Muntz (2017, p. 150) nos lembra que “seus trazedores de cultura precisam trazer seus benefícios para toda a humanidade, não apenas para algumas cidades, ou seu próprio reino, ou uma pequena parte do globo”. Desta forma, torna-se mais claro por que Mirina e Sesosis não são dignos de uma glória imortal. Apesar de fundar cidades e beneficiar os Atlantes, o propósito de Mirina é a conquista, não a intenção de beneficiar toda a humanidade. Sesosis, da mesma forma, busca dominar toda a οἰκουμένη / oikouménē, escravizando os povos conquistados no processo. Por outro lado, Osíris e Ísis espalham a agricultura pela οἰκουμένη / oikouménē, dentre outras invenções que são úteis para toda a humanidade e beneficiam a todos.

Outra pista que Diodoro Sículo nos fornece é a atitude de Ísis enquanto mulher governante do Egito, assistida por um conselheiro indicado por seu marido. Além disso, ela se mostra enquanto esposa dedicada e benevolente com seus súditos, o que acaba por reforçar a discrepância entre ela e Mirina, governante expedicionária e conquistadora. Nesse sentido, Diodoro parece demonstrar que há um espaço para mulheres no poder, desde que sob determinadas condições. Penrose Jr. (2016, p. 10) parece se equivocar quando coloca que, para os gregos, qualquer governo encabeçado por uma mulher constitui uma ginococracia. O problema não parece estar em uma liderança feminina *a priori*, mas na forma como essa liderança exerce o seu poder. Sumariamente descartar os homens da esfera pública e das guerras é uma atitude ginococrata e, portanto, inaceitável. Outras condutas condenáveis do exercício do poder real por mulheres podem ser observadas na rainha Semíramis da Babilônia.

<sup>12</sup>καὶ διὰ τὸ μέγεθος τῶν εὐεργεσιῶν συμπεφωνημένην λαβεῖν παρὰ πᾶσι τὴν ἀθανασίαν καὶ τὴν ἴσιν τοῖς οὐρανίοις τιμῇν.  
μετὰ δὲ ταῦτ' ἐξ ἀνθρώπων εἰς θεοὺς μεταστάντα τυχεῖν ὑπὸ Ἰσιδος καὶ Ἑρμοῦ θυσιῶν καὶ τῶν ἄλλων τῶν ἐπιφανεστάτων τιμῶν.

<sup>13</sup>ὁμόσαι μηδενὸς ἀνδρὸς ἔτι συνουσίαν προσδέξασθαι, διατελέσαι δὲ τὸν λοιπὸν τοῦ βίου χρόνον βασιλεύουσιν νομιμώτατα καὶ ταῖς εἰς τοὺς ἀρχομένους εὐεργεσίας ἅπαντας ὑπερβαλλομένην. ὁμοίως δὲ καὶ ταύτην μεταστᾶσαν ἐξ ἀνθρώπων τυχεῖν ἀθανάτων τιμῶν.

Diodoro Sículo dedica dezesseis capítulos do livro II à narrativa de Semíramis, começando com seu nascimento. A futura rainha seria filha da deusa síria Dérceto, e tendo sido exposta (abandonada na natureza) pela mãe, foi alimentada por pombas, até ser encontrada por um pastor que a criou. Quando estava em idade de se casar, sendo uma jovem muito bela, um intendente do rei desposou-a. Ones, o esposo de Semíramis, foi escravizado por ela, segundo Diodoro, e não fazia nada sem consultá-la antes (DIOD. SIC., II, 5, 2).

Nino, o rei da Assíria, fundador de Nínive, empreendeu então uma campanha contra a Bactria. Como o cerco à terra dos bactrios já durava meses, Ones mandou buscar a esposa. Semíramis viajou vestida de forma que não era possível identificar se era um homem ou uma mulher (DIOD. SIC., II, 6, 6). Segundo Diodoro, o vestido que ela usava era tão confortável e permitia a liberdade de movimentos que continuou sendo utilizado pelos medos e persas posteriormente. Assim, o autor atribui a origem de uma vestimenta comum entre determinados povos, e vista como andrógina pelos gregos, à engenhosidade de Semíramis. Quando chegou à Bactria, Semíramis pôs fim ao cerco, escalando as muralhas com o exército e conquistando a cidade. Nino ficou impressionado com a façanha, encheu-a de presentes e apaixonou-se por ela. Propôs a Ones que entregasse Semíramis a ele, e o rei daria sua filha no lugar. Como o esposo recusou, o rei ameaçou arrancar-lhe os olhos e, assim, Ones cedeu. Semíramis, a partir daí, tornou-se rainha.

Com Nino, a rainha teve um filho chamado Nínias e, após a morte do marido, tornou-se uma rainha ambiciosa, regente do filho. Construiu a cidade da Babilônia, fortificada e lindamente adornada, bem como um palácio para si, que dominava ambas as margens do rio Eufrates. Mandou construir ainda um túnel sob o rio ligando os dois lados do palácio, para que pudesse se deslocar sem atravessar o rio. Ergueu um grandioso templo a Zeus (possivelmente Marduk), com estátuas de Reia e Hera. Segundo Alàsa (2001, p. 342), esse templo seria o zigurate de Etemenanki, identificado como a Torre de Babel. Diodoro credita à Semíramis também a construção dos Jardins Suspensos da Babilônia. Além das obras grandiosas realizadas durante a construção da cidade da Babilônia, Semíramis teria construído outras cidades e monumentos por toda a região de seu império, e empreendido uma campanha militar contra a Média. Prosseguiu até o Egito, onde consultou o oráculo de Amon, profetizando que ela desapareceria do mundo e receberia honras imortais entre alguns povos (DIOD. SIC., II, 14, 3). Depois de ter conquistado partes da Líbia e da Etiópia, ela empreende uma guerra contra a Índia, que acaba perdendo. Eventualmente, Nínias preparou uma conspiração contra sua mãe. Quando ficou sabendo, ela entregou o reino ao filho e desapareceu, transformando-se em pomba. Segundo Diodoro Sículo, é por isso que em seus dias a pomba é sagrada para os assírios

(DIOD. SIC., II, 20, 2). Após sua morte, seu filho Nínias, ao contrário de Semíramis, que era dada à guerra e à grandiosidade, viveu uma vida luxuriosa, escondido em seu palácio.

Nesse sentido, devemos estabelecer uma relação entre as narrativas acima expostas: a de Mirina, Ísis e Semíramis. Podemos perceber que, em comum, Mirina e Semíramis possuem ambições conquistadoras. São mulheres guerreiras. O fato de Diodoro dedicar uma longa narrativa à Semíramis e, especialmente, atribuir a ela feitos de outros reis mesopotâmicos como Nabucodonosor, demonstra que o poder daquela mulher impressionava o autor e, provavelmente, despertava sua admiração. É certo que Diodoro também estava ciente de outras mulheres poderosas ao longo da história e em sua contemporaneidade, destacadamente Cleópatra VII, no Egito, onde ele viveu e acompanhou de perto as reviravoltas da dinastia ptolemaica no século I a.C., com a presença de mulheres ambiciosas como as irmãs de Cleópatra, que disputaram o poder com o pai e entre si.

Acreditamos que Diodoro possuía entendimento e capacidade de aceitação de mulheres guerreiras e de rainhas, porque, apesar de não ser algo tão comum quanto homens reis e guerreiros ao longo da Antiguidade, era recorrente e presente na história. Não parece incomodar o autor que existam mulheres corajosas que peguem em armas ou mulheres poderosas que assumem cargos políticos, ou mesmo mulheres que combinam as duas atividades, guerra e política. Alguns exemplos são a rainha dos sacas, Zarina, citada no capítulo anterior quando tratamos do livro II, as mulheres guerreiras na etiópia, citadas brevemente no livro III, as Mênades que acompanham Dioniso nos livros III e IV, Ada, rainha da Cária, e Taís, que vingou Atenas incendiando Persépolis. Nenhuma dessas mulheres é descrita com termos pejorativos ou são feitos julgamentos explícitos como é a ginecocracia das Amazonas. Assim, percebemos que o autor certamente enxerga um limite para o poder dessas mulheres. Onde há uma mulher guerreira, há um homem que falhou em seu papel como marido. Percebemos isso no caso de Semíramis. Seu primeiro esposo era submisso a ela, e ela assume uma postura conquistadora após tornar-se viúva de Nino.

As mulheres em Diodoro Sículo que assumem papéis na guerra são virgens, viúvas, ginecocratas ou não têm uma presença masculina. Quando há um homem, ele possui características afeminadas. Podemos compreender Semíramis como uma ginecocrata, especialmente, pelo destino de seu filho Nínias que, claramente, de acordo com as palavras de Diodoro, vive uma vida luxuosa e de privilégios. As Amazonas mutilam os seus homens e retiram deles os direitos políticos. A ginecocracia implica na emasculação do homem. E é este o problema para o historiador, de acordo com o nosso entendimento. Ísis, por outro lado,

governa de forma exemplar e é honrada como deusa após a sua morte porque concedeu diversos benefícios aos egípcios, como a agricultura, as leis e o culto a Osíris.

Não é um problema para Diodoro uma mulher assumir um papel ativo como governante e beneficiar ao seu povo e, principalmente, a humanidade. Beneficiar a humanidade é estimulado pelo autor, independente do sujeito ser homem ou mulher. Mas percebemos a importância do comportamento moderado. Para as mulheres, de acordo com Diodoro, entendemos que o comportamento moderado é não faltar com o respeito ao homem que está acima dela, acatando o seu papel como esposa e mãe, e assumindo com seriedade e dignidade as atribuições do marido em sua ausência. Ou seja, A mulher não precisa necessariamente se calar e passar o tempo todo em seus aposentos fiando, alheia ao mundo exterior e ignorante do que se passa em torno dela. Não percebemos em Diodoro nenhuma imposição nesse sentido.

A mulher possui a liberdade para também buscar o status divino, contanto que ela assuma com consciência e moderação o papel social que lhe é atribuído – de mãe e esposa –, sem buscar rebaixar o homem que está ao seu lado nesse processo, caso seja necessário atuar como governante ou guerreira. Parece que, para Diodoro, o homem possui uma importância maior do que a mulher e, portanto, é um crime condenável pela História que uma mulher tenha a audácia de rebaixá-lo e escravizá-lo. Da mesma forma, é condenável que um homem não tenha a força necessária e se permita ser escravizado por ela. Os maiores exemplos que o autor nos apresenta são de mulheres e homens bárbaros, levando-nos a entender que Diodoro compreende essa inversão de papéis como algo comum no espaço de barbaridade, mas isso não impede que possa acontecer no mundo greco-romano, e por isso tais histórias estão presentes para alertar o leitor.

É interessante observar ainda alguns elementos presentes nos deuses, os principais para Diodoro são Dioniso e Hércules. Descrevemos em detalhes os mitos de ambos segundo o autor no capítulo 2, e partimos diretamente para a análise proposta. Assim, para se tornar um deus é necessário beneficiar toda a οἰκουμένη / oikouméne, não apenas ser um conquistador ou beneficiar os povos conquistados. Observamos o caso de Sesosis, que apesar de ter sido um grande rei benfeitor e ter sido honrado pelos súditos por tudo o que conquistou, ainda assim pode ser caracterizado mais como um conquistador do que um *culture bringer*. Para Diodoro não é necessário conquistar, mas levar benefícios para esses lugares, por onde for possível colocar os pés. É o caso de Dioniso e Hércules.

Dioniso se destaca pelo cultivo da vinha, a invenção do vinho e a criação do teatro e das artes, tendo espalhado essas boas descobertas por todos os lugares. Hércules é notável por livrar a οἰκουμένη / oikouméne de feras e reis tirânicos, destacando-se como um guerreiro de grande

coragem. Ambos são figuras com características diferentes, sendo Dioniso descrito por Diodoro como efeminado, enquanto Hércules parece performar uma masculinidade ideal. De qualquer forma, ambos são dignos de serem deificados em vida e imortalizados após a morte. É marcante como as tendências efeminadas de Dioniso o tornam inclinado a se aproximar de mulheres guerreiras. Segundo Diodoro, ele era cercado de mulheres armadas com lanças em forma de tirso (DIOD. SIC., IV, 4, 2). Essas mulheres puniam aqueles que tratavam Dioniso com arrogância. Assim, podemos observar como comportamentos destoantes dos padrões de gênero se encontram relacionados: mulheres guerreiras e homens afeminados, representando uma inversão. Como já apontamos anteriormente, acreditamos que o exercício militar e político pelas mulheres não seja necessariamente um problema para Diodoro desde que elas possuam um homem ao lado para limitá-las, como é o caso de Dioniso, sob o qual as Mênades estão submetidas.

No Livro III, enquanto narra o mito de Dioniso de acordo com os líbios, Diodoro menciona a participação das Amazonas no exército que enfrentou os titãs, conforme o capítulo 2 desta Dissertação. As Amazonas teriam aceitado participar por se identificarem com Atena (DIOD. SIC. III, 71, 3-4). Essa, por sua vez, é descrita por Diodoro no capítulo 70, logo antes de tratar das Amazonas, teria sido a guardiã de Dioniso quando seu pai, Amon, teria o escondido da esposa Reia em uma caverna em Nisa. Atena é caracterizada como uma mulher que decidiu se manter virgem, descobriu as artes – é possível que ele esteja se referindo à tecelagem, a qual Atena é relacionada – e se dedicou também à guerra, derrotando o monstro Égide e usando sua pele sobre o peito. Notamos que de acordo com o mito de Atena a Égide é o escudo onde está presa a cabeça da górgona Medusa. Para Diodoro, górgonas são mulheres guerreiras, Medusa foi uma de suas rainhas, e Égide é um monstro destruído pela deusa Atena e ostentado por ela.

É interessante observar que, enquanto as outras narrativas de Diodoro sobre as Amazonas as colocam em um lugar de oposição aos heróis gregos, ou sendo caracterizadas como ginocratas em um sentido negativo; quando elas estão lutando ao lado de Atena, assumem uma conotação positiva. Entendemos e reforçamos novamente que, para Diodoro, o maior defeito das Amazonas é a ginocracia, a inversão de papéis em que os homens são escravizados por elas. Mais uma vez, notamos a ausência de uma presença masculina quando há uma mulher guerreira, já que Atena é virgem. Nesse sentido, podemos compreender que, para Diodoro Sículo, a virgindade (*παρθενία* / *parthenías*) e a valentia (*ἀνδρεία*<sup>14</sup> / *andreía*) são características passíveis de aceitação em uma mulher. Atena, afinal de contas, descobridora das

---

<sup>14</sup> Apesar de *ἀνδρεία* ser um atributo de virilidade vinculado ao masculino, veremos adiante neste capítulo que esse termo também se aplicava a algumas mulheres, podendo ser traduzido por valentia ou bravura.

artes e matadora de monstros, concede um grande benefício para a οἰκουμένη / oikouménē e, apesar de Diodoro não deixar claro que ela é deificada após a morte, é um fato claro em seu tempo, já que Atena é uma das principais deusas do panteão grego. Vera Lúcia Pereira (2009, p. 75) entende a virgindade de Atena como um atributo combinando pureza e sabedoria, enquanto a deusa Ártemis – outra deusa associada às Amazonas – possui em sua virgindade um caráter característico da natureza selvagem e intocada. Acreditamos que a virgindade das Amazonas está mais alinhada com a noção da natureza, também compreendida como esfera do feminino e do bárbaro, formando um conjunto.

Ainda assim, percebemos como esses atributos de virgindade e valentia são importantes para Diodoro. As Amazonas, para o autor, não possuem uma conotação inteiramente negativa nem totalmente positiva. Sua valentia, sua proeza na guerra e sua pureza de corpo são dignas de apreciação, e essas mulheres são elevadas a ponto de terem a honra de serem inimigas a altura dos heróis. Elas não são facilmente derrotadas, concedendo batalhas grandiosas e motivo para orgulho quando são vencidas. Hércules, Aquiles, Teseu são homens que venceram as Amazonas, e isso não significa pouco. Da mesma forma, ser bárbaro não necessariamente possui uma conotação negativa para Diodoro. Os egípcios são altamente estimados pelo autor, e seus reis e rainhas deificados são usados como grandes exemplos. É o comportamento efeminado nos homens que é visto como negativo pelo autor. Para alguém que preza tanto pela moderação, uma mulher que busca dominar um homem e assumir seu papel, e um homem que se permite ser emasculado por uma mulher e dominado por ela, esses são sinais de falta de benevolência para com o outro. Mulheres belicosas e homens efeminados andam juntos, em um sinal de inversão de papéis sociais que entendemos como não recomendável pelo autor.

O exemplo das Musas mencionadas no capítulo 2, deste trabalho, e presentes no Livro IV da **Biblioteca Histórica** também traz aspectos interessantes da divinização da mulher e da relação com a virgindade. Diodoro Sículo não nega a inteligência e o talento às mulheres. Encontramos a fragilidade feminina presente em sua obra, mas não a falta de engenhosidade e intelecto. Todas as nove Musas são muito bem-educadas em todo o tipo de artes e ciências, e credita-se a elas o ensinamento dessas artes aos homens que não as conheciam. Segundo Diodoro, alguns autores presumem que elas são virgens “porque consideram que as virtudes adquiridas graças à educação são incorruptíveis [ἀφθόρους / afthórous]” (DIOD. SIC., IV, 7, 3)<sup>15</sup>. As mulheres mais dignas, para Diodoro, são as boas esposas cultas e responsáveis, ou aquelas que adquirem grandes dons mantendo-se virgens. As Amazonas são elogiáveis por sua

---

<sup>15</sup> διὰ τὸ τὰς κατὰ τὴν παιδείαν ἀρετὰς ἀφθόρους δοκεῖν εἶναι.

valentia, mas diferem de Atena, das Musas e de Ísis, por cometerem excessos contra os homens de seu povo. Não percebemos comportamentos ofensivos aos homens nas deusas citadas acima, mas os identificamos nas Amazonas e em Semíramis, quando os escravizam.

Para compreender o mito das Amazonas em Diodoro Sículo a partir de uma perspectiva centrada nos estudos de gênero, devemos pensar o feminino e o masculino não apenas em relação às mulheres Amazonas, mas de forma relacional. De forma geral, as Amazonas são descritas pelos autores gregos da Antiguidade como um povo formado somente por mulheres. Esse é justamente o motivo pelo qual Estrabão (**Geografia**, XI, 5, 3) não acredita que as histórias contadas sobre elas sejam reais, pois é difícil crer que uma tribo de mulheres fosse capaz de se organizar e se aventurar em expedições militares sem a participação de homens. Talvez para tornar seu relato mais convincente, ou talvez porque Diodoro Sículo acreditava nesse fato – ou estava simplesmente seguindo suas fontes –, o autor descreve as Amazonas como um povo composto por homens e mulheres. Assim, faz-se necessário analisar elementos de gênero no que diz respeito também aos homens Amazonas.

Inicialmente, entre as Amazonas do Termodonte, os homens exerciam a atividade militar (DIOD. SIC., II, 45, 1). No entanto, foram escravizados por uma das rainhas de seu povo e designados “[a]os trabalhos de fiar e [a]os ofícios das mulheres nas casas” (DIOD. SIC., II, 45, 2)<sup>16</sup>. Como já descrito anteriormente, as mulheres mutilavam os filhos homens recém-nascidos para torná-los inúteis ao serviço bélico (DIOD. SIC., II, 45, 3). Os homens entre as Amazonas de Héspera, por sua vez, “não participavam das expedições, dos cargos públicos, nem da liberdade de fala nos assuntos públicos que lhes pudesse servir de orgulho para rebelar-se contra as mulheres” (DIOD. SIC., III, 53, 2)<sup>17</sup>. Assim, suas atividades incluíam criar os filhos e alimentá-los com leite e outros alimentos cozidos (DIOD. SIC., III, 53, 3).

A partir de nossa abordagem interseccional entre gênero e identidade cultural, compreendemos a construção que Diodoro Sículo faz dos homens Amazonas como intimamente relacionada à feminilidade do bárbaro. Esta ideia se torna mais clara quando observamos o que é colocado pela historiadora Semíramis Corsi Silva (2018) sobre o imperador romano Heliogábalo. A Professora analisa de forma interseccional as representações desta personagem histórica no que diz respeito ao gênero, ao *status* social e a identidade cultural. Heliogábalo era de origem síriaca, ou seja, bárbara, assim como as nossas Amazonas da Cítia

---

<sup>16</sup> τὰς θαλασσιουργίας καὶ τὰς τῶν γυναικῶν κατ’ οἴκου ἐργασίας.

<sup>17</sup> μὴ μετέχειν δ’ αὐτοὺς μήτε στρατείας μήτ’ ἀρχῆς μήτ’ ἄλλης τινὸς ἐν τοῖς κοινοῖς παρρησίας, ἐξ ἧς ἔμελλον φρονηματισθέντες ἐπιθήσεσθαι ταῖς γυναιξί.



e da Líbia. “Como imperador, ele deveria ser aquele de mais alta dignidade (*dignitas*), o mais virtuoso (o *uir* romano por excelência)” (SILVA, 2018, p. 160). No entanto,

Heliogábalo se vestia e se maquiava como povos medos e fenícios que, por sua vez, se assemelhavam às mulheres nesse sentido; dançava de maneira bárbara, também feminina; objetivava a emasculação, característica de cultos orientais como os cultos à deusa Cibele da Frígia e Atargátis da Síria (e, ao que os textos parecem indicar, ao próprio deus Elagabal de Emesa); sua dinastia, de origens também orientais, tinha a forte participação de mulheres no poder, influenciando diretamente os imperadores, fazendo coisas consideradas pelos gregos e romanos como próprias de homens, desde Júlia Domna até Júlia Mamea (SILVA, 2018, p. 161).

Todas essas características contribuem para a construção, por autores gregos e romanos, de uma visão negativa sobre o imperador Heliogábalo. Percebemos, por meio desse exemplo, portanto, que os costumes de alguns povos bárbaros, especialmente aqueles do Oriente, eram entendidos como femininos. Por outro lado, a presença de um papel mais ativo das mulheres bárbaras em suas sociedades, em relação ao comportamento esperado das atenienses e romanas, por exemplo, provavelmente passava a impressão de que homens como Heliogábalo eram submissos e, assim, sua masculinidade era de certa forma anulada (SILVA, 2018, p. 161). O mesmo parece ocorrer no caso das Amazonas.

Autores gregos, como Ésquilo em a **Oresteia**, demonstram como homens podem ser emasculados por mulheres mais fortes. Segundo Penrose Jr. (2016), Clitemnestra se apresenta enquanto uma personagem masculina, invertendo os papéis de gênero e se vingando de Agamemnon pelo sacrifício de sua filha Ifigênia a Ártemis. Por outro lado, seu amante Egisto aparece como efeminado, como covarde, por permitir que Clitemnestra cometa a vingança, direito este reservado somente aos homens. Entendemos que a situação das Amazonas em relação aos seus homens é análoga. Os homens bárbaros, por não serem educados na cultura grega, não são vistos tendo a mesma disposição que os primeiros. Da mesma forma, demonstramos no capítulo 2, a partir do texto **Ares, águas e lugares**, como se entendia os asiáticos como efeminados e fracos por causa do clima e do governo despótico. Assim, a barbaridade do feminino que já é intrínseca às mulheres, torna-se ainda mais destacada quando imersa em uma cultura em que seus homens são efeminados.

Desta forma, as Amazonas são capazes de recusar o casamento e a maternidade, instaurar uma ginococracia, excluir seus homens da vida pública e do serviço militar, escravizá-los e até mesmo mutilá-los. Retomamos a autora Lorna Hardwick (1990, p. 20), a qual demonstra, para Lísias, que a reputação das Amazonas cresce sobre homens inferiores. Quando elas se confrontam com os atenienses são finalmente derrotadas. Assim, consideramos como

elemento chave para a compreensão das Amazonas em Diodoro Sículo, a feminilidade do bárbaro que permite que as Amazonas se tornem tão poderosas na Ásia.

Nesse sentido, podemos perceber alguns movimentos acontecendo. As Amazonas possuem intrinsecamente a barbaridade do feminino. No momento em que os homens convivem com elas são bárbaros e, portanto, não educados nos padrões normativos gregos de gênero, a barbaridade do feminino possui terreno fértil para se desenvolver. É nessa situação que a feminilidade do bárbaro se acentua e se transforma em um ciclo: quanto mais poderosas, guerreiras e conquistadoras as mulheres se tornam, mais efeminados os homens se parecem. Assim, compreendemos que, em Diodoro Sículo, a feminilidade do bárbaro não somente é o ponto de partida para a expressão da barbaridade do feminino até que haja a perda total do controle sobre as mulheres, mas também é o resultado do poder das mulheres sobre os homens. Concluimos que, sendo esse o caso, dentro do ponto de vista de Diodoro, a ginococracia das Amazonas não é uma forma de governo legítima.

Controlar a barbaridade do feminino, no entanto, exige apego às normas gregas e a rejeição dos costumes bárbaros, de forma que as mulheres não sejam capazes de emascular o homem. Observamos o caso do encontro entre a rainha das Amazonas Taléstris e o rei macedônico Alexandre, o Grande. Após o encontro de rei e rainha, no qual eles estiveram juntos por treze dias com o intuito de gerar um filho, coincidentemente ou não, Alexandre passa a adotar vestimentas persas e entregar-se aos prazeres e luxos dos reis asiáticos, como foi descrito no capítulo 2, entendendo que suas conquistas já haviam atingido o ápice. Alexandre acredita poder gozar de sua boa fortuna entregando-se a excessos. Segundo o historiador Thiago Biazotto (2016, p. 89), “ainda que admita a inclinação de Alexandre pelo fausto dos reis da Ásia (πολυτέλειαν τῶν Ἀσιανῶν βασιλέων), o historiador siciliano trata de isolá-la no meio de sua narrativa, evitando voltar a referir-se a ela”. Assim, os desvios de Alexandre são pontuados, mas não evidenciados ou reprovados enfaticamente.

Enxergamos, nesse sentido, um paralelo entre o tratamento que Diodoro dá a Dioniso, descrevendo sua efeminação sem reprová-la claramente. Os bons feitos de Alexandre e Dioniso superam, para Diodoro, os excessos cometidos por eles. Ainda assim, os benefícios concedidos por Alexandre não são o suficiente para o autor encará-lo como divino e imortalizado já que, como foi pontuado no capítulo 1, o rei macedônico se caracteriza como um conquistador, não como um *culture bringer*. Não acreditamos que a relação com as Amazonas, porém, seja o suficiente para corromper Alexandre a ponto de evitar sua imortalização aos olhos de Diodoro.

No entanto, a simpatia pelo bárbaro e o bom tratamento dado às mulheres por Alexandre o aproxima das Amazonas de forma amistosa. Entendemos que Alexandre não se comporta de

forma hostil contra as Amazonas porque seu comportamento em relação às mulheres é sempre evidenciado, bem como seu respeito e consideração por elas. Por outro lado, entendemos a relação das Amazonas com Alexandre como um conjunto formado com a aquisição de costumes persas acontecidos logo após, demonstrando uma simpatia pelo bárbaro.

No Livro XVII, Alexandre é descrito como alguém que acolheu a mãe e a esposa de seu inimigo, Dário, e as tratou com todo o respeito e dignidade (DIOD. SIC., XVII, 37, 5). É adequado que, da mesma forma, ele tenha dedicado esse tratamento a Taléstris e seu séquito de trezentas mulheres guerreiras. A simpatia de Alexandre pelo bárbaro é demonstrada nas vestimentas, no envolvimento com concubinas, e ao possuir guarda-costas e camareiros persas. Alexandre ainda subornava aqueles que o censuravam por essa aproximação com o bárbaro (DIOD. SIC., XVII, 77). O tratamento dado às Amazonas, como mencionamos, está de acordo com o comportamento demonstrado logo após. Um povo ginococrata não parece inspirar Alexandre a guerrear. Pelo contrário, ele traz Taléstris para o seu leito. É possível que Diodoro esperasse uma postura mais belicosa de Alexandre? Ainda, será que Diodoro deixa de atribuir um estatuto divino a Alexandre porque ele se entregou aos excessos quando gozava de boa fortuna e havia realizado grandes conquistas? São possibilidades que consideramos fazer sentido, mas que não podemos afirmar com certeza.

De qualquer forma reforçamos que, em Diodoro Sículo, frequentemente quando há uma mulher guerreira ginococrata, está ausente uma presença masculina ou o homem possui traços de feminilização e barbaridade. Assim, entendemos a relação intrínseca presente na narrativa diodoriana entre o feminino e o bárbaro. Acreditamos ser, portanto, possível dizer que para Diodoro há um quê de barbaridade no feminino e de feminilidade no bárbaro. No entanto, essa presença não se configura como regra. É possível ser mulher guerreira e governante sem deixar de ser moderada, assim como é possível ser um homem bárbaro que não se submete a uma ginococrata. Veremos a seguir a relação entre as Amazonas e os homens pelos quais elas foram derrotadas de forma a compreender como essa situação se apresenta.

### 3.2 “SERIA TERRÍVEL SE [...] TOLERASSE ALGUM DOS POVOS GOVERNADOS POR MULHERES”: AS AMAZONAS SUBMETIDAS PELA CULTURA HELÊNICA

Nos mitos, as Amazonas normalmente são derrotadas pelos gregos, mas não necessariamente por meio da guerra. Assim, compreendemos que há uma tendência nas fontes da Antiguidade em apresentar as Amazonas submetidas pela cultura helênica. Em Diodoro Sículo a situação não se mostra diferente. Elas são submetidas claramente em três situações na

obra de nosso autor: quando Hércules enfraquece consideravelmente o povo das Amazonas do Termodonte ao ir em busca do cinturão de Hipólita (DIOD. SIC., II, 46, 3-4; IV, 16); quando os atenienses derrotam as Amazonas remanescentes que haviam invadido Atenas em represália pelo rapto de Antíope durante a campanha de Hércules (DIOD. SIC., IV, 28) e quando a rainha Pentesileia das Amazonas do Termodonte, última que havia se destacado entre elas, é morta por Aquiles na Guerra de Tróia (DIOD. SIC., II, 46, 5).

Quanto às Amazonas de Héspera, a situação é um pouco mais complexa. A rainha Mirina é derrotada por trácios e citas, dando fim à sua expedição (DIOD. SIC., III, 55, 10). Não fica claro se antes ou depois disso<sup>18</sup>, as Amazonas são convocadas por Dioniso para a Titanomaquia, e aceitam lutar sob o comando de Atena, por uma identificação com sua valentia (ἀνδρείας / andreías) e virgindade (παρθενίας / parthenías) (DIOD. SIC., III, 71). Por fim, de qualquer forma, elas são totalmente derrotadas por Hércules quando ele esteve na Líbia erguendo as colunas que levariam seu nome (DIOD. SIC., III, 55, 3). Compreendemos que Mirina é vencida por povos bárbaros partindo do pressuposto que apontamos anteriormente: os bárbaros, para Diodoro Sículo, são vistos sob uma perspectiva positiva ou negativa dependendo de suas ações. A questão principal para o autor nesse sentido é a inversão de papéis e a submissão dos homens às mulheres. Os trácios e os citas nesse caso demonstram a sua própria bravura ao enfrentar inimigas que dominaram grande parte da Ásia, e provam seu valor guerreiro e masculino – os nomes de Mopso e Sípilo são claramente mencionados – ao derrotar Mirina e dispersar seu exército, fazendo as Amazonas retornarem à Líbia. Posteriormente, elas são dizimadas por Hércules. Da mesma forma, quando Hércules abre um precedente com as Amazonas do Termodonte derrotando-as, os povos bárbaros se revoltam contra elas e acabam com o seu poderio sobre a Ásia. Assim, percebemos a multiplicidade de percepções que Diodoro Sículo tem sobre os bárbaros e sua capacidade de agência.

Citamos alguns e algumas autoras(es) ao longo da Dissertação que falam sobre a inferioridade e incapacidade dos bárbaros e do feminino, e concordamos com elas em alguns sentidos, mas é necessário observar que na prática, para além da teoria, quando os autores da Antiguidade estão escrevendo sobre homens e mulheres, suas perspectivas não são monolíticas. Especialmente no caso de Diodoro Sículo, sua extensa obra nos mostra um tratamento que não solidifica o bárbaro e a mulher como inferiores. O homem bárbaro e a mulher, grega ou bárbara, são criticados pelo autor na medida em que não se comportam moderadamente em relação ao outro, permitindo, por exemplo, que a barbaridade e selvageria presentes no feminino

---

<sup>18</sup> Aparece ser depois, pois a narrativa vem adiante no livro.

emasculem o homem bárbaro. Entendemos que este é o problema para o autor. De outro modo, homens e mulheres bárbaras podem aparecer como reis e rainhas poderosos sem sofrer críticas.

No que concerne à cultura helênica, a primeira derrota sofrida pelas Amazonas do Termodonte mencionada na **Biblioteca Histórica** é pelas mãos de Hércules, quando ele recebeu o trabalho de conseguir o cinturão da amazona Hipólita (DIOD. SIC., II, 46, 3-4). No entanto, Diodoro Sículo desenvolve a narrativa somente no Livro IV ao tratar da vida de Hércules. Portanto, nesse momento, discutiremos a derrota de Penteseleia sofrida pelas mãos de Aquiles na Guerra de Troia, acontecida poucos anos depois (DIOD. SIC., II, 46, 5).

[...] durante a guerra troiana, afirmam que Penteseleia, a rainha das Amazonas sobreviventes, que era filha de Ares, depois de haver cometido um assassinato familiar, fugiu de sua pátria por causa do crime. Aliada com os troianos depois da morte de Heitor, eliminou muitos gregos e, depois de distinguir-se [ἀριστεύσασαν / aristeýsasan] em combate, perdeu heroicamente [ἡρωικῶς / heroikós] a vida, eliminada por Aquiles. Dizem, pois, que essa foi a última das Amazonas que se destacou em valentia [ἀνδρεία / andreía]; daí em diante, o povo foi diminuindo e se debilitou totalmente (DIOD. SIC., II, 46, 5-6)<sup>19</sup>.

Um elemento interessante a ser percebido é que a primeira narrativa sobre Penteseleia, na **Etiópida** de Arctino de Mileto<sup>20</sup>, apresenta Aquiles apaixonando-se por ela após a sua morte. Este elemento torna-se uma tradição na representação de Aquiles e Penteseleia, na literatura grega antiga. Destacamos sua aparição em Pseudo-Apolodoro, provavelmente contemporâneo ou posterior a Diodoro Sículo, pois em sua **Biblioteca** o autor nos traz mais detalhes sobre o motivo para a participação de Penteseleia na Guerra de Troia que estão ausentes em Diodoro.

Penteseleia, filha de Otrera e Ares, após matar Hipólita involuntariamente, foi purificada por Príamo. Matou muitos em combate, entre eles Macáon, e morreu em seguida às mãos de Aquiles, que, tendo se apaixonado pela amazona após sua morte, matou Tersites por haver zombado dele (APOLLOD. EPIT., E.5.1).

Assim, ligada a Príamo após ser purificada por ele pela morte de um familiar, Penteseleia decidiu auxiliar o rei na guerra. O que devemos nos perguntar, no entanto, é: por que Diodoro Sículo decide não incluir no embate descrito brevemente entre Aquiles e Penteseleia a tradição da paixão desse herói pela amazona? É provável que, de acordo com seus objetivos, Diodoro tenha considerado inapropriado apresentar um herói grego apaixonando-se por uma amazona.

<sup>19</sup> κατὰ τὸν Τρωικὸν πόλεμόν φασι Πενθεσίλειαν τὴν βασιλεύουσαν τῶν ὑπολελειμμένων Ἀμαζονίδων, Ἄρεος μὲν οὖσαν θυγατέρα, φόνον δ' ἐμφύλιον ἐπιτελεσαμένην, φυγεῖν ἐκ τῆς πατρίδος διὰ τὸ μύσος. συμμαχήσασαν δ' ἐ τοῖς Τρωσὶ μετὰ τὴν Ἔκτορος τελευτὴν πολλοὺς ἀνελεῖν τῶν Ἑλλήνων, ἀριστεύσασαν δ' αὐτὴν ἐν τῇ παρατάξει καταστρέψαι τὸν βίον ἡρωικῶς ὑπ' Ἀχιλλέως ἀναιρεθεῖσαν. τῶν μὲν οὖν Ἀμαζονίδων ἐσχάτην ταύτην λέγουσιν ἀνδρεία διενεγκεῖν, καὶ τὸ λοιπὸν αἰεὶ τὸ ἔθνος ταπεινούμενον ἀσθενῆσαι παντελῶς.

<sup>20</sup> Preservada na **Crestomatia** de Proclo e citada no capítulo 2 desta Dissertação.

Acreditamos que o intuito do autor com sua narrativa sobre as Amazonas seja mostrar como a barbaridade do feminino pode ser domesticada por meio da submissão da mulher à cultura helênica, o que inclui o casamento, a maternidade e o exercício de um papel doméstico. Ao negar todas essas designações normativas da elite grega, o que resta às Amazonas, ao menos do ponto de vista de Diodoro Sículo, é a derrota. Apresentar Pentesileia e Aquiles como um casal, não se enquadra nessa lógica e enfraquece o herói, algo muito bem lembrado por Tersites, que zomba da paixão de Aquiles pelo cadáver da amazona e que é, afinal, morto pelo herói.

Mas não só de atributos negativos existem as Amazonas de Diodoro Sículo. Elas não se configuram enquanto covardes como seu órgão sexual parece indicar para o autor. Pelo contrário, é um povo poderoso de mulheres vigorosas, fortes e corajosas. Colocá-las sob este prisma as torna inimigas potentes à altura dos gregos, e que trazem glória a eles por combatê-las e vencê-las. Por outro lado, o fato de serem tão poderosas representa um perigo e, já que os bárbaros geralmente não são capazes de derrotá-las sozinhos, a intervenção grega é necessária. Isso justifica o combate com elas porque, como vimos anteriormente, ao erradicar da οἰκουμένη / oikouméne os povos ginococratas, Hércules estava beneficiando a todos. De outra forma, também mostra como a educação e a constituição física gregas são superiores às bárbaras, pois o último suspiro, da ἀνδρεία / andreía e do poder das Amazonas do Termodonte, assim como as Amazonas de Héspera, é dado sob o fio da espada de Teseu, Aquiles e Hércules.

Algumas das palavras utilizadas por Diodoro Sículo para descrever e, especialmente, enaltecer as Amazonas, são o seu vigor (ἀλκή / alké); a sua força física (ῥώμη / róme); a sua virtude (ἀρετή / areté), destacada constantemente ao longo das narrativas; a glória (δόξα / dóxa) e o poder (δύναμις / dýnamis) adquiridos pelo povo por meio de suas conquistas territoriais; o fato de que muitas delas morriam em batalha heroicamente (ἡρωικῶς / heroikós). Acima de tudo, o autor destaca a sua valentia (ἀνδρεία / andreía), termo que merece maior atenção.

Segundo Penrose Jr. (2016) no Período Clássico da história grega, a virtude (ἀρετή / areté) dos guerreiros, passa a ser expressa pelo termo ἀνδρεία / andreía. O termo é, portanto, um atributo da masculinidade, especificamente, demonstra a coragem. Mas o autor afirma que os gregos possuíam uma noção de masculinidade feminina, citando como exemplo Antígona, que enterra o corpo do irmão contra as ordens do rei Creonte. O rei acredita que o ato foi cometido por um homem. “Ele não consegue conceber que uma mulher pudesse ser tão ousada. [...] [Antígona] desafia a lei da terra, mas obedece a lei dos deuses” (PENROSE JR., 2016, p. 36). Assim, segundo autor, “a lealdade de Antígona e [sua irmã] Ismene é generificada como masculina e, portanto, elas são sexificadas como “homens” (PENROSE JR., 2016, p. 37).

Ainda segundo o Penrose Jr., uma noção de masculinidade feminina aparece nos textos hipocráticos quando da concepção de uma criança, momento em que as sementes produzidas por homens e mulheres competem no útero e há seis resultados possíveis. “A expressão de gênero de uma criança não era pensada como presa ao seu sexo biológico” (PENROSE JR., 2016, p. 40). Assim, a masculinidade feminina se dava caso o pai gerasse uma semente masculina e a mãe uma semente feminina, e aquela produzida pela mãe vencesse a competição, nascendo uma mulher “ousada”, dotada de θράσος / thrásos. Se o pai gerasse uma semente feminina e a mãe gerasse uma semente masculina, e aquela produzida pelo pai vencesse a competição, o resultado era uma mulher masculina. Porém, apesar de haver espaço para a compreensão da masculinidade em mulheres, o autor considera que a presença de θράσος / thrásos nelas era algo a ser desencorajado.

O termo ἀνδρεία / andreía, no entanto, que inicialmente parece designar aquela mulher que é masculina ou que possui coragem como aquela possuída pelos homens, como Antígona, após a tradução do Antigo Testamento para o grego, passa a ser vista, segundo Penrose Jr. (2016), como uma mulher que luta para preservar a sua castidade. Assim, o autor nos mostra como o termo ἀνδρεία / andreía possui uma multiplicidade de sentidos quando atribuído às mulheres ao longo do tempo, do lugar e por diferentes autores. Nas palavras de Penrose Jr.:

Para os atenienses clássicos, como Sófocles, *andreia* significava proeza marcial e era considerada uma característica masculina. Sócrates argumentou que as mulheres possuíam *andreia*, no entanto, e até os tragediógrafos se empolgaram com a ideia de que uma mulher pudesse possuir tais proezas marciais. O contato cultural entre gregos e judeus no período helenístico levou a uma nova definição do termo *andreia*. A tradução grega do Antigo Testamento hebraico, a *Septuaginta* e o tratado *As Mulheres Inteligentes e Corajosas na Guerra*, descrevem as mulheres que atuaram para preservar sua castidade usando o adjetivo *andreia* [corajosa]. Musônio e Plutarco também amarraram a virtude de *andreia* à castidade (PENROSE JR., 2016, p. 65-66).

No caso da utilização do termo ἀνδρεία / andreía por Diodoro Sículo, todos os significados apresentados pelo autor parecem fazer sentido quando aplicados às Amazonas. Sua coragem e proeza marcial de fato se assemelham àquelas que são atribuídas aos homens, o que de certa forma as torna masculinas, especialmente em virtude de todos os outros elementos associados a elas, como o exercício militar e político. O ponto principal é que Diodoro utiliza termos como ἀνδρεία / andreía, ἀλκή / alké e ἀρετή / areté para enaltecer as Amazonas. A forma como ele as descreve é uma forte mistura entre fascinação e horror. Ao mesmo tempo em que elas são incríveis no sentido literal do termo: extraordinárias e inacreditáveis (o autor chega a descrever suas histórias como παραδοξολογία / paradoxología, “conto maravilhoso”, no Livro II, 44, 3), as Amazonas também são motivo para se impressionar negativamente.

Conforme explicitamos anteriormente, Diodoro exalta as Amazonas para apresentá-las como combatentes dignas dos heróis gregos e, ao mesmo tempo, acentua seus excessos para tornar justificável a vitória sobre elas. Essas mulheres não somente são corajosas, virtuosas e vigorosas, como também fogem de tudo aquilo que os gregos consideravam o papel da mulher. Portanto, é necessário colocá-las em seu devido lugar, mas de forma digna, enfrentando-as em campo de batalha como as exímias guerreiras que são. Devemos lembrar ainda que as Amazonas aparecem na literatura inicialmente, como bem colocado por Hardwick (1990), como um motivo para o alcance heroico, no mesmo nível de feitos como decapitar Medusa (Perseu), derrotar o Minotauro (Teseu), derrotar a Quimera (Belerofonte), dentre outros. A questão heroica aparece nas Amazonas de Diodoro Sículo, pois sua ἀνδρεία / andρεία, ἀλκή / alké e ἀρετή / areté engrandecem a vitória de Hércules, Teseu e Aquiles sobre elas.

De fato, Eckhart (2007) compreende que as Amazonas não possuem um sentido independente na **Biblioteca Histórica**, mas são justamente parte do caminho percorrido pelo herói rumo a sua glória, sendo os heróis Dioniso, Hércules, a cidade de Atenas e Alexandre. Apesar de considerarmos as conclusões da autora acertadas de acordo com seu recorte e objetivo, percebemos elementos próprios de nossa abordagem interseccional que exigem a análise dos elementos de gênero e identidade cultural presentes nas Amazonas de Diodoro Sículo de forma a compreender o que está nas entrelinhas da utilização destas guerreiras como motivo para o alcance heroico. Apresentá-las como inimigas virtuosas, corajosas e vigorosas não parece ser o bastante quando nosso autor deixa explícita a sua opinião sobre os comportamentos das Amazonas enquanto mulheres guerreiras, rainhas e conquistadoras. Não somente *vale a pena* combater as Amazonas como elas *merecem* ser combatidas. Em outras palavras, as Amazonas “cavam a própria cova” com seus comportamentos desmoderados.

A mais importante derrota sofrida pelas Amazonas na **Biblioteca Histórica** é pelas mãos de Hércules. Diodoro se refere a esse episódio três vezes ao narrar o mito das Amazonas, a primeira no Livro II sobre as Amazonas do Termodonte, a segunda no Livro III sobre as Amazonas de Héspera e, finalmente, no Livro IV, onde dedica um capítulo inteiro para a descrição do nono trabalho de Hércules: trazer para o rei Euristeu o cinturão da amazona Hipólita. Enquanto Hipólita é, via de regra, retratada como rainha das Amazonas na literatura grega antiga, Diodoro Sículo a apresenta somente como “a amazona”. Segundo Diodoro, segue a narrativa:

Ao receber a ordem de trazer o cinto de Hipólita, a Amazona, Hércules empreendeu a expedição contra as amazonas. Ele fez um percurso em direção a Ponto, que por sua ação foi chamado Euxino, continuou até a foz do rio Termodonte e acampou ao lado



da cidade de Temiscira, onde ficava o palácio real das Amazonas. Primeiro, ele pediu a elas o cinto que lhe fora exigido; mas como não o atenderam, ele lutou contra elas. A maior parte das amazonas enfrentou os numerosos homens de Hércules, mas as mais ilustres enfrentaram o próprio Hércules e travaram uma luta amarga. [...] Depois de capturar as mais ilustres amazonas e forçar a fuga da massa restante, ele matou a maioria delas, para que seu povo fosse completamente arruinado. Quanto aos cativos, ele deu Antíope a Teseu e libertou Melanipe, levando o cinturão em troca (DIOD. SIC., IV, 16)<sup>21</sup>.

Percebemos nestas passagens que Diodoro dá detalhes sobre as Amazonas mais ilustres (τίμιος / tímios) de Temiscira, citando-as nominalmente. Não é mero acaso que tenham sido elas a enfrentar Hércules. Nesse sentido, concordamos com a análise de Eckhart (2007), que observa a precisão de detalhes como os nomes das Amazonas com significados claros de forma geral e que indicam a proeza que Hércules está realizando ao derrotar oponentes que não são comuns. Além disso, a falta de menção a seus companheiros, segundo a pesquisadora citada acima, demonstra que o maior obstáculo das Amazonas era Hércules e, a falta de detalhes sobre como as Amazonas morrem, mostra que tais pormenores não são necessários, já que, segundo Eckhart (2007), Hércules era invencível. O significado dessa passagem, para a autora, relaciona-se com a força das Amazonas como oponentes e com a capacidade de quem consegue encará-las e derrotá-las.

No entanto, apesar de o episódio do cinturão de Hipólita claramente fazer parte de uma narrativa que busca enaltecer Hércules e construí-lo como um herói benfeitor (εὐεργέτης / euergetes) da οἰκουμένη / oikouménē que mereceu ser deificado e adorado, não podemos desvincular esta passagem das outras que relacionam o herói as Amazonas. Notavelmente a narrativa presente no Livro III. Como já mencionamos anteriormente, ambas as Amazonas do Termodonte e as de Héspera são derrotadas por Hércules. No caso das primeiras, o golpe final para a decadência do povo é dado por Aquiles ao matar Pentesileia. As segundas, porém, são totalmente eliminadas por Hércules, “pois considerava que seria terrível se, tendo se disposto a favorecer a descendência dos homens em comum (τὸ γένος κοινῇ τῶν ἀνθρώπων εὐεργετεῖν), tolerasse algum dos povos governados por mulheres (τῶν ἐθνῶν γυναικοκρατούμενα)” (DIOD. SIC., III, 55, 3).

<sup>21</sup> Ἡρακλῆς δὲ λαβὼν πρόσταγμα τὸν Ἰππολύτης τῆς Ἀμαζόνος ἐνεγκεῖν ζωστήρα, τὴν ἐπὶ τὰς Ἀμαζόνους στρατείαν ἐποίησατο. πλεύσας οὖν εἰς τὸν Εὐξείνιον ἀπ’ ἐκείνου κληθέντα Πόντον, καὶ καταπλεύσας ἐπὶ τὰς ἐκβολὰς τοῦ Θερμώδοντος ποταμοῦ, πλησίον Θεμισκύρας πόλεως κατεστρατοπέδευσεν, ἐν ἧ τὰ βασιλεία τῶν Ἀμαζόνων ὑπῆρχε. καὶ τὸ μὲν πρῶτον ἦτι παρ’ αὐτῶν τὸν προστεταγμένον ζωστήρα: ὡς δ’ οὐχ ὑπήκουον, συνῆψε μάχην αὐταῖς. τὸ μὲν οὖν ἄλλο πλῆθος αὐτῶν ἀντετάχθη τοῖς πολλοῖς, αἱ δὲ τιμιώταται κατ’ αὐτὸν ταχθεῖσαι τὸν Ἡρακλέα μάχην καρτερὰν συνεστήσαντο. [...] Ἡρακλῆς δὲ τὰς ἐπιφανεστάτας τῶν Ἀμαζονίδων ἀνελὼν καὶ τὸ λοιπὸν πλῆθος φυγεῖν συναναγκάσας, κατέκοψε τὰς πλείστας, ὥστε παντελῶς τὸ ἔθνος αὐτῶν συντριβῆναι. τῶν δ’ αἰχμαλωτῶν Ἀντιόπην μὲν ἐδώρησατο Θησεῖ, Μελανίπην δ’ ἀπελύτρωσεν ἀντιλαβὼν τὸν ζωστήρα.

Muntz (2017), nos informa sobre a existência de um debate entre autores como Diodoro Sículo, Cícero e Varro no final da República Romana “acerca da natureza da divindade e a habilidade dos mortais de alcançá-la” (MUNTZ, 2017, p. 183). Segundo ele, “é claro que Cícero e Varro (e Diodoro) não escrevem independentemente da política de meados dos anos 40, mas devem ser vistos no contexto do debate sobre as honras que César recebeu nos últimos anos de sua vida” (MUNTZ, 2017, p. 184). Ainda segundo o autor, Diodoro utiliza seus *culture bringers* bárbaros como Osíris e Ísis para justificar o culto ao governante e, provavelmente, para apoiar a deificação de César, como já foi demonstrado no capítulo 1. Sendo assim, observamos a importância de ser um benfeitor (εὐεργέτης / euergétes) da οἰκουμένη / oikouménē para atingir o objetivo final: receber honras imortais.

No caso de Hércules, o processo percorrido para sua deificação inclui enfrentar as Amazonas. Nesse sentido, aprofundamos um passo à análise feita por Eckhart (2007). As Amazonas de fato são inimigas dotadas de todos os adjetivos positivos que repetimos diversas vezes anteriormente, o que torna a batalha contra elas algo que dignifica aquele que é capaz de derrotá-las. No entanto, reforçamos: as Amazonas, por serem um povo ginecocrata, *devem* ser combatidas, e esta questão fica explícita na passagem citada anteriormente. É um *dever* de um εὐεργέτης / euergétes como Hércules garantir o exercício da melhor forma de governo que, claramente, *não é* a ginecocracia. Assim, compreendemos que parte do processo de ser divinizado para Diodoro Sículo inclui, para os homens, observar a ordem social da elite greco-romana e manter as mulheres em seu devido lugar, não permitindo que elas tenham um papel maior do que aquele que lhes é designado. Não se pode correr o risco de ter seu território submetido por elas. Para as mulheres da elite, por outro lado, cumpre observar, da mesma forma, as normas estabelecidas e manter-se dentro delas.

Durante a narrativa sobre os doze trabalhos de Hércules, Diodoro Sículo faz uma interrupção para tratar novamente das Amazonas. Sendo que o herói não havia eliminado a todas, as que restaram se uniram aos citas, formando um exército notável para buscar vingança pelo que havia sido feito a elas na expedição de Hércules. Atravessaram o Bósforo, percorrendo a Trácia em direção à Ática, onde acamparam em um lugar que ficou conhecido como “Amazonu” (DIOD. SIC., IV, 28, 1-3), que segundo as notas do tradutor Francisco Alàsa (2001, p. 84), ficava na encosta do Areópago, e onde se prestava culto às Amazonas nas festividades anuais atenienses a Teseu, segundo Walter Penrose Jr. (2016).

Segundo Diodoro Sículo, as Amazonas “tinham um desejo especial de punir os atenienses porque Teseu havia escravizado [καταδεδουλώσθαι / katadedoulósthai] aquela que

comandava [ἡγεμόνα / hegemóna] as Amazonas, Antíope ou, como outros escrevem, Hipólita” (DIOD. SIC., IV, 28, 1)<sup>22</sup>.

Quando Teseu soube da irrupção das Amazonas, ele veio em auxílio das forças de seus cidadãos, levando consigo a amazona Antíope, com quem teve um filho, Hipólito. Ele se engajou em combate com as Amazonas e, como os atenienses eram superiores em valor [ἀνδραγαθίας / andragathíais], os que lutaram ao lado de Teseu venceram e, das Amazonas que o confrontaram, algumas foram mortas e outras expulsas da Ática. Antíope, que lutou ao lado do marido [τάνδρι / tandrí] Teseu, destacou-se [ἀριστεύουσας / aristeýousan] na batalha e terminou sua vida heroicamente [ἥρωικῶς / heroikós]. As amazonas sobreviventes renunciaram à sua terra natal, voltaram com os citas para a Cítia e se estabeleceram com eles. (DIOD. SIC., IV, 28, 3-4)<sup>23</sup>.

O ponto principal a ser abordado acerca desta passagem é Antíope se tornando esposa e mãe. Lembramos que as Amazonas do Termodonte são conhecidas por meio da **Biblioteca Histórica** por mutilarem as pernas e os braços de seus filhos homens. Portanto, é emblemático o fato de Antíope ser mãe de Hipólito. Apesar de manter seu caráter guerreiro de amazona e lutar na batalha, Antíope luta não por sua liberdade, mas *a favor* dos atenienses e de seu marido Teseu. Para Diodoro, nesse sentido, não parece ser um problema que a amazona pegue em armas, especialmente porque ele enaltece seu destaque em batalha e sua morte heroica. No entanto, é notável que, até então, a amazona era parte de um povo acostumado a subjugar os homens e a recusar a instituição do matrimônio e o exercício da maternidade da forma como era esperado das mulheres gregas. Porém, rapidamente, após ser escravizada e forçada para dentro dessas normas, parece adaptar-se tão bem a elas, a ponto de erguer sua espada contra aquelas que vieram em seu socorro. Antíope, apesar de não deixar de ser uma amazona, como é o tempo todo reforçado por Diodoro, parece aceitar o lugar que lhe foi forçado.

Entendemos que o casamento de Antíope com Teseu é uma demonstração de como a barbaridade do feminino pode ser domesticada. Assim, uma mulher que pertence a seu marido, que é mãe de seus filhos e que respeita o seu lugar na hierarquia social – preferencialmente a greco-romana –, está desempenhando seu papel corretamente e seu potencial caótico está sob controle. O fato de que os homens Amazonas não são capazes de impor respeito sobre as suas

<sup>22</sup>διαφορότατα δὲ τοὺς Ἀθηναίους ἐφιλοτιμοῦντο διὰ τὸ τὸν Θησέα καταδεδουλωθῆαι τὴν ἡγεμόνα τῶν Ἀμαζόνων Ἀντιόπην, ὡς δ' ἔνιοι γράφουσιν, Ἴππολύτην.

<sup>23</sup>Θησεὺς δὲ πυθόμενος τὴν τῶν Ἀμαζόνων ἔφοδον ἐβοήθει ταῖς πολιτικαῖς δυνάμεσιν, ἔχων μεθ' ἑαυτοῦ τὴν Ἀμαζονίδα Ἀντιόπην, ἐξ ἧς ἦν πεπαιδοποιημένος υἱὸν Ἴππόλυτον. συνάψας δὲ μάχην ταῖς Ἀμαζόσι, καὶ τῶν Ἀθηναίων ὑπερεχόντων ταῖς ἀνδραγαθίας, ἐνίκησαν οἱ περὶ τὸν Θησέα, καὶ τῶν ἀντιταχθειῶν Ἀμαζονίδων ἃς μὲν κατέκοψαν, ἃς δ' ἐκ τῆς Ἀττικῆς ἐξέβαλον.

συνέβη δὲ καὶ τὴν Ἀντιόπην συναγωνισαμένην τάνδρι Θησεῖ, καὶ κατὰ τὴν μάχην ἀριστεύουσας, ἥρωικῶς καταστρέψαι τὸν βίον. αἱ δ' ὑπολειφθεῖσαι τῶν Ἀμαζόνων ἀπογονοῦσαι τὴν πατρίαν γῆν, ἐπανῆλθον μετὰ τῶν Σκυθῶν εἰς τὴν Σκυθίαν καὶ μετ' ἐκείνων κατώκησαν.

mulheres e sequer conseguem se casar com elas, mostra também como ser educado na cultura helênica possibilita que os homens gregos sejam mais aptos para exercer o papel que é designado a eles, de acordo com os papéis de gênero que o discurso masculino almejava estabelecer na sociedade grega.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta Dissertação, estudamos cinco livros da obra de Diodoro Sículo, **Biblioteca Histórica**, escrita no século I a.C., analisando o mito das Amazonas narrado em seis diferentes momentos pelo autor. Realizamos uma análise interseccional entre gênero e identidade cultural e pudemos observar como Diodoro Sículo compreende a relação entre o feminino e o bárbaro. Ainda, conseguimos entender por que o autor, em uma obra de História Universal, inclui a narrativa mítica com tanta ênfase. Trabalhando nas fronteiras entre mito e história, masculino e feminino, greco-romano e bárbaro, acreditamos que nosso trabalho possa agregar elementos nas análises sobre a sociedade grega.

Como observamos ao longo da pesquisa, Diodoro Sículo é um autor ciente dos acontecimentos político-sociais que o cercaram e bem inserido nos debates intelectuais de seu tempo. O autor não somente conhece o mundo que o cerca, como também, demonstra interesse em atuar ativamente nele, criando uma obra que influencie os seus leitores a levar uma vida justa e moderada, inspirada nos exemplos históricos que ele traz. Diodoro constrói uma obra ambiciosa, buscando abarcar toda a história do mundo que ele conhece, e podemos dizer que, com tamanho empreendimento, o autor provavelmente esperava que ela sobrevivesse ao tempo e influenciasse as vidas daqueles que estavam por vir.

Nesse sentido, como a **Biblioteca Histórica** é uma obra com objetivo educacional, era necessário que Diodoro utilizasse um dos maiores recursos educacionais da história grega: o mito. Apesar de estar ciente da dificuldade de trabalhar com relatos divergentes e impossíveis de datar com precisão ou confirmar a veracidade, o autor se esforça para dar um sentido e organizar as narrativas míticas. Sobretudo, ele molda as narrativas para que elas se adequem ao seu objetivo. O que Diodoro Sículo pretendia ensinar aos seus leitores ao falar sobre mulheres guerreiras e governos ginococratas? Por meio do mito das Amazonas, o autor expressa seu descontentamento com o comportamento sem moderação. Ele aceita a possibilidade de existirem mulheres na política e na guerra, provavelmente porque a História e sua própria contemporaneidade traziam exemplos de rainhas guerreiras, mas ele se coloca contra aquelas mulheres que desejam usurpar o lugar dos homens e rebaixá-los a uma posição humilhante.

Por meio do mito, Diodoro expressa o que pensa sobre o feminino e sugere como as mulheres podem ser imortalizadas de forma positiva na História: realizando grandes ações pelo bem da humanidade, mas sob a autoridade de seus maridos. Parece também haver a opção de permanecer virgem, incorrupta, imaculada e, portanto, sob a autoridade do pai ou irmão. Para o autor, o feminino é inferior ao masculino. Possui intrinsecamente a rebeldia e a covardia, e

sendo incapaz de enfrentar o masculino, precisa incapacitá-lo e dominá-lo. O feminino está presente nas mulheres, mas também nos homens. Em homens bárbaros asiáticos, a feminilidade se expressa por meio da covardia e da delicadeza, e os assírios, persas e homens amazonas são os exemplos favoritos de Diodoro. Pensando assim, homens greco-romanos também podem se corromper, e o autor traz de passagem o exemplo da aquisição de costumes bárbaros por Alexandre, o Grande.

Portanto, observamos que, na narrativa de Diodoro, há uma barbaridade presente no feminino. Ou seja, para além das fronteiras da Hélade, em que a educação grega não chega, quaisquer excessos são possíveis. No feminino, está presente o desejo de subverter a ordem, entregar-se aos prazeres e a comportamentos exagerados. E no bárbaro está presente também o feminino. Pois se o feminino tende ao excesso e no espaço além da fronteira a subversão da ordem é possível, o bárbaro também tem em si a feminilidade. Tem aquela delicadeza que tende à fraqueza, a covardia que tende à tirania. Entendemos que na obra de Diodoro o feminino e o bárbaro não somente possuem elementos em comum, mas estão interseccionados. É quando o feminino se torna bárbaro e o bárbaro se torna feminino que a ordem desejada pelo autor escapa, pois é possível ser feminino sem ser bárbaro, e ser bárbaro sem ser feminino. É possível ser uma mulher como Atena, virgem e benfeitora, é possível ser um homem como Dioniso, delicado e benfeitor. É possível também ser bárbaro como Ísis e Osíris, ambos benfeitores. Mas quando se é como as Amazonas, Semíramis, Sardanápalo ou os homens amazonas, eis aí o grande problema.

O ponto fundamental da narrativa de Diodoro é a moderação ligada à realização de boas ações dirigidas à humanidade. Quando algum deles – ou ambos – está em falta, o sujeito é digno de críticas. É importante ressaltarmos que os conceitos de feminino e bárbaro trabalhados por nós, dizem respeito ao nosso entendimento teórico de como a **Biblioteca Histórica** foi construída por Diodoro. Acreditamos que talvez essas distinções não estivessem tão claras para o autor como estão para nós quando buscamos dar um sentido para a sua obra. Assim, ressaltamos a observação desses elementos na narrativa das Amazonas, pois não acreditamos que ele tenha uma visão monolítica sobre a História e a sociedade. Afinal de contas, o autor demonstrou claramente conotações positivas principalmente a bárbaros como os egípcios, o que levou a autora Cynthia Mota (2008) a compreender que para Diodoro os egípcios sequer são bárbaros. Da mesma forma, ele é capaz de elogiar mesmo as Amazonas, apesar do tom negativo com que ele as apresenta. A valentia delas o impressiona, e a presença desse atributo que pode ser entendido como masculino nas mulheres, não parece ser um problema para um autor.

Diodoro Sículo expressa o seu entendimento, de como as relações de gênero devem estar estabelecidas: a mulher é livre para agir como quiser, desde que sob a autoridade de um homem ou com adequada educação e observância da moderação. O homem, por outro lado, deve ser firme e assumir a dianteira, e não deve se esconder atrás de uma mulher ou deixar-se dominar por ela. O homem tem a predominância sobre a mulher, e a mulher não deve predominar sobre o homem. Da mesma forma, características masculinas também são superiores às femininas. As mulheres femininas que observam a ordem como Ísis estão corretas, mas também estão corretas as mulheres que possuem atributos da masculinidade como Atena. É quando elas deixam a barbaridade, a falta de moderação se manifestar como nas Amazonas e Semíramis, que elas incorrem no erro. Homens masculinos como Hércules e Júlio César são o ápice da humanidade. Homens femininos como Dioniso podem igualmente ter papel de destaque, mas não podem se deixar afundar nos aspectos mais excessivos da feminilidade como Sardanápalo.

Ao observarmos a cultura grega por alto, muitas vezes determinamos as relações entre homens e mulheres como fixas e acreditamos que as mulheres são vistas pelos autores como invariavelmente inferiores. Essas concepções não se sustentam após uma análise atenta. Organizamos nesta Dissertação nossas conclusões sobre as visões de Diodoro Sículo de forma que se tornem compreensíveis e esquematizadas, mas na escrita do autor suas ideias sobre gênero não estão tão claras e sistematizadas. Saltam aos olhos as críticas sobre a ginococracia e, em um primeiro olhar, poderíamos entender que Diodoro Sículo é extremamente misógino. Mas ao analisarmos alguns de seus livros como um todo e estarmos atentas aos detalhes de sua narrativa, percebemos que ele mostra nas entrelinhas detalhes de seu mundo em tons de cinza, não dicotômico.

Como apresentamos, Diodoro possui sim uma visão misógina e deixa isso presente em sua narrativa. Mas sua obra também mostra mulheres atuando ativamente na sociedade apesar do que costumamos ler em filósofos e historiadores. O fato é que, se olharmos para o passado, percebemos que temos em mãos somente uma parte de tudo o que foi produzido na Antiguidade e que a grande maioria dessas obras foram escritas por homens. É claro que nessas obras eles demonstraram sua visão sobre as mulheres e muitas vezes direcionaram seu ódio a elas. O fato é que na Grécia Antiga homens possuíam a predominância sobre as mulheres, entendia-se que eles eram melhores que elas. Talvez muitas mulheres também acreditassem nisso.

Mas a teoria é diferente da prática do dia a dia. Algo que aprendemos pesquisando sobre as Amazonas é que o Mundo Antigo está repleto de mulheres que tomaram a frente na política e na guerra, especialmente fora das fronteiras da Hélade, mas também no mundo greco-romano.

Entendemos que os relatos que estudamos tratam de mulheres das elites, que foram proeminentes em suas sociedades de alguma forma, especialmente como rainhas. Como pensar, então nas mulheres pobres e escravizadas? Será que as normativas de gênero que filósofos e historiadores apresentam em suas obras se aplicam também para aquelas mulheres que precisavam trabalhar lado a lado com os homens para sobreviver? Diodoro Sículo deixa escapar algumas dessas situações sobre povos na África e na Itália, como citado no capítulo 2. Percebemos que mulheres de elite, ao longo da História Antiga, fizeram o que podiam para sua sobrevivência, pela sobrevivência de sua família e de seu povo. Elas não puderam ser apagadas da História, e algumas foram descritas sob duras críticas, mas outras são reconhecidas e elogiadas. O que sabemos sobre aquelas mulheres que não pertenciam às elites? O que elas faziam de suas vidas e o que elas pensavam sobre si mesmas?

É comum que as considerações finais venham cheias de questionamentos que a fonte não foi capaz de responder. No entanto, Diodoro Sículo, um homem da elite, nos traz uma luz tanto sobre aquilo que ele diz, bem como aquilo que ele não diz. O que concluímos a partir da leitura do autor é que as mulheres eram bastante ativas socialmente na Antiguidade, mesmo sob duras críticas e mesmo com limitações. Afinal de contas, é necessário viver e sobreviver, e quando se é pobre, órfã ou viúva, certamente é necessário tomar as rédeas de sua vida. Da mesma forma, quando se é esposa e mãe, é possível demonstrar seu descontentamento ou aconselhar os homens da casa em decisões políticas. A História Antiga está cheia de exemplos que não puderam ser apagados, de mitos que permitiram a entrada de mulheres fortes como as Amazonas no imaginário social da Grécia, e são diversas as reflexões que podemos nos permitir ao analisar com cuidado essas narrativas.

A **Biblioteca Histórica**, além de deixar escapar algumas questões sobre Estudos de gênero e nos permitir uma análise interseccional entre gênero e identidade cultural na narrativa de Diodoro Sículo, traz o posicionamento, ainda que não direto, do autor sobre os acontecimentos contemporâneos a ele. Diodoro viveu em um contexto político delicado, acompanhando a carreira de Júlio César, seu assassinato e a guerra entre Marco Antônio e Otávio. Tudo isso impactou na publicação de sua obra, já que Diodoro expressava sua visão sobre Roma, mesmo que de forma contida. Nesta Dissertação, falamos muito sobre “as fronteiras da Hélade” e “as normas sociais gregas”. Por que, quando no século I a.C., momento em que Roma dominava boa parte do Mediterrâneo, não trocamos “Grécia” por “Roma”?

Pelo motivo de Diodoro ser um crítico de Roma e parece acreditar que as atitudes de homens como Otávio podem levar a decadência e queda do Império. Da mesma maneira, o autor é muito sensível à forma como sua terra natal, a Sicília, é tratada por Roma, e ele



desaprovava o tratamento dado por Otávio. Por outro lado, César era o contemporâneo que Diodoro mais admirava. Ainda assim, escolhemos termos que se referissem à identidade grega do autor porque ela está calcada em séculos de uma cultura comum e posto que Diodoro dá um grande destaque para a História da Grécia e os mitos gregos em sua obra. Toda a sua mitologia tem como referência a grega. O Império Romano possuía sob si diversos povos de diversas culturas já no século I a.C., e consideramos mais seguro centrar nossa análise na cultura grega do que incluir Roma, já que Diodoro não parecia se identificar como romano. No entanto, temos noção de que a Grécia, e mesmo a mitologia grega, que Diodoro nos apresenta já é uma temática em contato com os romanos e em diálogo com elementos culturais latinos.

Apresentamos nesta Dissertação o envolvimento de Diodoro Sículo com o contexto político de sua época de forma a compreender o autor e sua obra como um todo. Inicialmente acreditamos na possibilidade de o mito das Amazonas e a forma crítica como o autor trata a ginecocracia, ser uma referência ao governo de Cleópatra VII no Egito. Como a rainha era diretamente envolvida com as duas figuras políticas contemporâneas que Diodoro parecia mais se afeiçoar, Júlio César e Marco Antônio, acreditamos que o governo das Amazonas poderia fazer referência ao egípcio. No entanto, não encontramos evidências na obra que pudessem sustentar nossa hipótese. De fato, apesar de Diodoro ser bastante preocupado com questões contemporâneas, nem todos os detalhes de sua obra fazem referência direta aos acontecimentos do século I a.C. Muitos estão ligados aos seus objetivos mais gerais, focados na educação e na moralidade.

Assim, todas as questões que ele apresenta refletem de alguma forma o seu tempo: o contexto político, os debates intelectuais ou seus objetivos enquanto historiador. E o seu propósito certamente está relacionado às necessidades de seu tempo: boas ações e comportamento moderado. De alguma forma, Diodoro acreditava que influenciar seus leitores nesse sentido poderia transformá-los positivamente. E sua visão de gênero e identidade cultural está alinhada nesse sentido: como as mulheres e homens que tivessem contato com a sua obra deveriam levar as suas vidas de forma a serem imortalizados de forma positiva pela História.

Nesse sentido, a partir de nossas leituras, não conseguimos chegar diretamente em elementos que nos pudessem ajudar a sustentar hipóteses sobre a narrativa do autor em torno das Amazonas uma vez que ligado ao contexto político romano do século I a.C., percebemos sua narrativa relacionada aos objetivos gerais do autor. No fim das contas, aquelas mulheres guerreiras serviram como exemplo de como não governar e de como não se comportar enquanto mulher. Serem derrotadas pelos heróis gregos mostrou que o melhor caminho para as mulheres foi o da educação grega e o comportamento moderado. Ao mesmo tempo, devemos nos lembrar

das conotações positivas que as Amazonas também tiveram, que são a sua bravura, valentia, coragem, sua habilidade com as armas e sua força no combate. Assim como a deusa Atena, talvez isso traga uma possibilidade para as mulheres. Desde que bem-educadas e comportadas, sua bravura e seus atos corajosos também podem ser bem-vistos pela História.

Em dois anos e meio de pós-graduação, foi possível ter um contato mais aprofundado com a pesquisa histórica e entender principalmente as limitações que o tempo de escrita da Dissertação nos traz. Aprendemos a definir até onde seria possível abordar o tema de forma a entregar um material completo e coeso, e compreendemos que nosso trabalho não esgota as possibilidades de análise do tema. De qualquer forma, acreditamos ter trazido um aspecto pouco explorado acerca do mito das Amazonas na **Biblioteca Histórica**, possibilitando a contribuição para o desenvolvimento de outros trabalhos relacionados ao tema. Ainda, esperamos que colabore para o debate, com críticas e o aprofundamento em trabalhos posteriores, nossos ou de outros autores, sobre o assunto, de forma a consolidar os estudos sobre as Amazonas na Antiguidade no Brasil.

Especialmente, apesar de trabalharmos com o conceito de gênero em sua intersecção com identidade cultural, e compreendermos que “gênero” vai muito além da História das Mulheres, acreditamos ter suscitado importantes reflexões sobre o feminino na Antiguidade. Nossa pesquisa nos permitiu, enquanto mulheres, entrar em contato com o passado e compreender que nem só de opressão vivemos ao longo da História. As Amazonas são exemplos de como os gregos antigos entendiam os povos nômades das estepes eurasiáticas, e observar a existência de povos em que as mulheres possuíam mais autonomia, nos fez olhar para o passado com maior discernimento. Em um sentido social – já que a História é uma ciência social e humana que busca impactar o presente por meio da compreensão do passado – analisar as Amazonas nos permitiu compreender que nós, mulheres não somos historicamente vítimas. Somos sujeitos históricos definidos por nossas ações, não pela ação de um opressor sobre nós.

Infelizmente, o mito das Amazonas em Diodoro Sículo não nos possibilitou falar sobre as experiências de mulheres reais, mas de mulheres imaginadas e descritas por um homem. Ainda assim, podemos pensar nas mulheres da Antiguidade vivendo de acordo com as necessidades que o contexto apresentava a elas, e jogando com as normas sociais para atingir os seus objetivos. Pensar a interseccionalidade é pensar como diferentes marcadores de identidade se cruzam para construir mulheres e homens como indivíduos e comunidades, não como opressões se combinam para tornar nossas vidas piores, contemporaneamente ou historicamente. Acreditamos que trazer mulheres ativas socialmente na História nos ajuda a pensar a partir do sujeito, não da opressão. É interessante compreender quais as ações de

mulheres e homens para enfrentar as opressões, como o povo se posiciona contra aquilo que busca destruí-lo. Apesar de nossa Dissertação não contemplar essas discussões, acreditamos que finalizá-la incitando a reflexão e o debate nesse sentido também é parte do que aprendemos com essa pesquisa.

Estudar a obra Diodoro Sículo também nos lembra de nossa função social enquanto historiadoras, a de contribuir para a mudança de uma sociedade melhor. À sua própria maneira e respondendo as necessidades do período, Diodoro buscou fazer isso. Mesmo que busquemos respostas para nossas perguntas de forma científica, com método, crítica, forma sistemática, é parte de ser Professora-Historiadora inserir os objetivos educacionais que sejam capazes de tocar de forma pessoal o público-alvo, fazendo-se compreensível e impactando vidas. Nessa direção, a docência também exige grande responsabilidade e, por isso, compreendemos a conclusão do Mestrado e desta Dissertação não como um final, mas como um início. O início da construção de uma carreira profissional, do aprendizado com as próprias falhas e do aprofundamento dos estudos, agindo em direção a uma sociedade mais justa e em que haja mais respeito a si e ao próximo.



## REFERÊNCIAS

### Documentais

DIODORO DE SICILIA. **Biblioteca Histórica**: Libros I-III. Introducción, traducción y notas de Francisco Parreu Alasà. Madrid: Editorial Gredos, 2001.

DIODORO DE SICILIA. **Biblioteca Histórica**: Libros IV-VIII. Traducción y notas de Juan José Torres Esbarranch. Madrid: Editorial Gredos, 2004.

DIODORO DE SICILIA. **Biblioteca Histórica**: Libros XV-XVII. Traducción y notas de Juan José Torres Esbarranch y Juan Manuel Guzmán Hermida. Madrid: Editorial Gredos, 2011.

DIODORUS SICULUS. **Library of History**, Volume II: Books 2.35-4.58. Translated by C. H. Oldfather. Loeb Classical Library 303. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1935.

DIODORUS SICULUS. **Library of History**, Volume VIII: Books 16.66-17. Translated by C. Bradford Welles. Loeb Classical Library 422. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1963.

ESTRABÓN. **Geografía**: Libros XI-XIV. Introducción, traducción y notas de M.<sup>a</sup> Paz de Hoz García-Bellido. Madrid: Editorial Gredos, 2003.

GATTI, Ícaro. **A Crestomatia de Proclo**. Tradução integral, notas e estudo da composição do códice 239 da *Biblioteca* de Fócio. Dissertação de Mestrado em Letras Clássicas. São Paulo: USP, 2012.

HERÓDOTO. **História**. Tradução de J. Brito Broca. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

HOMER. **The Iliad**. Translation by A.T. Murray. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1924.

### Bibliográficas

ALASÀ, Francisco Parreu. Introducción. In: DIODORO DE SICILIA. **Biblioteca Histórica**. Libros I-III. Madrid: Gredos, 2001, p. 7-132.

BENNET, Florence Mary. **Religious Cults Associated with the Amazons**. New York: Columbia University Press, 1912.

BLAZOTTO, Thiago. **Sob o signo do grande rei**: a barbarização de Alexandre Magno em Diodoro Sículo, Quinto Cúrcio, Plutarco e Arriano. 2016. **241f**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2016. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/321590>>. Acessado em: 08 jul. 2021.

BLOK, Josine. **The Early Amazons**: Modern & Ancient Perspectives on a Persistent Myth. Leiden; New York; Köln: E. J. Brill, 1994.

BLUNDELL, Sue. Women in Myth. In: BLUNDELL, Sue. **Women in Ancient Greece**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação, **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, 2006.

CABRAL, Luiz Alberto Machado. **A Biblioteca do Pseudo Apolodoro e o estatuto da mitografia. 2013. 159f.** Tese (Doutorado em Linguística). UNICAMP, 2013.

Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270758>>. Acessado em: 08 jul. 2021.

CAIRUS, Henrique F. Ares, águas e lugares. In: CAIRUS, H. F.; RIBEIRO JR., W. A. **Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, p. 91-129.

CONDILO, Camila. Mito e história nas Histórias de Heródoto. **História da Historiografia**, n. 26, jan./abr. 2018, p. 13-39.

ECKHART, TammyJo. **An author-centered approach to understanding Amazons in the Ancient World.** (Tese Ph. D., História Antiga). Bloomington: Universidade de Indiana, 2007.

GONÇALVES, Talita. O feminino como 'outro': uma abordagem acerca da alteridade na antiguidade grega, **Hélade**, v. 3, n. 3, 2018, p. 9-18.

GUARINELLO, Norberto. Ordem, Integração e Fronteiras no Império Romano: um ensaio. **Mare Nostrum**, v. 1, 2010, p. 113-127.

HARDWICK, Lorna. Ancient Amazons – Heroes, Outsiders or Women? **Greece and Rome**, v. 37, n. 1, abr. 1990, p. 14-36.

HARTOG, François. **Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

MAYOR, Adrienne. **The Amazons: lives and legends of warrior women across the ancient world.** Princeton (USA); Woodstock (UK): Princeton University Press, 2014.

MOTA, Cynthia Cristina de Moraes. **As lições de história universal da Biblioteca Histórica de Diodoro de Sicília como processo educativo da humanidade. 2008. 241f.** Tese

(Doutorado em História Social) São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-02102009-160347/publico/CYNTHIA\\_CRISTINA.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-02102009-160347/publico/CYNTHIA_CRISTINA.pdf)>. Acessado em: 08 jul. 2021.

MUNTZ, Charles E. **Diodorus Siculus and the World of the Late Roman Republic.** New York: Oxford University Press, 2017.

PENROSE JR., Walter Duvall. **Postcolonial Amazons: Female Masculinity and Courage in Ancient Greek and Sanskrit Literature.** Oxford; New York: New York University Press, 2016.

PEREIRA, Vera Lúcia C. **As deusas gregas virgens face ao poder de Afrodite. 2009. 130f.** Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2009.

Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/251534>>. Acessado em: 8 jul. 2021.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras, **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, jul./dez. 2008, p. 263-274.

ROBERTSON, Erwin. Mito y utopía en los confines del mundo. La geografía fantástica de Diodoro de Sicilia. **Intus-Legere Historia**, v. 2, n. 2, 2008, p. 9-25.

SACKS, Kenneth. **Diodorus Siculus and the first century**. Princeton: Princeton University Press, 1990.

SANTOS, Dominique dos. Mito e pensamento entre os gregos: uma discussão sobre os termos μυθος, ἀλήθεια, λόγος e παιδεία, **Revista Mundo Antigo**, ano I, v. 1, n. 2, dez. 2012, p. 27-53.

SANZ, Arturo Sánchez. Mujeres guerreras: el mito amazónico en la Grecia Arcaica y Clasica. In: DIAS; SILVA; CAMPOS. **Experiências Religiosas no Mundo Antigo**. v.2. Curitiba: Prismas, 2017, p. 145-168.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica, **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, p. 71-99.

SCOTT, Joan. Gender: Still a Useful Category of Analysis? **Diogenes**, v.1, n. 57, 2010, P. 7-14.

SILVA, Semíramis Corsi. **O Império Romano do sofista grego Filóstrato nas viagens da Vida de Apolônio de Tiana (século III d.C.). 2014. 399f.** Tese (Doutorado em História). Franca: UNESP, 2014. Disponível em: <  
[https://www.academia.edu/12124883/O\\_Imp%C3%A9rio\\_Romano\\_do\\_sofista\\_grego\\_Fil%C3%B3strato\\_nas\\_viagens\\_da\\_Vida\\_de\\_Apol%C3%B4nio\\_de\\_Tiana\\_s%C3%A9culo\\_III\\_d\\_C\\_>](https://www.academia.edu/12124883/O_Imp%C3%A9rio_Romano_do_sofista_grego_Fil%C3%B3strato_nas_viagens_da_Vida_de_Apol%C3%B4nio_de_Tiana_s%C3%A9culo_III_d_C_>). Acessado em: 08 jul. 2021.

SILVA, Semíramis Corsi. Identidade cultural e gênero no Principado Romano: uma proposta de análise interseccional das representações do imperador Heliogábalo (século III EC), **Phoënix**, 2018, n. 2, p. 142-166.

VERNANT, Jean-Pierre. **Entre Mito & Política**. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: USP, 2009.